

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**A PRESENÇA DO SAGRADO NO COMÉRCIO:
UMA ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS ENTRE OS(AS)
COMERCIANTES DE JUIZ DE FORA**

Gustavo Gobbi Novaes

Juiz de Fora

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**A PRESENÇA DO SAGRADO NO COMÉRCIO:
UMA ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS ENTRE OS(AS)
COMERCIANTES DE JUIZ DE FORA**

Gustavo Gobbi Novaes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCSO-UFJF) como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Doutor Carlos Francisco Perez Reyna

Juiz de Fora, 2017.

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Novaes, Gustavo Gobbi.

A presença do sagrado no comércio : uma etnografia das práticas religiosas entre os(as) comerciantes de Juiz de Fora / Gustavo Gobbi Novaes. -- 2017.

172 f. : il.

Orientador: Carlos Francisco Perez Reyna

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2017.

1. Ações religiosas. 2. Etnografia. 3. Comerciantes. 4. Estabelecimentos comerciais. I. Reyna, Carlos Francisco Perez, orient. II. Título.

**A PRESENÇA DO SAGRADO NO COMÉRCIO:
UMA ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS ENTRE OS(AS)
COMERCIANTES DE JUIZ DE FORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (área de concentração: Antropologia) da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

DOUTOR CARLOS FRANCISCO PEREZ REYNA – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

DOUTORA RAQUEL DOS SANTOS SOUSA LIMA
Universidade Federal de Viçosa

DOUTOR LEONARDO DE OLIVEIRA CARNEIRO
Universidade Federal de Juiz de Fora

*Dedico este trabalho à minha querida esposa,
Janine.*

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sou grato por me permitir realizar tal estudo, sem ter de me preocupar em como me arranjar financeiramente durante o período da pesquisa.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, que me proporcionou a oportunidade de prestar o Mestrado em Ciências Sociais.

Ao Professor Doutor Carlos Francisco Perez Reyna. Sem seu aceite para orientar esta empreitada, a pesquisa não teria sido possível. O Professor Reyna mostrou-se um orientador assíduo e compreensivo, sempre pronto a atender minhas dúvidas, compreender meus anseios e conversar sobre os percalços do estudo.

À minha querida esposa Janine Neves de Oliveira, que esteve do meu lado sempre que precisei.

À minha mãe Lila, por ter me dado extremo apoio em toda a minha jornada. Ao meu pai Antônio, igualmente, com carinho.

À minha sogra Gecy Lessa Neves, pelo apoio dado a mim por todo esse tempo.

Aos(às) colaboradores(as) dessa pesquisa, uma vez que, sem eles, seria, de fato, impossível destinar tal contribuição para a cidade de que tanto gosto: Juiz de Fora.

Aos/às colegas que angariei ao longo do curso de mestrado.

A todos(as) os(as) professores da Pós-Graduação em Ciências Sociais que, de várias maneiras, prestaram todo o apoio para a realização dessa empreitada antropológica.

À minha banca de qualificação, nas figuras dos Professores Doutores Marcelo Ayres Camurça e Leonardo de Oliveira Carneiro, pelas importantíssimas dicas, referências, orientações, bem como disponibilidade e boa vontade de esclarecerem dúvidas que tive, durante todo esse processo.

Aos Professores Doutores Raquel dos Santos Sousa Lima, Leonardo de Oliveira Carneiro, Renata de Castro Menezes e Marcelo Ayres Camurça Lima – estes dois últimos na

qualidade de suplentes – pelo aceite da participação na minha banca de defesa. Fico lisonjeado pelo quilate de tais professores, pelos quais nutro admiração acadêmica, compondo a minha banca.

Enfim, a todos aqueles(as) que, diariamente, fazem a instituição funcionar: os Técnicos Administrativos e a todos(as) os(as) funcionários(as) da manutenção e limpeza. Seu trabalho é importantíssimo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo uma interpretação das práticas religiosas e/ou de tradições e saberes populares, materializados por comerciantes juizforanos, no interior de seus estabelecimentos. Foi realizada uma etnografia, a partir da qual se observou que muitos comerciantes da cidade possuem o costume de fixar objetos de caráter religioso, bem como aqueles derivados de saberes populares, em vários lugares, no interior de seus estabelecimentos comerciais, tais quais: imagens de santos católicos e orixás; crucifixos; oratórios; terços; orações em pôsteres; quadros com motivos religiosos; medalhas; santinhos; ferraduras; plantas, como a “espada-de-são-jorge”, “comigo-ninguém-pode” e pimenteiras; pinturas bíblicas em paredes; bíblias; caboclos; dentre outros objetos que evocam as religiões e divindades afro-brasileiras, ou oriundos de múltiplas práticas do mundo esotérico. Nesse sentido, o objetivo principal desta pesquisa está em compreender o porquê desse hábito de muitos comerciantes. Para tanto, o recorte de pesquisa incidu sobre o centro comercial principal da cidade, na sua região central, uma vez que este representa o mais significativo ponto de convergência comercial de Juiz de Fora. Foi possível, dessa maneira, chegar à conclusão de que tais comerciantes não fixam seus objetos de natureza religiosa e de saberes populares por uma simples questão de proteção local, mas, também, porque eles mantêm relações profundas – muitas vezes marcadas por aprendizados e pertenças religiosas antigas, que informam as suas ações religiosas, nos mais variados âmbitos de suas vidas – com seus santos, orixás, entidades, dentre outras divindades.

Palavras-chave: Ações religiosas; Etnografia; Comerciantes; Estabelecimentos comerciais.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour but l'interprétation des pratiques religieuses et/ou des traditions et connaissances populaires matérialisées par des commerçants à Juiz de Fora, à l'intérieur des établissements. Il y a été réalisée une ethnographie à partir de laquelle on a observé l'habitude des commerçants de la ville de déplacer des objets de caractère religieux, aussi bien que ceux issus des connaissances populaires, dans les établissements commerciaux, comme: des images de saints catholiques et des «orixás » ; des cruxifix ; des oratoires ; des chapelets ; des affiches de prières; des portraits aux motifs religieux ; des médailles ; des images petites des saints, de la Vierge ou de Jésus Christ ; des fers à cheval ; des plantes, comme le « espada-de-são-jorge », « comigo-ninguém-pode » et les poivriers; des peintures bibliques sur les murs ; des bibles ; des « caboclos » ; parmi d'autres objets qui évoquent les religions et les divinités afro brésiliennes ou qui viennent des différentes pratiques du monde ésotérique. Dans ce sens, l'objectif principal de cette recherche est de comprendre la raison de cette habitude de beaucoup de commerçants. Pour que soit possible cette étude, le centre commercial principal de la ville a été choisi comme le lieu majeur du cadre de la recherche, situé dans la région centrale, puis qu'il représente le plus significatif point de référence commercial à Juiz de Fora. Il y a été possible, donc, de conclure que ces commerçants ne place pas ses objets de nature religieuse ou populaire motivés seulement par la protection de l'endroit, mais aussi, parce qu'ils maintiennent des relations profondes – fréquemment issues des apprentissages et des appartenances religieuses anciennes qui engendrent des actions religieuses, dans les plus divers domaines de ses vies – avec ses saints, « orixás », entités et d'autres divinités.

Mots clé : Actions religieuses ; Ethnographie ; Commerçants ; Établissements commerciaux.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O CAMPO: INSERÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO.....	27
1.1 Juiz de Fora: breve consideração sobre seu comércio e seu campo religioso.....	27
1.2 Sistematização da abordagem ao campo.....	28
1.2.1 Primeira fase de campo.....	30
1.2.2 Segunda fase de campo.....	39
CAPÍTULO 2 – OS OBJETOS RELIGIOSOS, OS AMBIENTES COMERCIAIS E OS COMERCiantES.....	44
2.1 A presença dos santos católicos nos comércios: o caso dos proprietários católicos....	44
2.2 As práticas religiosas e os comércios relacionados às religiões afro-brasileiras.....	65
2.3 A manifestação de práticas evangélicas nos comércios: o caso dos proprietários evangélicos.....	81
2.4 A presença de objetos e práticas Nova Era nos comércios: o caso dos proprietários adeptos do movimento da Nova Era.....	89
2.5 As orações, preces, gestos, dentre outras manifestações imateriais, entre os comerciantes.....	94
2.6 A presença de objetos religiosos e oriundos de saberes populares estrangeiros, nos comércios.....	101

2.7 As superstições entre os comerciantes.....	106
2.8 A presença de plantas “protetoras” nos comércios: o caso de alguns comerciantes que as utilizam.....	115
2.9 A presença da Religiosidade Mínima Brasileira (RMB) nos comércios.....	120
CAPÍTULO 3 – OUTRAS DIMENSÕES DOS FAZERES RELIGIOSOS DOS COMERCIANTES.....	127
3.1 O sagrado no contexto dos ambientes comerciais.....	127
3.2 Práticas religiosas privatizadas.....	135
3.3 Os padrões identificados.....	144
CONCLUSÃO	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
ANEXO A.....	163
ANEXO B.....	167

INTRODUÇÃO

Certo dia, na época em que fazia graduação no curso de História, eu estava em um bar, no qual era de costume tomar minhas cervejas. Em dado momento, quando entrei para pegar outra cerveja, percebi algo que me chamou a atenção: no alto de uma parede, dessas que não se ligam inteiramente ao teto, jaziam três estátuas de porte médio. A primeira era aquela típica estátua de São Jorge, com armadura medieval, sobre o cavalo branco, destemidamente abatendo um dragão; a segunda, ao lado da primeira, era uma imagem de Nossa Senhora Aparecida; e, por fim, a terceira, talhada em madeira vermelha envernizada, era a estátua de um caboclo, figura índia cultuada, enquanto entidade, por umbandistas. Curioso, perguntei ao dono do bar, que atendia pelo apelido de Lourinho, hoje falecido, o porquê de ele ter colocado aquelas estátuas ali. Ele riu e respondeu-me, matreiramente e de maneira não muito séria, que aquilo era “para a proteção do ambiente”.

Passei, a partir de então, a destinar mais atenção, de maneira descompromissada, ao interior dos estabelecimentos comerciais, quando ia à rua fazer qualquer coisa. Depois de algum tempo observando o interior de estabelecimentos comerciais, comecei a reconhecer uma imensa riqueza de objetos religiosos, dentro dessas lojas. Passado o tempo, fui, aos poucos, procurando amadurecer a ideia, pensando em como poderia vir a realizar, um dia, uma possível pesquisa acerca do tema das práticas religiosas e/ou de saberes populares, materializadas por comerciantes, dentro de seus estabelecimentos. Desde que comecei a observar seus interiores, tenho encontrado grande variedade de santos; crucifixos; oratórios; terços; orações em pôsteres; quadros com motivos religiosos; santinhos¹; ferraduras; plantas, como a “espada-de-são-jorge”, “comigo-ninguém-pode” e pimenteiras; pinturas bíblicas em paredes; bíblias sobre balcões; caboclos, dentre outros objetos e divindades de religiões afro-brasileiras; objetos oriundos das múltiplas práticas do mundo esotérico; dentre outros.

Por todos os bairros em que se encontram estabelecimentos comerciais, pode-se observar a presença desses objetos. Essa pluralidade material é visível, a ponto de ser possível encontrar a expressão de várias matrizes religiosas, tanto de âmbito local, quanto de tradições e saberes populares estrangeiros. Além do antigo e amplo panteão católico e afro-brasileiro, parece que a característica cosmopolita da cidade, como destino de fluxos imigratórios

¹ Santinhos são papéis nos quais vêm impressos uma imagem gráfica de um santo acompanhada de uma oração.

recentes e antigos, transformou-a em ponto de convergência da presença de práticas religiosas e tradições populares, trazidas e internalizadas dentro da cultura local.

Considerando, aqui, a realidade moderna como dotada de forma cultural fluída, plural e transcultural, contendo, portanto, frequentes interações de fluxos de migrações e imigrações (HANNERZ, 1997), pode-se encontrar, na cidade, a materialização de objetos de tradições religiosas orientais, como estátuas do Buda, dentre outras divindades de origem japonesa, chinesa ou do mundo folclórico europeu, imagens de santos como São Charbel, de origem síria, assim como muitas outras que passaram, a partir de sua presença, a constituir um aumento da pluralidade existente no campo religioso² local. Esses objetos constam nas práticas religiosas e de conhecimentos populares dos/das comerciantes, em Juiz de Fora, no interior de seus comércios, compondo, muitas vezes, uma verdadeira diversidade de expressões do sagrado, em um mesmo ambiente.

Tal pluralidade de usos e manipulações simbólicas, entre os indivíduos, tem apontado, como afirma Negrão (2008), para um novo paradigma informador da realidade moderna, que exprime formas de espiritualidade plurais, abertas a novas experiências e influências fluídas, ensejando percursos religiosos significativamente mutantes, no que diz respeito às pertencas diversas. Ao mesmo tempo, ainda perduram certas formas religiosas tradicionais, mas, não obstante, sem qualquer rigidez capaz de manterem-se cristalizadas, tendo em vista a robusta expansão da expressão dessas espiritualidades de novo tipo e as modificações qualitativas que ela opera:

Dentro dessa nova espiritualidade cabem expressões religiosas concretas as mais diversas: além das influências orientais hinduístas e budistas, desde o neopaganismo (as culturas pagãs européias helênica, druídica, nórdica, céltica) até povos primitivos americanos (tribos indígenas nativas, as culturas asteca e maia) [...] Mas cabem também referências modernas, com afinidades com elementos progressistas e científicos contemporâneos, e mesmo com movimentos ambientalistas e ecológicos, tal como ocorre nos circuitos de tipo Nova Era. Além é claro, de influências provindas de tradições cristãs reinterpretadas (NEGRÃO, 2008, p. 118).

Hoje, na condição de estudante de Antropologia pelo curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e instigado por minha experiência anterior de observação descompromissada, resolvi encampar uma pesquisa que fosse capaz de

² Conceito utilizado, nesta pesquisa, no sentido em que confere Sanchis (1997), que percebe sua materialidade, compreendida em um sentido amplo de contribuições, permanentemente em processo de inflação, de matrizes culturais constituintes do passado e do presente. Tais contribuições refletem a compreensão de pertencas religiosas contaminadas mutuamente, muitas vezes contidas nas expressões sincréticas dos próprios indivíduos. No caso da realidade brasileira, cruzamentos, diversificações, ramificações, combinações e trânsitos passam a fazer parte, cada vez mais, do conjunto das experiências multiplicadas pela pluralidade de oferta religiosa, à qual a contemporaneidade está sujeita.

responder à pergunta que, a partir de então, construiu-se na minha cabeça: por que os comerciantes costumam colocar objetos religiosos³ e/ou do saber popular⁴, em seus comércios? Obviamente, não se deve contentar com resposta tão descompromissada, como aquela proferida pelo Lourinho, o dono do bar com quem falei, quando da minha primeira aproximação. Nesse sentido, aventei como hipótese, posteriormente confirmada, que, por trás da presença desses objetos, existem mais razões pelas quais os comerciantes são levados a se dar ao trabalho de fixar os mesmos, em seus locais de ofício, que não somente para o fim de uma simples medida protetiva dos seus ambientes e afazeres comerciais.

Para vislumbrar qual é o universo motivacional que aciona tais práticas entre os comerciantes, fez-se necessário saber mais sobre as malhas de suas vivências, no tocante à vida religiosa, familiar, profissional, dentre outros aspectos, que possibilitassem informar vestígios e/ou evidências capazes de responder à pergunta principal desta pesquisa. Ou seja, tornou-se necessário aprofundar o conhecimento sobre as suas múltiplas trajetórias, sendo importante, para isso, extrair o máximo de informações que revelassem o universo da subjetividade religiosa desses comerciantes. Tais informações puderam ser obtidas por meio de entrevistas de caráter semiestruturado.

Entendi como objetivo necessário para o sucesso da investigação da relação entre os comerciantes e seus objetos religiosos e de saberes populares, no interior de suas lojas, relacionar as suas espiritualidades individuais com as práticas da fixação desses objetos, em seus respectivos estabelecimentos, uma vez que, para perscrutar tal relação, fez-se necessário remeter-se a uma dimensão subjetiva da vida desses indivíduos, enquanto pessoas adeptas de uma religião ou praticantes de outras religiosidades, filosofias, grupos ou seitas.

³ Os objetos religiosos serão tratados, aqui, não esteticamente, mas como representações capazes de comunicar sentidos e de revelar valores simbólicos inerentes aos seus usos e funções. Ou seja, os objetos religiosos podem prestar-se, tal como salienta Schmitt (2007, p. 11): “[...] a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos. Isso quer dizer que participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas”. No entanto, essa abordagem remete-se, não somente, ao conjunto dos objetos religiosos oriundos da iconografia e da estatúria cristã, mas amplia-se, sob a mesma leitura conceitual, às representações materiais de outras religiões e religiosidades, em sentido amplo.

⁴ Tal conceito será utilizado no sentido em que confere Fernandes (1984) e Steil (2001, p. 32), que afirmam que as tradições e saberes populares “não podem ser tomadas como se fossem sistemas religiosos fechados, aos quais seus praticantes aderem por meio de uma conversão pessoal internalizada ou de uma escolha racional, em oposição a outros sistemas. A experiência proporcionada pelo saber popular é a de que o sagrado irrompe no mundo de muitas formas e por muitas mediações, assumindo expressões múltiplas e diversificadas para além das fronteiras das religiões institucionalizadas. Cabe ao(à) praticante beber de todas possíveis fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à plenitude e multiplicidade do sagrado”. Isso denota, ainda, um aprendizado constante por meio da transmissão de tais saberes, por meio de fontes de tradições variadas. De acordo com Fernandes (1984, p. 6): “[...] aprende-se fazendo, numa transmissão direta do conhecimento. Isto ocorre em um conjunto variadíssimo de pequenas comunidades, líderes, grupos rituais, líderes autônomos, magos, devotos, fiéis que circulam entre as muitas formas do saber (poder) religioso popular”.

No caso da devoção aos santos entre os comerciantes católicos, entende-se o que afirma Renata Menezes (2009) acerca dos devotos e da prática da devoção:

O modelo consolidado para explicar a devoção aos santos, que chamo de “modelo crítico”, seria o seguinte: uma pessoa, vivendo em uma situação de crise, pede ao santo uma “graça” para conseguir resolvê-la ou ultrapassá-la. Ao conseguir a “graça”, a pessoa torna-se devota do santo. A associação direta entre devoção e graça fornece um esquema simples para a sua interpretação, divisível nas etapas “pedir-receber-tonar-se devoto” (MENEZES, 2009, p. 123).

Contudo, a autora não considera tal conceito apenas em seu formato engessado, como descrito acima. Outras situações podem flexibilizar esse fenômeno, sendo que, em cada situação devocional, diferentes arranjos entre devoto e santo podem ser configurados de acordo com a natureza da relação. Elas podem ser mais frouxas, ou, por vezes, mais amarradas (TEIXEIRA; MENEZES, 2009). Portanto, foi possível reconhecer alguma mensuração dessas devoções, ou seja, explorar aquelas que têm maior ou menor solidez, por exemplo: lugares onde o objeto está presente somente como a referência a uma influência externa (a pedido de familiares e/ou amigos), ou, em sentido relacional mais profundo, para proteger o ambiente e/ou o indivíduo. Em todo caso, coube saber qual é o envolvimento entre o devoto e o objeto sagrado existente, pois podem existir diferentes envolvimento contidos na relação. Dessa maneira, Oliveira (2011, p. 82) afirma que: “A devoção aos santos, expressa por inúmeros rituais e atos piedosos voltados para suas imagens, envolve todo um movimento de trocas simbólicas, cuja importância reside em manter viva e firme a relação com o santo”.

Existem, ainda, para além da configuração da prática da devoção, no âmbito do catolicismo, relações que se organizam entre os adeptos das religiões afro-brasileiras e seus orixás ou entidades específicas. Nesse caso, a relação dá-se entre adepto e entidade, dentro de uma ordenação, que parte desde o culto a um determinado espírito, até o rito da incorporação do orixá ou de outras entidades, no corpo do iniciado. Nesse sentido, como afirmam Ligiéro e Dandara (1998, p. 129): “Em quase todas as religiões africanas, os espíritos de pessoas importantes são cultuados após a morte como ancestrés sábios, e muitas vezes retornam à terra para dividir sua sabedoria com seu povo através do ritual e do transe”.

Outro sentido relacional dá-se entre os adeptos e os objetos religiosos inerentes ao protestantismo e ao pentecostalismo. Aqui, ocorre uma negação dos usos e cultos a objetos religiosos. Nesse caso, uma orientação doutrinária impede aquilo que se entende como prática de idolatria. Desse modo, não é possível encontrar, por exemplo, imagens de santos, onde permanecem indivíduos pertencentes a esse campo religioso (WACHHOLZ, 2010). No entanto, há uma relação de grande proximidade com a palavra do evangelho, como guia moral

e ético de conduta, bem como a prática da evangelização e externalização da fé (CARNEIRO; MARIZ; MAFRA, 1998).

No mesmo sentido da pluralidade das práticas religiosas e mágicas, em que se pode alçar a espiritualidade inerente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras, pode-se inserir, ainda, outro aspecto relacional, no que tange à variada gama de entrecruzamentos de religiosidades, técnicas, disciplinas, filosofias, e práticas esotéricas. Nesse campo, pode-se observar uma grande autonomia entre o indivíduo e os múltiplos conhecimentos e técnicas, bem como uma busca por uma iluminação interior, ou abertura dos canais sensoriais, para o alcance de uma comunhão com o cosmos, ou de uma mente e corpo mais sadios, dentre outras finalidades (CAROZZI, 1999).

Cada comerciante possui, no que diz respeito à manipulação de símbolos, conhecimentos e ritos específicos a cada pertença religiosa, uma subjetividade ativada quando lida com seus objetos religiosos e/ou de saber popular, no seu ambiente comercial. Partem de caminhos diversos de operacionalização das relações com esses distintos objetos, com fins que podem variar. Nesse sentido, tais fins práticos são capazes, ainda, de informar a espiritualidade subjetivada daquele determinado indivíduo, na relação com seus objetos religiosos, no seu local de trabalho. Nesse sentido, por espiritualidade será utilizado o entendimento conceitual de José Jorge de Carvalho (1994) que, por sua vez, afirma:

[...] espiritualidade é [...] a maneira como um determinado indivíduo internaliza, desenvolve, de um modo sempre idiossincrático, aquela particular via ou modelo de união (ou re-ligação, para lembrarmos a origem do termo) proposto pela religião a que adere. Assim, espiritualidade já implica uma dimensão de subjetividade trabalhada, de experiência que transcende a norma ou a expectativa formal da comunidade (CARVALHO, 1994, p. 73).

Desse modo, são as espiritualidades externadas desses comerciantes, no interior de seus recintos comerciais, que permitem ao pesquisador observar, por exemplo, as manifestações dos vários sagrados, as práticas rituais e de culto, que estes possuem com seus objetos religiosos e do saber popular. Tais materializações puderam, mediante aprofundamento da investigação, revelar quais eram, de fato, as motivações por trás da presença desses sagrados, nesse âmbito de suas vidas.

Os estudos relativos ao fenômeno das práticas encampadas pelos comerciantes destacados nesta etnografia revelaram, portanto, um âmbito das ações religiosas e de saberes populares significativamente importante. Faz-se necessário tornar mais visíveis os liames desse aspecto da cultura religiosa de Juiz de Fora, como uma contribuição aos estudos

inerentes às práticas religiosas, no mundo urbano. No entanto, não é possível vislumbrar qualquer esgotamento de tal tema por meio desta proposta, uma vez que, pelo fato deste encontrar-se, ainda, pouco explorado, e por esta pesquisa limitar-se a uma abordagem específica, outras aplicações teóricas, metodológicas e conceituais podem ser utilizadas para uma completude maior do mesmo.

Discussão teórica

Na condição de pesquisador antropólogo inserido em uma configuração geográfica e social específica, encontro-me como um sujeito morador de uma cidade de médio porte, com grande profusão comercial. O mundo urbano tem surgido como promotor de novas formas de ver e reconhecer objetos de pesquisa capazes de detonar problemas específicos, inerentes aos seus ambientes. Ou seja, nesse “ambiente familiar”, é possível o reconhecimento de um complexo jogo que compreende, entre indivíduos de um mesmo lugar, diferentes papéis, ocupações e identidades, que podem servir como baliza investigativa. Dessa forma, Gilberto Velho (2013) compreende o mundo urbano e suas potencialidades:

Da janela do meu apartamento vejo na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil, enquanto alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos esses indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral, estou habituado com sua presença, há uma familiaridade. [...] No entanto, todos não só fazem parte da minha sociedade, mas são meus contemporâneos e vizinhos. Encontramo-nos na rua, falo com alguns, cumprimento outros, há os que só reconheço e, evidentemente, há desconhecidos também. [...] O fato é que dentro da grande metrópole, seja Nova York, Paris ou Rio de Janeiro, há descontinuidades vigorosas entre o “mundo” do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele, mesmo sendo nova-iorquino, parisiense ou carioca, possa ter experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural comparável à de viagens a sociedades e regiões “exóticas” (VELHO, 2013, p. 72-73).

Nesse sentido, tomo a utilização do arcabouço de conhecimentos da Antropologia urbana, uma vez que seu conjunto de pressupostos teóricos, conceituais e metodológicos revela significativo enquadramento, no tocante à tarefa empreendida. De acordo com tal arcabouço, a cidade passa, agora, a configurar-se, para o antropólogo, no *locus* de pesquisas significativas, capazes de gerar conhecimento científico pertinente acerca de vivências, práticas, grupos, lugares, segmentos religiosos, dentre outros.

As metrópoles têm se apresentado como palco de uma realidade complexa e múltipla em todos os sentidos, tanto culturais quanto sociais, e estão em constante transformação. Esta multiplicidade pode se expressar nos traços pessoais, nas ocupações, na vida cultural e nas ideias dos habitantes da comunidade urbana, podendo resultar em segmentações tanto espaciais como simbólicas dos indivíduos (DUTRA; RIBEIRO, 2013, p. 132).

Não se trata, por outro lado, nesta pesquisa, da abrangência de todo o grupo dos comerciantes existentes dentro da cidade de Juiz de Fora. Isso seria impossível, dado que há uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais, em toda a cidade, onde se podem encontrar tais práticas difundidas. O campo da pesquisa deu-se entre um grupo delimitado de comerciantes proprietários de estabelecimentos contidos em um recorte definido. Sendo assim, a questão não é tomar a cidade em sua totalidade como campo de pesquisa, até porque as lentes utilizadas para uma abordagem mais abrangente não são as mais adequadas, quando se trata de uma aplicação de caráter qualitativo. Nesse sentido, é importante destacar que a ação de investigação está balizada por uma visão *de perto e de dentro*, em contraste com o olhar *de fora e de longe*.

[...] nesse plano, a unidade de análise da antropologia urbana seria constituída pelas diferentes práticas e não pela cidade como uma totalidade ou uma forma específica de assentamento, configurando no que se entende antes por antropologia *na cidade* e não [...] como uma antropologia *da cidade*. Para identificar essas práticas e seus agentes foi proposta uma estratégia que recebeu a denominação de um olhar *de perto e de dentro*, em contraste com visões que foram classificadas como *de fora e de longe* (MAGNANI, 2002, p. 25, grifo do autor).

Para Magnani (1999), por meio de uma observação sistemática, dentro de um campo de pesquisa, bem como observando *de perto* determinadas ações, fenômenos, tradições e práticas dentro de grupos específicos, pode-se, com isso, detectar possíveis movimentações peculiares, situações particulares, assim como regularidades⁵, em suas ações. Para isso, torna-se necessário lançar mão de recursos ordenadores da própria pesquisa, como a confecção de levantamentos, listagens, tabelas e outros. Procurei, portanto, por meio de uma sistematização do trabalho de campo, detectar possíveis regularidades nas ações religiosas e/ou práticas de saberes populares dos comerciantes, dentro de suas lojas comerciais.

Uma teoria interpretativa revela-se, para a presente proposta, ferramenta útil à empreitada. A abordagem do tema, por meio de tal recurso, forneceu-me estrutura teórico-

⁵ Conceito utilizado como atribui Magnani (1999). Para o autor, tais regularidades podem ser detectadas, por meio de um processo de observação sistematizado. Com isso, pode-se perscrutar ações, normas de uso, ou condutas regulares, quanto a um determinado fenômeno específico. Pretendo, a partir desse instrumental, procurar determinar se há uma lógica de ação por trás de tais práticas.

conceitual para a feitura desta etnografia. A aproximação com o objeto, neste campo, permitiu-me observar, de perto, as nuances e dinâmicas do comportamento simbólico desse recorte de grupo em particular, possibilitando-me traçar, dessa maneira, um ponto de partida conceitual, capaz de traduzir essas práticas cientificamente, ou seja, utilizando-me de um arcabouço teórico-conceitual apto a dar conta da análise desse fenômeno, corrente entre o grupo selecionado:

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo [...] (GEERTZ, 1978, p. 37-38).

Portanto, torna-se necessário considerar uma reflexão sobre os comportamentos religiosos e seus imaginários. Isso implica em perceber e interpretar os esquemas pré-conceituais e simbólicos, pelos quais os indivíduos percebem o mundo. Nesse caso, tal imaginário corresponde aos aspectos peculiares das ações religiosas dos comerciantes, na relação com o espaço de seus estabelecimentos. Este imaginário está, por sua vez, ligado a imagens que povoam suas consciências religiosas, muitas vezes determinando modos de ação e comportamento (PEREIRA, 2005).

Essas ações religiosas instrumentalizam, por seu turno, objetos religiosos e de saberes populares, de várias naturezas. As qualidades que cada objeto encarna podem variar quanto à função e ao uso. Isso significa afirmar que um objeto religioso pode possuir função diferente, no que tange à instrumentalização. Nesse sentido, as relações que são configuradas entre os comerciantes e seus objetos religiosos e de saberes populares podem variar: uma relação de devoção com Nossa Senhora Aparecida não possui a mesma natureza que uma relação que se tem com um amuleto ou patuá⁶, embora possam existir representações materiais da mesma santa, com finalidades diferentes. Da mesma forma, um rito devocional configurado na doação de uma oferenda diferencia-se, pela sua natureza, da utilização de uma superstição, para o alcance de um fim desejado. Desse modo, os tipos de manipulação desses objetos, pelas suas funções e usos, foram sendo discriminados, à medida que os casos foram aparecendo, ao longo do segundo capítulo, possibilitando-me responder, portanto, se tais objetos correspondiam a um aspecto devocional, de culto, uma manipulação mágica, ou uma referência oriunda de uma doação de um amigo, enteado, dentre outras possibilidades.

⁶ Espécie de amuleto ao qual se atribui o poder mágico de proteger seu portador – que o carrega consigo –, de infortúnios, guardando-o de aflições e malefícios.

Com o processo de inserção e vivência do campo, percebi que as práticas religiosas e de saberes populares, encontradas entre os comerciantes, podem ser abordadas pela utilização de conceitos próprios ao campo dos estudos da religião. Nesse sentido, podem-se identificar, nas ações religiosas dos indivíduos, misturas de práticas, de saberes e trânsitos religiosos significativos. Muitos comerciantes demonstraram não se prenderem a apenas uma denominação religiosa, circulando, muitas vezes, por entre as alternativas existentes, de modo que os trânsitos revelaram-se fenômenos correntes entre aqueles que deram seus relatos, nas entrevistas.

Para Almeida e Montero (2001), o campo religioso tem sofrido, nas últimas décadas, um intenso processo de fragmentação institucional, que tem permitido grande circulação de pessoas, por entre o crescente número de alternativas religiosas. Esse fenômeno, de acordo com os autores, pode ser visto por meio de um duplo movimento: a circulação das pessoas pelas diversas denominações religiosas, e o processo de reelaboração de práticas e crenças, a partir da passagem por diversas pertencas religiosas. As experiências de trânsitos religiosos, pelas quais passaram os colaboradores diretos dessa pesquisa, foram abordadas de uma forma ou de outra.

Em pesquisa realizada por Negrão (2008), na cidade de São Paulo, com o fim de visualizar tal fenômeno, percebeu-se, de fato, uma variedade de relações de indivíduos religiosos com as múltiplas referências e denominações, presentes no campo religioso em questão. Observaram-se duplas pertencas, a circulação irrestrita de indivíduos por diferentes grupos religiosos, bem como o retorno, em alguns casos, à denominação de origem. Ou seja, em seu levantamento, o autor visualizou todo um gradiente de situações de trânsito, salientando que:

Os relatos de depoentes são eloquentes quanto à demonstração da peculiaridade da dinâmica de nosso campo religioso no que diz respeito à restrita participação institucional/sacramental de seus agentes, sua intensa circulação por diferentes grupos religiosos, o acesso a velhas e novas crenças e práticas e, ainda, no que respeita à crescente individualização do religioso, vivido em duplicidades ou mesmo multiplicidades. [...] Entre os casos que implicam conversão e memberships tradicionais, e aqueles outros cuja religiosidade é construída individualmente e sem, ou quase sem, participação em grupos religiosos organizados, há todo um gradiente de situações (NEGRÃO, 2008, p. 124-125).

Nesse sentido, é importante salientar que, para o autor, existe uma tendência a essa circulação, ou seja, uma predisposição a se conhecer novas religiões, religiosidades, grupos, dentre outros, entre os indivíduos religiosos. Parece haver, aqui, uma concepção pouco hierarquizada das religiões. As pessoas passam a buscar, em outras opções religiosas,

experiências complementares ou adicionais, que sejam eficazes na resolução de seus problemas e aflições.

A maioria dos mutantes ou futuros mutantes religiosos aceita com naturalidade os convites que lhes são feitos, vai conhecer diferentes grupos, submete-se a tratamentos espirituais com esperança e sem hesitações. Há, portanto, uma predisposição favorável a conhecer, participar e submeter-se a experiências religiosas variadas, pois todas são vistas como igualmente boas e como caminhos alternativos para o mesmo Deus. E creio também que a boa receptividade aos convites e às participações provenha de certa tradição popular em considerar as diferentes religiões como equivalentes funcionais no que se refere à concessão de proteção e quanto à orientação comportamental (NEGRÃO, 2008, p. 130).

Além da confirmação da existência de significativo trânsito, observa-se a utilização de símbolos e de saberes de diversas tradições, dentro dos estabelecimentos comerciais. A profunda presença do fenômeno do sincretismo⁷ atentou para a necessidade da utilização de uma abordagem conceitual capaz de dar conta da complexidade de cruzamentos interculturais, de maneira que não redunde na superficialidade. Dessa maneira, a utilização da compreensão conceitual de Sérgio F. Ferretti (1995) mostrou-se pertinente, uma vez que se, por um lado, o autor percebe o fenômeno como algo intrínseco às religiões, por outro, defende o emprego do conceito, por meio de um aprofundamento aplicativo, atribuindo-lhe variantes interpretativas, como: justaposição, paralelismo, mistura, separação, convergência, dentre outras.

O contato com os comerciantes permitiu-me perceber que os mesmos tratam seus objetos religiosos e de saberes populares, de maneira diferenciada. Ou seja, tais objetos nunca são alocados em qualquer lugar do recinto comercial, mas posicionados de maneira a demonstrar a existência de uma dimensão muito forte de respeito e consideração por aquela determinada representação. Por outro lado, pareciam inexistir demarcações rígidas entre o que é lugar do sagrado e o que é lugar do profano, entre a institucionalidade religiosa e essas realidades. Desse modo, os lugares de um e de outro passavam a compor um aspecto da trama investigativa da pesquisa, uma vez que a presença de uma espécie de transbordamento do sagrado evidenciou-se, em minhas observações. Os comerciantes traziam, para dentro de seus ambientes de trabalho, coisas e práticas religiosas, rompendo com a lógica de que tais lugares

⁷ A utilização do conceito de sincretismo, na concepção de Sérgio F. Ferretti (1995), para a análise e interpretação de pertencimentos religiosos com alto grau de fusões de conhecimentos e símbolos, segue uma aplicação que, além de despreconceitualizada, no sentido de reconhecer que todas as religiões são dotadas em maior ou menor nível de mistura, procura empregar uma relação ampliada de sentidos, dentro do próprio conceito. Ou seja, sincretismo, aqui, explicita-se por meio de um conjunto amplo de variantes, capazes de permitir interpretação mais aprofundada da pluralidade de arranjos interculturais, como nas relações “candomblé-catolicismo”, ou “umbanda-kardecismo-catolicismo”, ou “catolicismo-esoterismo”, e outros diversos arranjos possíveis, pois existem graus de interação com configurações variadas, e, de fato, com possibilidades de interações sincréticas em níveis, igualmente, variados (GOMES; PEREIRA, 1998). É importante, para o autor, utilizar o conceito de maneira coerente com os aspectos e o tipo de ênfase aos quais se quer dar à interpretação, em uma dada pesquisa.

eram ou deveriam ser geograficamente distintos. Como salienta Carneiro (2009), a presença do sagrado, ao contrário das interpretações de alguns autores, pode complementar-se com a presença ou a permanência do profano, pois quando o pesquisador emprega uma abordagem detida na agência religiosa, passa a observar, de fato, que essas fronteiras não podem ser vistas como estanques, mas imbricadas, borradas e, portanto, complementares. Nesse sentido, a realidade identificada, nesta pesquisa, respondeu a ações religiosas de caráter transterritorializado. Os vários conteúdos do sagrado deslocam-se, demonstrando uma característica de mobilidade, para além das fronteiras convencionais da presença do sagrado. A observação desse fato trouxe à tona a necessidade, em capítulo próprio, de uma discussão conceitual capaz de permitir a compreensão de uma leitura que endosse o fato dessa interpenetração de fronteiras. Para a construção desse debate, chamo as contribuições de Pereira (2005), Carneiro (2009), Amaral (2003), Eliade (2010), Rosendahl (2014), Van Genep (2011), dentre outros autores, cujas análises compõem posições divergentes acerca dessa questão relacional entre os espaços do sagrado e os espaços do profano.

Outro aspecto percebido foi o fenômeno que remonta a relações religiosas de caráter privatizado. Tais ações religiosas parecem ter se dado, historicamente, a partir das falhas institucionais dos centros religiosos de poder em coibir práticas disseminadas de comportamentos da religiosidade leiga, bem como a partir de deliberações institucionais posteriores, para uma maior liberação de práticas de devoção entre os fieis, em momentos de grande concorrência religiosa. No entanto, faz-se necessário traçar, nesse momento, um aprofundamento sobre esse processo, a partir das contribuições de Azevedo (2002), Russo (2010), Lopes (2010), Oliveira (1985, 1997, 2011), dentre outros.

Objetivos

Sendo assim, meu objetivo principal balizou-se pela necessidade de responder por que muitos comerciantes fixam objetos de natureza religiosa e oriundos de saberes populares, no interior de seus comércios. O objeto da pesquisa trouxe, ainda, outras questões secundárias, que lhes são inerentes, e que serão contempladas ao longo deste trabalho:

- Se tais objetos são alvos de devoção, de culto, de manipulações mágicas, ou, apenas, uma referência a alguma influência externa (doação de família, amigos etc.);
- Se tais práticas estariam representando um processo de transterritorialização⁸ do sagrado;
- Se tais práticas podem estar afinadas com uma ação religiosa de caráter privatizado⁹, no tocante às relações dos comerciantes com seus objetos religiosos e de saberes populares;
- Se essas práticas observadas entre os comerciantes podem trazer possíveis regularidades.

Metodologia

Como já explicitado alhures, é possível encontrar a presença de objetos religiosos e do saber popular em muitos estabelecimentos comerciais, em qualquer lugar da cidade de Juiz de Fora. Para a realização de um campo viável e efetivo, fez-se necessário delimitar um recorte capaz de permitir uma abordagem ampla, mas, igualmente, dentro das possibilidades de atuação de apenas um pesquisador. Nesse sentido, escolhi três grandes ruas do centro comercial da cidade, além de algumas galerias, que pudessem fornecer uma profusão significativa de estabelecimentos. Além das ruas, escolhi, no centro, como alvo de abordagem, o Mercado Municipal, nos seus dois andares. Apesar da existência de outros centros, em alguns bairros da cidade, a região comercial central ainda é marcada como o principal *locus* de aglomeração comercial, sendo caracterizada pela existência de lojas tocadas por muitos comerciantes nativos, migrantes e imigrantes, constituindo-se, ainda, o principal

⁸ O conceito de transterritorialização é utilizado no sentido em que confere Carneiro (2009), no qual a postura religiosa, bem como sua gama de usos materiais e imateriais passa a difundir-se para além das fronteiras daqueles lugares vistos como tradicionais da presença do sagrado. As práticas religiosas transterritorializam-se, portanto, para outros lugares da vida cotidiana dos adeptos, figurando nos espaços vistos, comumente, como destituídos da presença do sagrado. Nesse sentido, para o autor, não é possível pensar em uma dicotomia entre o que pode se instalar como lugar do sagrado e lugar do profano. Ou seja, há, nesse caso, uma relação imbricada entre um e outro. Contudo, neste estudo, tratei de alargar o emprego do conceito às outras práticas religiosas, e não somente ao campo restrito ao mundo das religiões afro-brasileiras, como fez o autor em sua pesquisa *A metrópole sagrada: geografias afro-brasileiras no Rio de Janeiro*.

⁹ A ação religiosa privatizada remete ao que Oliveira (1997) afirmou sobre a dimensão relacional de devoção aos santos, que não ultrapassa as biografias individuais. Diferentemente do catolicismo popular tradicional, que constrói uma ética popular religiosa que une o céu a terra, os santos, no catolicismo privado, limita-se a atender apenas as necessidades individuais do devoto.

ponto de referência comercial da cidade. As ruas e galerias serão apresentadas no primeiro capítulo.

Resolvida a questão do recorte, sistematizei a feitura do campo. Nesse caso, a própria estrutura objetiva do mesmo foi revelando-me possíveis procedimentos capazes de garantir uma ordenação e uma sistematização da minha ação, enquanto pesquisador, em contato com esse ambiente repleto de lojas dos mais variados tipos, finalidades e tamanhos, bem como com a movimentação borbulhante de fregueses e transeuntes em busca de seus produtos, oferecidos em um sem número de vitrines e gôndolas. Tudo isso misturado à presença dos próprios comerciantes, atrás de seus balcões, oferecendo-se ao atendimento e administrando seus comércios.

Nesse sentido, a própria experiência que tive em campo levou-me a dividir seu processo em dois momentos: no primeiro, fiz um levantamento, por meio da observação¹⁰ dos estabelecimentos, construindo uma listagem ordenada, no caderno de campo. A partir dessa listagem, configurou-se uma tabela, anexada ao final do trabalho, constando a rua, o nome da loja e o número e o(s) objeto(s) encontrado(s). Essa tabela, por sua vez, permitiu-me visualizar, mais claramente, nove práticas religiosas e de saberes populares entre os comerciantes, dentro de seus recintos comerciais. Tais práticas estão elencadas no primeiro capítulo, e foram esboçadas, mais pormenorizadamente, no segundo capítulo. No que tange à reprodução da tabela com os nomes dos estabelecimentos, neste trabalho, achei importante que não constassem os nomes reais de lojas observadas, porém não visitadas, porque se faz necessário resguardá-las de qualquer exposição não consentida. Tal reprodução será feita, nesse caso, com a utilização de nomes fictícios para tais lojas. Na tabela, somente os estabelecimentos dos comerciantes que participaram como colaboradores diretos da pesquisa apareceram com seus nomes reais.

Esses contatos iniciais promoveram o ordenamento necessário para viabilizar e direcionar o aprofundamento da minha inserção, e, portanto, do segundo momento do campo de pesquisa, com a marcação de entrevistas, visitas aos interiores dos estabelecimentos e sessões de fotografias¹¹. As entrevistas e todo o processo de documentação e registro foram concedidos pelos comerciantes, mediante assinatura nos “Termos de Consentimento do Uso

¹⁰ A observação, nesse caso, não tem o caráter de um olhar desprovido de instrumentos teórico-conceituais aprendidos na academia. Ou seja, trata-se de uma observação que partilha de uma domesticação do olhar. Portanto, de acordo com Cardoso de Oliveira (2000, p. 19): “Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”.

¹¹ As fotografias dispostas neste trabalho são referentes às imagens religiosas e de saberes populares encontradas, nos recintos comerciais. A preocupação, aqui, foi a de dar visibilidade às manifestações materiais religiosas, nos comércios, e não em focar na atividade laboral, como as ações de produção, atendimento à clientela, prestação de serviço, dentre atividades afins.

da Imagem e da Voz”. A apresentação dos comerciantes que participaram da pesquisa está, também, melhor detalhada nos Capítulos Um e Dois. Nesse sentido, para pensar em uma possível apreensão da pergunta norteadora deste trabalho, procurei construir uma aproximação dessa pluralidade de práticas, a partir da realização de um exercício antropológico de interpretação, tendo por base a fala “nativa” dos comerciantes, por meio de entrevista semiestruturada, cujo conjunto base de questões norteadoras constará anexada à dissertação. Cabe destacar que a linha semidiretiva das entrevistas teve de ser adaptada ao conjunto de informações inerentes a cada tipo de subjetividade religiosa e suas particularidades, mesmo sendo necessário considerar práticas religiosas altamente sincretizadas. Ou seja, parte das perguntas a serem feitas para adeptos de religiões afro-brasileiras, não podem ser aplicadas no caso de adeptos de segmentos protestantes, uma vez que as características que informam o conjunto dos conhecimentos simbólicos e de práticas religiosas de uns não são iguais às de outros (FRASER; GONDIM, 2004).

Por mais que a abordagem antropológica parta de um determinado grupo de indivíduos, que, nesse caso, terão suas subjetividades religiosas sublinhadas, por meio de um processo interpretativo, faz-se necessário, como pontos de apoio ao trabalho qualitativo, além da utilização de literatura antropológica pertinente, empregar fontes de outras áreas e disciplinas do conhecimento, como a História, a Sociologia e a Ciência da Religião, para que, ao próprio leigo, uma leitura contextualizada faça-se mais segura, informativa e compreensível. Assim sendo:

[...] não há como fugir nem retardar mais o processo de assumir o estudo antropológico de nossa sociedade e cultura como tarefa fundamental. Nesse sentido o intercâmbio com outras disciplinas e áreas de conhecimento como a história, a filosofia, a arqueologia etc. é indispensável (VELHO, 2013, p. 85).

Nesta pesquisa, a fotografia, enquanto instrumento do antropólogo, deteve grande importância como recurso capaz de situar cultural e socialmente os atos de fé, de devoção e culto, de povoamento do mundo com o sagrado, com a religião e seus usos. Ao pesquisador, não é possível pensar a fotografia sem considerar, de acordo com Martins (2014, p. 69, grifo do autor) “[...] o objeto da fotografia e, também, [...] o objetivo da fotografia. *Uso, objeto e objetivo* da fotografia são temas inter-relacionados”. Para além da simples concepção da natureza congeladora – de um tempo, de um lugar e de um objeto – característica da fotografia, esta deflagra, por outro lado, o descongelamento de um momento social e cultural das relações dos indivíduos com outros indivíduos e, adicionalmente, com seus objetos.

[...] das expressões de um rosto aos elementos simbólicos do vestuário e das circunstâncias da fotografia, inevitavelmente agrega à imagem fotográfica os decodificadores que a “descongela”, isto é, que revelam a dimensão sociológica e antropológica do que foi fotografado. Se a fotografia aparentemente “congela” um momento, sociologicamente, de fato, “descongela” esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais. [...] Portanto, decifrar o que se esconde por trás do visível (e do fotografável) continua sendo um desafio para os cientistas que se documentam com expressões visuais da realidade social (MARTINS, 2014, p. 65).

A utilização da fotografia, como recurso imagético, mostrou-se de grande valia para melhor apreciação do(a) próprio(a) leitor(a). A imagem fotográfica propicia uma significativa apreensão da realidade. Nesse quesito, ela foi capaz de revelar os detalhes das relações religiosas e de expressões das espiritualidades desses comerciantes, dentro de seus ambientes particulares de trabalho. Pode registrar aquilo que o olho físico do antropólogo não capta no “calor do momento” de uma visita. Então, somente depois, com as fotografias nas mãos, é que se passa a reconhecer as nuances e características não percebidas, uma vez que a fotografia permite essa manutenção documental de registro do real, que nem a percepção mais aguçada é capaz de se igualar.

[...] a contribuição mais importante que a fotografia pode trazer à pesquisa e ao discurso em ciências sociais, a meu ver, reside no fato de que, pela sua própria natureza, ela obriga uma percepção do mundo diferente daquela exigida pelos outros métodos de pesquisa, dando assim acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios (GURAN, 2002, p. 99).

A imagem fotográfica foi utilizada, nesta pesquisa, como instrumento de narrativa, paralelo à descrição e às análises teórico-conceituais. Foi utilizada, ainda, para as necessidades da própria exposição visual da experiência do campo e da escrita etnográfica. Desse modo, não foi tratada como recurso secundário, tal como apêndice, mas revelou-se necessária, enquanto recurso informador da narrativa etnográfica, uma vez que a pesquisa não chegaria a obter o sucesso esperado sem o emprego da imagem como fator preponderante de aprofundamento descritivo, discursivo e de apreensão do leitor.

Compreende-se, assim, a importância do uso da imagem não só no campo da pesquisa, mas na própria exposição de seus resultados por meio do relato etnográfico. A imagem pode e deve ser utilizada como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade do texto escrito. Mais do que representar fatos visíveis, tais imagens acrescentam outros meios de representação à descrição etnográfica. Fotografias apresentam o cenário no qual as atividades diárias, os atores sociais, o contexto sociocultural são articulados e vividos. [...] Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a

compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo (BITTENCOURT, 1998, p. 199-200).

Portanto, nem limitada a uma pura dimensão sensorial, nem a objeto desencadeador de informações literais, a fotografia, neste caso, visa integrar e entremear o discurso textual. Ela vai sucedendo ao texto como instrumento de embasamento evidencial, para a descrição e interpretação dessas práticas religiosas. Nesse sentido, a imagem passa a ser parte narrativa dos aspectos relevantes da investigação dessas realidades, e está disposta na construção textual como discurso integrado, que possui, por sua vez, a capacidade de dialogar com o texto e com o(a) leitor(a). Foi nesse sentido que o ordenamento espacial da imagem fotográfica integrou a pesquisa:

Para que a utilização da fotografia seja eficaz na apresentação das conclusões da pesquisa, é necessário que haja uma articulação entre as duas linguagens, a escrita e a visual, de modo que uma complemente e enriqueça a outra. Na verdade, trata-se de concatenar dois discursos distintos que só funcionam juntos se dialogarem entre si. As fotografias, para facilitar a leitura, devem ser ordenadas de modo a produzirem um sentido por si mesmas em seu conjunto e, também, individualmente na sua relação com o texto. Para tanto, é vantajoso que elas se intercalem ao texto, formando um todo com as informações escritas. Dessa forma, a narrativa é enriquecida, par e passo, pela informação visual, que dialeticamente ganha força, por sua vez, pela leitura textual do que representa (GURAN, 2012, p. 81).

O primeiro capítulo tratará, primeiramente, de algumas considerações históricas da cidade de Juiz de Fora, com ênfase na sua dinâmica comercial e urbana, e nas características do campo religioso local, a partir da exposição de sua pluralidade religiosa. Em seguida, passo ao aprofundamento descritivo do processo de inserção e delimitação do campo de pesquisa. Detalharei como se deu o processo de ordenamento e sistematização da abordagem do campo, traçando, desse modo, a narrativa da minha vivência etnográfica *in loco*. O segundo capítulo constará da etnografia propriamente dita: a descrição das conversas que tive com os comerciantes, dos recintos das lojas e seus bastidores, e as interpretações e análises, historicamente contextualizadas, relacionadas às subjetividades religiosas dos colaboradores, no tocante às práticas de fixação de objetos de natureza religiosa e de saberes populares, nos seus ambientes comerciais, bem como de suas práticas religiosas imateriais, identificando a natureza das várias práticas religiosas entre os comerciantes, nos seus recintos comerciais. O terceiro capítulo considerará uma retomada do segundo capítulo, acerca de questões relativas ao que mais revelou as observações no que concerne ao objeto da pesquisa. Nesse momento, serão feitas discussões sobre o processo de transterritorialização do sagrado, uma vez que parece existir um transbordamento do sagrado para lugares comumente vistos como profanos,

bem como as ações religiosas e sua relação com práticas religiosas privatizadas, além das regularidades encontradas quanto à disposição dos objetos religiosos, no interior dos recintos comerciais, e quanto ao uso pelos comerciantes. Dessa forma, para responder por que os comerciantes costumam fixar objetos religiosos e de saberes populares, no interior de seus comércios, arremato a pesquisa tecendo reflexões e apresentando os resultados acerca do material de pesquisa levantado e apresentado nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO I

O CAMPO: INSERÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO

Neste capítulo, esboçarei, com maiores detalhes, a minha inserção e vivência no campo, as impressões percebidas e observações em seu ambiente, os problemas encontrados e suas soluções, o aprofundamento descritivo do processo de ordenamento, sistematização metodológica e das fases da abordagem do campo. Além da experiência de diálogo com os comerciantes, por meio das entrevistas, delinearei como se deu o processo das sessões fotográficas, no interior dos estabelecimentos, e suas especificidades.

1.1 Juiz de Fora: breve consideração sobre seu comércio e seu campo religioso

Juiz de Fora é uma cidade nascida no século XIX. Com mais de 160 anos de existência, nos primórdios do século XX, já se constituiria em uma das mais importantes cidades do país. Desde cedo, firmou-se como polo de grande importância comercial e industrial, chegando a receber o epíteto de “Manchester Mineira”, devido ao seu alto nível industrial. Isso propiciou uma rápida e intensa formação comercial, bem como um significativo crescimento demográfico, pelo fato de estar na rota das políticas de imigração, e, ainda, de já possuir extensa população branca livre e negra recém-liberta (OLIVEIRA, 1994). Atualmente, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui uma população estimada em 550.710 habitantes (BRASIL, 2010). Aqui, existem pessoas oriundas das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e do próprio Sudeste, além da região do entorno, e, além do mais, um significativo número de pessoas de outras nacionalidades. Ou seja, Juiz de Fora pode ser considerada uma cidade cosmopolita, dado o nível crescente de sua multiplicidade cultural.

Em Juiz de Fora, é notável a presença de diversidade religiosa, apesar de a cidade ser, ainda, majoritariamente católica. Observa-se que outras matrizes religiosas passam a compor, além do amplo campo do cristianismo, com mais de 80% da população, de acordo com a Lista de Municípios e Religiões (BRASIL, 2010), um campo religioso com abertura significativa para uma pluralidade de religiões, religiosidades, grupos, seitas, instituições, dentre outros. Entre a população residente na cidade, de acordo com dados do Censo, observa-se um amplo

conjunto de diferentes práticas religiosas e outras religiosidades, compondo adeptos budistas, candomblecistas, católicos apostólicos brasileiros, católicos apostólicos romanos, católicos ortodoxos, espíritas, espiritualistas, evangélicos de várias denominações, hinduístas, islâmicos, judaístas, adeptos de religiões orientais, de religiões de tradições esotéricas, bem como de religiões de tradições indígenas, candomblé e umbanda (BRASIL, 2010).

No que tange à configuração comercial da cidade, de acordo com Carvalho (2005), ao contrário das outras cidades de médio porte da região Sudeste, no tocante ao processo de desenvolvimento de sua malha comercial, o município mantém um processo de centralização de seu perímetro comercial. Ou seja, enquanto os centros comerciais de outras cidades tendem a descentralizar-se, o caso de Juiz de Fora revela um caminho reverso: cada vez mais, o centro adensa-se. Somado a isso, o centro comercial da cidade possui um significativo número de galerias, que permite ao transeunte acessar as ruas com mais facilidade, conferindo um aspecto de *shopping center* abarrotado de lojas de todos os portes. Tal é o caráter arquitetônico peculiar de seu centro comercial.

No entanto, com o passar do tempo, outros centros comerciais têm se configurado, pouco a pouco, em alguns bairros da cidade. Contudo, não tão significativos quanto à formação da malha comercial central. Bairros como o São Pedro e Benfica têm revelado expressivo crescimento comercial. O caráter arquitetônico peculiar supracitado não perdeu a sua característica centralizadora, radial e referencial, como um todo. Ou seja, os outros centros ainda não são completamente capazes de fazerem-se substituir completamente pelo aglomerado central. Nesse sentido, o centro comercial principal ainda configura-se como aquele de maior referência, apesar do surgimento e crescimento de outros.

1.2 Sistematização da abordagem ao campo

A minha primeira tarefa foi pensar em um recorte geográfico que fosse capaz de atender à viabilidade da minha própria atuação em campo, uma vez que, por toda a cidade, seja em bairros de periferia, ou mesmo no centro, está presente, em muitos comércios, aleatoriamente e em grande profusão, uma variedade de objetos religiosos e de saberes populares. Estes remetem, por sua vez, ao reconhecimento de uma pluralidade de pertencas a religiões, religiosidades, seitas e grupos.

Aproveitando esse caráter adensado que o centro comercial da cidade ainda possui, pensei, inicialmente, em fazer o recorte de um perímetro, cuja profusão comercial pudesse ser satisfatória para o processo da observação em campo. Não tardou para que eu percebesse a impossibilidade desse tipo de estratégia, já que abordar o campo dessa forma, localizando uma espécie de mancha¹² apropriada, tornaria o processo complicado, uma vez que reuniria um número extraordinariamente grande de lojas, para observar. Reorganizei, então, a forma de abordagem, no sentido de demarcar três ruas desse mesmo centro. Sua escolha deu-se pelo fato de serem ruas repletas de comércios, possuindo, por sua vez, muitos estabelecimentos comerciais de variados portes: grandes, médios e pequenos. Ao final da demarcação dessas ruas, como recorte de campo possível, observei o Mercado Municipal, e percebi que, no seu interior, havia uma rica profusão de objetos religiosos e de saberes populares.

Nesse sentido, escolhi: a Rua Getúlio Vargas; a Rua Marechal Deodoro, parte baixa e as galerias: Centro Comercial Manchester e Galeria Antônio Alexandre Ahouagi (mais conhecida como “galeria do *Sex Shop*”); a Rua Batista de Oliveira e suas galerias: Galeria Bellini, Galeria do Edifício Antônio Salim Arbex, Galeria do *Shopping* Juiz de Fora; além do Mercado Municipal, primeiro e segundo andares. Todas as observações nas ruas e galerias, dentre outros processos de investigação, foram feitas somente nos seus térreos, pois muitas das mesmas possuem muitos prédios, com lojas em andares superiores. Ficaria, portanto, muito extensivo uma verticalização do campo, nessas três ruas e suas galerias. O Mercado Municipal, por seu turno, possui um pequeno segundo andar, de forma que acrescê-lo não ficaria oneroso à observação de apenas um pesquisador. No entanto, no caso da Rua Batista de Oliveira, o recorte não a cobriu em toda a sua extensão, dado que parte dela torna-se residencial. Mais precisamente, na parte em que dá início aos limites do bairro Granbery, cujo posicionamento está fora do miolo comercial do centro. Sendo assim, consegui, com esse recorte, viabilizar um processo de observação, dado que, para apenas um pesquisador, ciente do período de tempo exíguo da própria pesquisa, ficaria realmente difícil cobrir, por inteiro, um recorte no formato de uma grande mancha comercial do centro da cidade.

¹² No sentido conferido por Magnani (2002). Refere-se a um conjunto de equipamentos, na paisagem urbana, que se complementam ou competem entre si, no oferecimento de um determinado bem ou serviço. A mancha apresenta uma relação mais estável com o espaço, e é visível na paisagem. Nesse sentido, ela é reconhecida e frequentada por um amplo número de usuários, em uma cidade.

1.2.1 Primeira fase de campo

Estabeleci, como um primeiro momento ou fase de inserção em campo, um reconhecimento preliminar das lojas existentes nas ruas, ambientes e galerias, que foram selecionados. Esse reconhecimento consistiu em observar todos os estabelecimentos comerciais existentes nesse recorte, à procura, em seu interior, de objetos e práticas que remetesse aos variados sagrados, tal qual daqueles oriundos de saberes populares, que compõem o campo religioso local. A primeira rua observada foi a Marechal Deodoro, juntamente com as galerias selecionadas; depois, a Rua Batista de Oliveira e, também, suas galerias; em seguida, a Getúlio Vargas; sendo que, por fim, observei o Mercado Municipal. Senti a necessidade de, passadas as três ruas, as galerias e o Mercado Municipal, observar novamente as mesmas, no intuito de conferir, uma vez mais, a observação, a fim de fazer um levantamento o mais preciso possível. Gastei com essa primeira fase cerca de dois meses e cinco dias (65 dias). Comecei a observação preliminar no dia 12 de setembro, e terminei-a em 4 de novembro, do ano de 2015.

A práxis dessa fase de observação consistiu em passar em frente às lojas, munido de caderno de campo, para observar a presença de objetos religiosos e do saber popular, em paredes, vãos de paredes, em cima de prateleiras, balcões e, quando era possível, até mesmo nos bastidores¹³ das mesmas. Os objetos observados entravam na listagem do caderno de campo, contendo o nome da loja, o número, a rua ou a galeria, os objetos religiosos, e em qual lugar dos estabelecimentos foram encontrados. Com o tempo, a minha prática de observação e identificação dos possíveis lugares das lojas, nos quais esses objetos poderiam ser encontrados, foi ficando mais aprimorada, até o ponto em que passei a perceber que existem “pontos comuns”, onde eles podem ser mais correntemente visualizados.

Em alguns comércios, a observação fazia-se mais facilitada por serem pequenos, logo de fácil abordagem. Na maioria das observações, foi possível investigar de fora do recinto. Tais lojas, muitas vezes, não possuíam bastidores, ou, então, estes eram visíveis da porta de

¹³ Embora o conceito remeta a relações de representações entre personagens em papéis e em ambientes distintos, neste caso, a abordagem do conceito de bastidores toma de empréstimo o sentido físico, com o qual se pode atribuir à materialidade de uma loja comercial. Diferentemente da zona da fachada, o bastidor encontra-se longe das vistas dos clientes e dos passantes. É a divisória entre a fachada e os fundos de lugares, onde é costumeiro ocorrerem relações entre atores, em posições e papéis diferentes. Nas lojas, os bastidores costumam ser zonas frequentadas somente por aqueles que fazem parte da equipe responsável por determinado serviço, e são diferentes das fachadas. Para Goffman (2009, p. 116): “A linha que divide as regiões de fachada e de fundo é exemplificada por toda parte em nossa sociedade [...] A parte fronteira costuma ser relativamente bem decorada, em bom estado e arrumada; a retaguarda costuma ser relativamente pouco atraente [...]”.

entrada do estabelecimento. No entanto, tal reconhecimento foi deveras lento, demandou uma observação cuidadosa. Assim que algum objeto religioso e/ou oriundo de qualquer saber popular era identificado, eu registrava no caderno de campo. Em outros casos, os estabelecimentos eram grandes, geralmente repletos de fregueses, e com bastidores amplos nos fundos dos recintos, praticamente impenetráveis, sem que houvesse o aval do proprietário. Nesses casos, eu adentrava o salão, muitas vezes apinhados de mercadorias, nas diversas gôndolas, e de fregueses, e observava altos de paredes, vigas, vãos, balcões, ou seja, todo lugar em que podiam ser encontrados, preferencialmente, tais objetos.

Às vezes, os proprietários ou algum funcionário percebiam minha curiosidade, vinham até mim, e dirigiam-me a clássica pergunta: “posso te ajudar?” Então, aproveitava o ensejo para estabelecer um primeiro contato, apresentando a pesquisa e, se possível, marcando uma futura entrevista. Algumas entrevistas foram marcadas durante essa abordagem inicial, enquanto ainda estava materializando-se a listagem no caderno de campo; outras foram marcadas depois de seu término, ou seja, já no segundo momento do campo.

Basicamente, esse processo materializou-se através de caminhadas atentas aos interiores dessas lojas. Observava, em um dado dia, um lado inteiro de uma rua, e, no outro, o outro lado. Terminada determinada rua, passava para outra, e o processo recomeçava, com a mesma estratégia. No Mercado Municipal, a observação pôde materializar-se de forma mais livre, uma vez que ele é pequeno, possuindo poucas lojas, tanto no primeiro, quanto no segundo andar.

Desse trabalho inicial, que consistiu em recortar o campo, observar, travar alguns contatos iniciais, fazer contagens, listagens, classificações, dentre outros registros no caderno de campo, constituiu-se uma tabela significativamente detalhada, que me auxiliou no reconhecimento e na organização das impressões iniciais do campo religioso local, assim como na sistematização de tudo o que foi encontrado nos interiores das lojas. Nessa tabela, constaram os mesmos dados listados no caderno de campo, porém, de forma organizada, tornando-se mais fácil visualizar a pluralidade de usos religiosos existentes. A partir da mesma, pude subdividir minha abordagem etnográfica, considerando o universo de objetos religiosos encontrados nos interiores dos estabelecimentos comerciais, identificando, desse modo, comerciantes adeptos do catolicismo, das religiões de matriz afro-brasileira, de religiões de extrato evangélico-protestante, dentre outras filiações. Ou seja, foi a partir dos objetos religiosos ou do saber popular encontrados nesses recintos comerciais, que se tornou possível identificar pertencças religiosas específicas, mesmo com a atuação complexificadora

das práticas sincretizadas. A partir desse processo de ordenamento, consegui identificar, no campo, nove práticas passíveis de investigação mais apurada:

- 1) A presença dos santos católicos nos comércios: o caso dos proprietários católicos;
- 2) As práticas religiosas e os comércios relacionados às religiões afro-brasileiras¹⁴;
- 3) A manifestação de práticas evangélicas nos comércios: o caso dos proprietários evangélicos;
- 4) A presença de objetos e práticas Nova Era nos comércios: o caso dos proprietários adeptos desse movimento;
- 5) As orações, preces, gestos rituais, dentre outras manifestações imateriais, entre os comerciantes;
- 6) A presença de objetos religiosos e oriundos de saberes populares estrangeiros nos comércios;
- 7) As superstições entre os comerciantes;
- 8) A presença de “plantas protetoras” nos comércios: o caso de alguns comerciantes que as utilizam;
- 9) O caso da utilização da Religiosidade Mínima Brasileira¹⁵ (RMB) nos comércios.

Na verdade, a ação do sincretismo “pregou-me peças”, em alguns momentos. A fase da observação não é capaz de depurar, por exemplo, se a presença de uma estátua de São Jorge está relacionada a uma pertença religiosa católica ou afro-brasileira. Em alguns momentos do campo, eu julgava que a presença de um determinado santo, em uma dada loja, referia-se a uma determinada pertença religiosa. Contudo, mais tarde, quando ia conversar com os seus proprietários, percebia o meu completo engano. Não obstante, esses pequenos desvios não foram capazes de embaralhar por completo as relações entre os objetos religiosos, encontrados nos recintos comerciais e as pertenças religiosas relacionadas.

¹⁴ Nesse caso, encontrei não somente comerciantes ligados à pertença religiosa afro-brasileira, mas comércios especializados na venda de produtos religiosos dessas religiões, cujos proprietários nem sempre partilhavam de qualquer religião de matriz africana. Dois casos serão vistos, no segundo capítulo.

¹⁵ A Religiosidade Mínima Brasileira é uma forma de veiculação de mensagens religiosas, que se dá por meio da linguagem cotidiana e pelas mídias, de forma difusa e simplificada. Ou seja, tais mensagens são veiculadas por meio de adesivos, chaveiros, calendários, pôsteres, fotografias e até para-choques de caminhões. As mensagens são retiradas, geralmente, de passagens famosas da Bíblia, e, em certa medida, sua veiculação é oriunda das próprias religiões (DROOGERS, 1987).

Essa organização prévia do que foi encontrado em campo, permitiu-me, ainda, a visualização e a identificação de algumas regularidades inerentes ao objeto. Ou seja, partindo de uma sistematização acurada da observação dessas práticas peculiares dos comerciantes, foi possível detectar, nessa relação proprietário/objeto religioso/ambiente comercial, comportamentos caracterizados como padrões de uso e disposição. Tais padrões puderam ser identificados no que tange aos usos que os comerciantes lhes dão, e aos lugares do recinto comercial em que tais objetos podem ser encontrados.

Para o sucesso dessa empreitada organizadora, foi imprescindível absorver as experiências de campo de outros trabalhos etnográficos, referentes a métodos aplicados no estudo de “heteróclitos e cosmopolitas universos dessas práticas”, como afirma Magnani (1999, p. 18), no que tange a abordar fenômenos sociais nas grandes cidades. Tais leituras renderam-me importantes dados para pensar em um processo de ordenamento possível desse universo de práticas, bem como me auxiliou na elaboração de estratégias e esquemas assertivos de atuação em campo.

Ao final desse processo de observação, registro em caderno de campo e confecção da tabela, percebi que a presença dos objetos religiosos e de saberes populares é variada. Além de encontrar a ocorrência do uso de plantas espada-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode, dentre outras, em frente às portas de algumas lojas, identifiquei uma grande presença de santos e outros materiais relativos à tradição popular católica, como crucifixos, imagens de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Líbano, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora de Montserrat, Santa Efigênia, Santa Rita, Santa Edwiges, Santo Expedito, Santa Bárbara, São Jorge, Santa Filomena, São Charbel, São Pedro, São Judas, Santo Antônio, São José, São Geraldo, Santa Clara, Santa Rita de Cássia, Menino Jesus de Praga, terços, orações, bíblias, adesivos e quadros com dizeres bíblicos, imagens da Santa Ceia, cartazes de eventos religiosos e missas, fotografias de papas, quadros do Sagrado Coração de Jesus, oratórios, quadros da Catedral de Aparecida do Norte, bem como imagens de Jesus, Maria e José, e lojas com nome de santo. Tão grande é a variedade desses santos, suas origens e especialidades, que Rubem César Fernandes (1982) explana, acerca da multiplicidade que a estatuária do catolicismo apresenta:

Ajuntando-se às Marias os demais santos da devoção, obtém-se um estatuário fascinante onde estão registradas todas as virtudes veneradas pelas sociedades tocadas pelo catolicismo. Há santos guerreiros e de paz, nobres e plebeus, avós, adultos e infantes, severos e festeiros, louros e pretos; de todas as nações, etnias e profissões que contam na imaginação católica; e de todos os dias do ano (FERNANDES, 1982, p. 82-83).

Tal estatuária, assim como as outras representações imagéticas dessas entidades divinas, é de antiquíssima aparição no mundo cristão, sendo capaz de estabelecer uma profunda interatividade entre os devotos e as imagens, estas, muitas vezes, portadoras de relíquias, em seus interiores. Desde a sua aparição e disseminação, promoveu, além do fascínio da visão da obra pictórica, o aprofundamento da experiência místico-religiosa, ao ponto de se fomentar o processo de confecção de um amplo conjunto de representações materiais de santos, das imagens de Jesus Cristo e das virgens (SCHMITT, 2007). Nos dias de hoje, pode-se observar uma explosão na circulação desses materiais religiosos, e, portanto, das experiências religiosas diversas, inerentes a essa circulação. Isso se deu, como salienta Lopes (2010), pelo próprio fato da pluralidade do fundamento cristão, igualmente pela diminuição do controle sobre as imagens, principalmente no que diz respeito aos usos privados e a tecnologia que as materializa. Nesse sentido:

A diversidade de experiências religiosas explicita-se, assim, na própria diversidade das representações religiosas, figuradas nos santinhos, nas estampas, nos calendários, nas imagens volumétricas e nos quadros, mas também nos vitrais das igrejas, em camisetas, os adesivos para carros, etc. (LOPES, 2010, p. 13).

Das tradições e saberes religiosos afro-brasileiros, encontrei, igualmente, uma profusão de objetos representativos de entidades como pretos velhos, exus, pombagiras, caboclos, crianças, representações de malandros, como Zé Pelintra, dentre outros. Além de entidades da umbanda, encontrei orixás, como Oxalá, Oxóssi; representações sincretizadas de orixás, como Ogum, na figura de São Jorge; Iemanjá e Oxum, na figura de Nossa Senhora Aparecida; Oxalá, na figura de Jesus Cristo; além de assentamentos, guias, símbolos representativos de orixás, dentre outros objetos, nos interiores das lojas.

Somados a essa profusão de santos do mundo católico e do panteão afro-brasileiro, percebi a presença de objetos de tradições religiosas e de saberes populares estrangeiros, como *manekinekos*¹⁶, tanto em lojas de comerciantes natos, como de estrangeiros, de divindades chinesas, manifestações religiosas protestantes e pentecostais, bem como objetos oriundos de usos de adeptos do movimento Nova Era, como gnomos, duendes, bruxas, cristais, dentre outros. O fato é que existe uma variedade significativa desses objetos, indicando que, no conjunto delimitado de estabelecimentos, poderiam existir proprietários adeptos das mais variadas religiões, religiosidades, seitas, grupos.

¹⁶ Conhecidos como gatinhos da sorte japoneses. Alguns desses foram encontrados em campo.

Encontrei, muitas vezes, ao lado dos santos, orixás, entidades e outras divindades, nativas ou estrangeiras, a presença de objetos oriundos dos usos ritualísticos ou de prestação de culto, como velas, flores, copos d'água e de cachaça, frutas, dentre outras espécies de oferendas. Suas presenças não se fazem muito frequentes. No entanto, nas observações, pude encontrar a materialização de tais práticas, em alguns recintos comerciais.

Em muitos comércios, percebi uma quantidade tão grande de objetos religiosos, no interior dos estabelecimentos de alguns proprietários, que senti a necessidade de abordá-los a fim de estabelecer, além de um primeiro contato, uma proximidade que fosse capaz de sanar dúvidas sobre os nomes de santos e de outras divindades, até então desconhecidos para mim. Mesmo depois de conhecê-los, procurei fazer, posteriormente, pesquisa em hagiografia e outras fontes disponíveis, para evitar possíveis enganos.

Dentro do recorte de campo analisado, funcionavam algumas casas comerciais especializadas na venda de objetos religiosos. Tais lojas, repletas de objetos rituais e religiosos necessários às práticas litúrgicas e religiosas de seus adeptos, não deixaram, em imediata evidência, objetos que pudessem prefigurar qualquer pertença religiosa particular de seus proprietários. Nesse caso, a abordagem, junto ao comerciante, teve de ser, necessariamente, efetivada, uma vez que, dadas as suas naturezas pouco reveladoras, não poderia deixar de conversar com seus donos, a fim de não comprometer o processo da pesquisa. Em todos esses casos atípicos, foi possível, de fato, encontrar objetos religiosos de uso específico dos proprietários. Paralelamente, deparei-me com objetos religiosos destinados à proteção da casa comercial em si, segundo depoimento fornecido pelo proprietário, por motivos de tradição.

É importante destacar que, neste campo, não encontrei objetos, no interior das lojas, que dessem algum indicativo de proprietário adepto de qualquer prática inerente ao espiritismo kardecista. Por outro lado, tal ausência não significa que inexistam comerciantes que não estejam inseridos nessa seara religiosa. O fato é que o critério utilizado para a sistematização da abordagem guiou-me pelo que poderia ser materialmente observado no interior dos recintos, uma vez que seria impossível uma aproximação a todos os comerciantes, um a um. Nesse sentido, não encontrei demarcadores característicos de tal pertença, até porque esse grupo está imerso no vasto campo religioso cristão, e não me deparei, portanto, com proprietários que se declarassem como tal.

Ao mesmo tempo em que localizei uma significativa quantidade de objetos de natureza religiosa e de saberes populares em vários comércios, deparei-me, também, com muitos estabelecimentos em que inexístia qualquer presença. As ruas escolhidas para o campo

possuem uma grande quantidade de estabelecimentos, que pertencem a grandes redes comerciais, sendo que, nesse sentido, percebi que casas comerciais dessa natureza, tais como C&A, Casas Bahia, Lojas Americanas, Rei do Mate, McDonald's, dentre outras, são demasiado impessoais para que se permita que alguém modifique a forma padrão de seu interior, com objetos outros que não somente os produtos ou serviços oferecidos pela rede. Já nos comércios pequenos, onde percebi uma atuação próxima do proprietário, cuja vida diária faz com que este fique, quase que permanentemente, no estabelecimento, relacionando-se de perto e intimamente com seu ambiente de trabalho, foi possível encontrar, de fato, muitas ocorrências de tais objetos religiosos e do saber popular.

Nesse sentido, grandes casas comerciais, estrangeiras e nacionais, constituídas por uma lógica globalizada, parecem possuir esse tipo de ordenação deveras homogeneizada. Suas cores identificadoras, as enormes estruturas físicas, com padrão ordenado tipo *fast food*, bem como a uniformização dos gerentes e funcionários, obedecem a uma racionalidade diferente da organização comercial de menor porte. Ao contrário desses concorrentes de peso, que sempre trabalham com esse tipo de norma homogeneizada, subsistem, nas casas comerciais menores, tocadas, muitas vezes, de forma familiar, outras racionalidades configuradas a partir de uma espécie de resistência à lógica de processos produtivos globalizados. Assim, Milton Santos (2001, p. 107) salienta que: “O modelo hegemônico é planejado para ser, em sua ação individual, indiferente a seu entorno. Mas este de algum modo se opõe à plenitude dessa hegemonia”.

Portanto, é possível inferir que a agência das grandes empresas, algumas multinacionais, ainda não foi capaz de normatizar uma conduta “racional”, em contraposição à contra-racionalidade pautada na multiplicidade de formas inter-cruzadas de lógicas, na organização do espaço. O modelo hegemônico acabou não obtendo sucesso em coibir essas outras formas de ordenamento nos espaços, sendo obrigado a coexistir com resistências múltiplas, tradicionais, ou aprendidas e reproduzidas nas relações horizontais da sociedade. Dessa maneira, Milton Santos (2001) salienta que:

Globalis, os lugares ganham um quinhão (maior ou menor) da “racionalidade” do “mundo”. Mas esta se propaga de modo heterogêneo, isto é, deixando coexistirem outras racionalidades, isto é, contra-racionalidades, a que, equivocadamente e do ponto de vista da racionalidade dominante, se chamam “irracionalidades”. Mas a conformidade com a Razão Hegemônica é limitada, enquanto a produção plural de “irracionalidades” é ilimitada (SANTOS, 2001, p. 114).

Isso não significa afirmar, por outro lado, que todos os pequenos estabelecimentos possuam objetos de qualquer sagrado ou saber popular. Contudo, ao final da primeira fase do campo, cheguei a contabilizar um número significativo de comerciantes que encampam tal prática. No entanto, seria impossível chegar a uma elucidação precisa de todas as ocorrências, pois além de muitos estabelecimentos possuírem, em seus interiores, bastidores impenetráveis à visualização, seria, ainda, impossível abordar os proprietários de todos os estabelecimentos, e desvendar a presença de possíveis objetos não vistos, sem um contato mais aproximado. Portanto, a aproximação a alguns comerciantes contribuiu para proporcionar-me uma maior visualização de tais objetos de natureza religiosa, indicadores de suas subjetividades religiosas.

Ficaram de fora do recorte bancas de jornal e ambulantes, com suas barraquinhas espalhadas pelas três ruas, uma vez que tais objetos geralmente são encontrados pendurados ou alocados nos interiores de recintos maiores que essas pequenas barracas, correntemente abarrotadas de mercadorias e móveis demais para conterem, permanentemente, quaisquer objetos dessa natureza. Isso, por outro lado, não quer dizer que seus proprietários não possam manter algum pequenino objeto religioso, em algum canto específico de suas barracas.

Das 170¹⁷ lojas da Rua Marechal Deodoro e suas galerias, contabilizei 30 comércios contendo objetos religiosos ou das tradições populares locais ou estrangeiras, ao passo que, das 201 da Rua Batista de Oliveira e suas galerias, contabilizei 34 estabelecimentos. Na Rua Getúlio Vargas, das 158 lojas, encontrei 32 estabelecimentos. Por fim, no Mercado Municipal, das 40, contabilizei 16. Isso significa que, das aproximadamente 569 lojas existentes em todas as ruas e galerias observadas, em conjunto com as do Mercado Municipal, contei 112 lojas que possuem algum tipo de objeto, que remete ao sagrado religioso de saberes populares variados. Todos esses cálculos remontam àquilo que pôde ser visualizado entre os ambientes visíveis dos estabelecimentos. Ou seja, é o conjunto de objetos religiosos que se mostram ao público em geral.

Os dados encontrados em campo puderam revelar-me, mais ou menos, a quantidade de cada santo ou outro objeto do campo católico, seja ele sincretizado ou não, no total das lojas em que qualquer coisa dessa natureza foi encontrada. Nesse sentido, dentro desse campo religioso majoritário, com maioria esmagadora de frequência, venceram estabelecimentos contendo crucifixos pendurados em paredes e estátuas de Nossa Senhora Aparecida. Isso

¹⁷ Trata-se de um número aproximado, uma vez que a contabilização das lojas nas ruas Marechal Deodoro e Batista de Oliveira, na Rua Getúlio Vargas, e no Mercado Municipal, foi por mim realizada. Por mais que eu tenha buscado zelar por uma acuidade, sempre há margem para imprecisões.

sugere uma significativa relação religiosa com a Mãe e o Filho, por parte desses comerciantes. Das 112 lojas observadas contendo esses objetos específicos, encontrei 30 crucifixos e 36 imagens de Nossa Senhora Aparecida. As outras frequências mostraram-se menos correntes, como as imagens de São Jorge ou Nossa Senhora de Fátima. Parece existir uma devoção significativa entre os comerciantes, nesse campo, relativa às Nossas Senhoras.

De acordo com Augras (2005), o culto a Maria materializou-se após um concílio reunido em Éfeso, no ano de 431. A partir de então, a prática devocional a essas madonas passou a difundir-se no mundo cristão, sendo reprimida somente em meio ao cristianismo oriental. Nesse sentido, o século V é, com segurança, o ponto de partida para o culto e a devoção à santa. Tal culto tem ocupado um lugar de destaque entre aqueles que praticam o cristianismo, posicionando a mãe de Deus na condição de intercessora daqueles que, por algum motivo, encontram-se aflitos:

Mãe de deus, mãe dos homens. Desde os primeiros séculos da difusão do cristianismo, Maria, mãe de Jesus, ocupa um lugar peculiar no culto. Ao gerar o filho, situou-se como mediadora entre Deus e os homens, função essa que desde então se repete, já que continua sendo considerada como a grande intercessora entre Deus e os homens. Ocupa um lugar – “acima dos anjos e dos santos” afirmam os teólogos – de articulação entre o divino e o humano, que se exerce em ambos os sentidos, de tal modo que hoje, é chamada de “mediadora universal” (AUGRAS, 2005, p. 25).

A partir de então, passou-se a observar o aparecimento de várias virgens em lugares distintos, e com naturezas e características variadas e abrangentes. Algumas aparições dessas virgens e seus cultos tendem a pretender-se nacionais, como é o caso de Nossa Senhora Aparecida, a que tantos católicos destinam devoção. Muitos fazem peregrinação a Aparecida do Norte, no estado de São Paulo, para visitar a catedral, pagar promessas, fazer pedidos ou agradecer por alguma graça recebida. No entanto, outras localidades também possuem suas versões da virgem proporcionando, não só no Brasil, a existência de cultos às Marias. Como afirma Rubem César Fernandes (1982):

Em Aparecida do Norte, tenta-se instituir a imagem de um culto nacional, ampliando-se o alcance da santa, para fazer dela, de fato, a “Padroeira do Brasil”. Segue-se assim o exemplo de outras nacionalidades mais integradas, que tem numa imagem de Nossa Senhora a representação mais fecunda da união nacional. É o caso de Guadalupe no México, de Czestochowa na Polônia [...]. A própria Maria enseja inúmeras devoções, marcadamente distintas, abrindo um vasto leque de representações femininas que são caras às sociedades católicas. Existe a Maria da pureza, da imaculada concepção, do culto da virgindade; ou ainda a mãe sofredora, exemplo da piedade; mas também a Maria justiceira, apocalíptica, anunciando punições para os homens esquecidos do sacrifício a que lhes obrigou o filho; há a

rainha; a Maria personificação da igreja; e a Maria modesta, das dores de todo dia [...] (FERNANDES, 1982, p. 81-82).

Contudo, é importante frisar que tal contagem não pode ser qualificada como exata, uma vez que, por um lado, foi praticamente impossível, nessas três ruas, nas suas galerias e, também, no Mercado Municipal, adentrar nos bastidores de cada loja. Essa contagem mantém-se, nesta pesquisa, apenas como instrumento informativo dos objetos religiosos, que foram mais encontrados em campo e, igualmente, da pluralidade religiosa e material existente. Até porque tais números podem conter grande grau de variabilidade, devido ao fato de os próprios donos acrescentarem, ou mesmo subtraírem imagens ou quaisquer objetos, com o passar do tempo. Esse foi o caso de uma loja situada na Galeria Bellini, que, ao passar por lá e observá-la, nos primeiros dias do campo e do levantamento inicial, havia apenas uma pequena estátua de Nossa Senhora Aparecida sobre uma prateleira, no alto, sendo que, dois meses e meio depois, jazia, atrás do balcão, um oratório, em forma de abóbada, em cujo interior encontravam-se as imagens de Jesus, Maria e José. Esse oratório, de fato, apareceu depois da minha primeira observação da loja.

1.2.2 Segunda fase de campo

O segundo momento do campo de pesquisa, por sua vez, consistiu em uma aproximação mais íntima com alguns comerciantes. Tal movimento rendeu-me uma inserção mais aprofundada, permitindo-me conversar com eles, por meio das entrevistas, adentrar o interior de seus estabelecimentos, bem como fotografar as recepções e os bastidores dos recintos. Os comerciantes, em sua maioria, mostraram-se receptivos, parecendo gostar de falar de suas devoções, experiências, pertencas religiosas, as graças recebidas. Mostravam com prazer suas imagens e outros objetos, explicando, minuciosamente, suas relações religiosas com seus mediadores, demonstrando, desse modo, grande respeito por seus santos, divindades e entidades.

Participaram desta pesquisa doze comerciantes, oriundos de variadas áreas do comércio, desde proprietários de lojas especializadas na venda de produtos religiosos, em geral, até aqueles atuantes no ramo de farmácia, calçados, alimentos, assim como prestadores de serviços. Além disso, existem, aqui, desde pessoas nativas, passando por migrantes, e até imigrantes, todos instalados na cidade há mais de dez anos. São eles: Sr. Edmar Machado, D.

Maria Aparecida Lopes Furtado, Sr. Helder Lessa, Sr. Dionísio Jansen Rodrigues, Sr. Adilson Antenor Canêdo Dalpra, Sr. Carlyle Francisco Lopes Barros, Sr. José Geraldo Gonçalves, Sr. Edmar Neiva Daniel, D. Mounira Haddad Rahme, Sra. Poliana Araújo, “Muita Fé No Que Faz” (pseudônimo) e Sra. Isabel¹⁸. Em apenas um dos casos, o indivíduo administrador do comércio preferiu manter-se incógnito e, dessa forma, inventou para si um pseudônimo. Todos os nomes apresentados são reais. Um pouco mais acerca de suas vidas, enquanto comerciantes e sujeitos de fé, será visto ao longo de suas falas, no capítulo seguinte.

A abordagem aos comerciantes consistiu em explicar quem eu era, e de que departamento da universidade vinha, para, em seguida, apresentar a natureza da pesquisa. Nesse sentido, quanto à abordagem inicial, o intento era esclarecer o comerciante que o teor da pesquisa configurava-se em saber mais sobre suas práticas religiosas, dentro de seus recintos comerciais. Porém, não revelei para eles a pergunta norteadora da pesquisa, temendo provocar um possível enviesamento de suas respostas, dado que tais comerciantes poderiam, caso fossem entrevistados futuramente, encontrar tempo para elaborar uma resposta premeditada.

Os comerciantes costumam ser pessoas bastante atarefadas. Contudo, isso não me rendeu nenhuma inviabilização brusca da pesquisa. Apenas alguns se mostraram pouco receptivos ou desinteressados, alegando falta de tempo ou demonstrando receio de exposição, mesmo sendo avisados da possibilidade de anonimato. Fez-se necessário, quanto ao agendamento de entrevistas, marcar com o próprio comerciante um dia e hora em que seu estabelecimento ficava mais vazio. As nossas conversas aconteciam em qualquer lugar da loja, ou seja, no balcão ou no salão, onde, em alguns casos, estava instalado o corre-corre frenético das vendas e dos serviços. Foi possível, igualmente, dispor de outros locais mais reservados dos recintos comerciais para o diálogo, em algumas ocasiões. Em alguns casos, os proprietários levavam-me aos seus escritórios, geralmente, nos bastidores. Senti a necessidade de retomar algumas entrevistas para esclarecer pontos dos depoimentos, que se mantiveram obscuros, ou necessitando de um aprofundamento sobre determinado assunto.

Cabe destacar que a linha semi-diretiva da entrevista teve de ser adaptada ao conjunto de informações inerentes a cada filiação religiosa, ou de outras religiosidades e pertencas em particular. Ou seja, parte das perguntas que foram feitas para adeptos de religiões afro-brasileiras não puderam ser aplicadas no caso de adeptos de segmentos protestantes, uma vez que as características que informam o conjunto dos conhecimentos simbólicos e de práticas

¹⁸ O nome que consta no documento oficial é Waltemberg Correto dos Santos.

rituais de uns não são iguais ao de outros. Nesse caso, os enfoques temáticos tiveram de acomodar-se às informações específicas, emitidas por cada indivíduo imerso em cada campo religioso específico, mesmo sendo necessário considerar o alto grau de sincretismo das pertenças. Por exemplo:

[...] se o objetivo é conhecer mais sobre a profundidade de um tópico, é preciso que o entrevistado tenha o que falar sobre ele. É provável que qualquer cidadão tenha algo a dizer sobre os políticos, os problemas de violência e de saúde da população nas grandes cidades, mas, se o foco do estudo for sobre as conseqüências sociais da discriminação racial, a escolha dos entrevistados deve recair sobre aqueles que estão diretamente implicados (FRASER; GONDIM, 2004, p. 148).

Algumas das informações coletadas dos entrevistados foram sendo registradas por medidas de atuação não referidas, previamente, às perguntas disponíveis no roteiro. Ou seja, algumas questões foram sendo construídas ao logo da minha conversa com os colaboradores. Curiosidades acerca de suas práticas religiosas foram nascendo das informações colocadas pelos próprios entrevistados. Tal procedimento veio a acrescentar muito ao conjunto de informações disponíveis, para uma confecção mais enriquecida da etnografia. Nesse sentido, Fraser e Gondim (2004, p. 144) salientam que, nesses casos de enfoque mais aberto, “[...] é comum que ele se defina no próprio processo da entrevista, ou seja, à medida que o entrevistado vai expressando suas opiniões e significados, novos aspectos sobre o tema vão emergindo [...]”.

Quanto à desproporcionalidade do universo de entrevistados escolhidos, em relação às pertenças religiosas, ocorreram dois aspectos que podem ser considerados dependentes de um critério numérico e de recorte. Por um lado, houve o reconhecimento de um grande número de objetos religiosos, nos estabelecimentos comerciais, referentes à pertença católica, que corresponde, ainda, ao estrato religioso majoritário. Tal fato proporcionou uma maior quantidade de entrevistas; por outro, constatou-se a quase ausência de pertenças ao movimento da Nova Era. Na verdade, apenas uma loja especializada em serviços e venda de produtos Nova Era foi encontrada no recorte previamente determinado, o que impactou quanto ao número de entrevistas realizadas. Esse fenômeno ocorreu pelo próprio fato de as pertenças religiosas serem numericamente desproporcionais.

Quando terminavam as entrevistas, eu partia, então, para a sessão de fotografia. A maioria dos proprietários concedia-me toda a liberdade para a execução das sessões fotográficas. Outros preferiam mais discricção, ou seja, desejavam que eu tirasse a imagem mais enquadrada possível do objeto religioso em questão, evitando, assim, expor o interior

dos seus estabelecimentos. Ao término da sessão, mostrava as fotografias para eles, e perguntava se desejavam alguma mudança. Contudo, todos gostaram muito de ver seus mediadores, entidades, divindades e outros objetos religiosos e do saber popular retratados. O fato é que a minha visita aos seus estabelecimentos abria a possibilidade de observação dos interiores, inacessíveis a alguém “de fora”. Enquanto conversávamos, os próprios comerciantes mostravam-me seus objetos religiosos dispostos, muitas vezes, em outros cômodos dos bastidores. Para cada objeto religioso e/ou do saber popular encontrado, no recinto comercial, eu tirava mais de uma foto, procurando obter alguns ângulos, e, em enquadramentos diferentes para, mais tarde, escolher a melhor imagem para a pesquisa. Por vezes, tive de retornar a algumas lojas para tirar novas fotos, uma vez que certas imagens nem sempre ficavam satisfatórias. Deve-se considerar que eu não sou fotógrafo profissional, portanto, fui aprendendo com meus próprios erros.

O início dessa segunda fase de campo deu-se no dia 10 de novembro de 2015, com a minha primeira entrevista, e findou-se no dia 17 de outubro de 2016, com a conclusão da última entrevista. À medida que as entrevistas iam sendo realizadas, o texto etnográfico ia ganhando forma e organizando-se. Ou seja, a construção, assim como a estruturação textual da etnografia, deu-se, simultaneamente, ao progresso do processo da coleta das informações, oriundas das conversas que tive com os comerciantes. Contudo, alguns comerciantes sentiram-se interessados na leitura da pesquisa, e pediram-me que eu disponibilizasse cópia da mesma, assim que estivesse finalizada. No caso da confecção de etnografias que se materializam em meio à própria sociedade do pesquisador, não é raro o fato de seus participantes interessarem-se pelos resultados da pesquisa. Muitas questões podem surgir da leitura das etnografias por parte daqueles que participaram, desde questões relativas à satisfação, até a não concordância direta com aquilo que foi descrito. Nesse sentido, Gilberto Velho (2013) corrobora que:

[...] ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos de que foram investigadores, que podem discordar das interpretações do investigador (VELHO, 2013, p. 77).

O fato é que se faz necessário prover algum retorno, uma vez que estes concederam as necessárias informações, bem como seu tempo e boa vontade, para que a pesquisa pudesse ser materializada e bem sucedida. Sem o consentimento e a participação dos comerciantes,

qualquer produção de conhecimento a respeito dessas práticas religiosas, no ambiente comercial, não poderia ser concretizada.

Nessa inserção, os recursos teórico-metodológicos disponíveis da Antropologia urbana constituíram-se em instrumentos de suma importância para os processos de sistematização da abordagem a um campo tão rico, porém, heterogêneo. Com a utilização dos instrumentos da câmera fotográfica, do gravador, de trechos das transcrições das entrevistas, do diário de campo e das observações, foi possível materializar textualmente tudo o que foi encontrado e registrado. Tais instrumentos possibilitaram uma descrição mais rica, não só em níveis textuais, mas em níveis imagéticos, uma vez que a utilização da fotografia permitiu o transbordamento da apreensão do leitor, para além da documentação textual.

No capítulo seguinte, trago minha etnografia, apresentando aqueles que nela colaboraram, esboçando suas relações religiosas e devocionais com seus santos, orixás, entidades, dentre outros, além de trazer os aspectos relacionais apresentados na dinâmica entre o comerciante e tais objetos. Assim sendo, poderei melhor explorar o porquê de tais comerciantes fixaram objetos religiosos e de saberes populares, no interior de seus recintos comerciais.

CAPÍTULO II

OS OBJETOS RELIGIOSOS, OS AMBIENTES COMERCIAIS E OS COMERCIANTES

Neste segundo capítulo, pretendo apresentar uma descrição aprofundada das visitas aos comerciantes e seus estabelecimentos comerciais. Tal interpretação vem antecedida de uma pequena contextualização acerca do campo religioso em questão. A descrição está embasada no tratamento hermenêutico dos registros fotográficos, dos depoimentos obtidos por meio de registro de áudio (gravador) e das observações inerentes ao campo.

2.1 A presença dos santos católicos nos comércios: o caso dos proprietários católicos

Desde a formação do Brasil colonial, pode-se observar a implementação de um quadro de hegemonia do catolicismo. Fortemente messiânico, o catolicismo logrou construir uma situação favorável a altas taxas de conversão dos povos nativos, procurando, desse modo, assentar uma influência abrangente, na sociedade brasileira. O catolicismo jesuítico, que aqui se acomodou, deriva da reafirmação do Concílio de Trento, constando do traslado de práticas medievais da igreja, materializada em uma religiosidade mística, nas devoções e superstições. Tais características chegaram, mediante contato com os povos nativos e escravizados, a fundir práticas e crenças, não obstante o fosso cultural entre a religiosidade tradicional popular, encontrada entre o povo colonial, e as posições doutrinárias, determinadas pela institucionalidade religiosa.

É possível, assim, figurar a religiosidade colonial como sempre presente na vida dos homens, fornecendo explicações e soluções para todos os momentos de sua existência. Era, em seu topo “oficial”, barroca, mística, muitas vezes soturna e angustiada, dominada pela obsessão com o pecado e o castigo eterno. Na prática social, porém, era mesclada e sincrética. Além dos princípios da religião oficial, incorporava elementos mágicos e supersticiosos de origem não apenas indígena ou africana, mas também medieval portuguesa, como o culto nas encruzilhadas. A despeito dos esforços da igreja e do governo, as práticas religiosas indígenas e africanas, ou aquelas sincréticas, foram extensamente praticadas. A defesa da ortodoxia religiosa aparece, por exemplo, numa obra como *Compêndio narrativo do peregrino da América*, reeditada várias vezes a partir de 1728, cujas preocupações moralizantes visavam à orientação da “gente comum, média, humilde, nos seus problemas da vida cotidiana” [...] (WEHLING, 1999, p.250).

A partir de uma deliberação do próprio Concílio que, à época, visava estimular a adesão ao catolicismo e fazer frente ao avanço da Reforma, atestou-se o culto aos santos (LOPES, 2010; RUSSO, 2010). Com isso, promovia-se a fé católica e, simultaneamente, tal decisão serviria como estratégia de combate à concorrência, diante das religiões opositoras. Nesse sentido, figurou-se como decisão do texto conciliar que:

[...] a comunicação que o homem estabelece com Deus através de seus Santos se apóia nos suportes materiais e sensíveis que são as suas representações iconográficas. Torna-se pertinente salientar que o Concílio sustentou a licitude do culto das imagens como forma de intermediar a relação do visível com o invisível, em vista de reforçar a fé católica e estimular a devoção (RUSSO, 2010, p. 222).

Essa particularidade histórica sobre o catolicismo popular pouco regrado, que se instalou no Brasil, desde sua mais remota herança colonial, permitiu que tais práticas viessem a se estender até os dias atuais. Nesse sentido, a despeito de todos os esforços do catolicismo institucional em depurar essa natureza “desgarrada” dos fiéis, o católico comum, no Brasil, aparece, ainda, como aquele indivíduo muito apegado a santos e rezas:

A herança do catolicismo colonial e imperial foi, contudo, de certa forma preservada, apesar das profundas reformas republicanas. Não obstante a cessação da obrigatoriedade, a grande maioria dos brasileiros, apesar de ter continuado a se declarar católica, continuou a sê-lo de uma maneira formal e superficial: sem frequência às missas, avessos aos sacramentos, apegados às devoções e às rezas (NEGRÃO, 2010, p. 146).

A prática da devoção passa a se constituir como um apego profundo, fervoroso do devoto, com relação a um mediador que se encontra, muitas vezes, a meio caminho entre o ser terreno, denso (o homem) e o ser abstrato (Deus), inatingível, ininteligível. O devoto o acessa por meio dessas mediações, e, dessa maneira, pede a intercessão, muitas vezes por meio da prática da oração e da súplica, em busca de resolução para problemas de variadas ordens. Os santos são entidades importantes nesse sistema de intercâmbios entre o mundano e o divino. Acerca das devoções aos santos, José Carlos Pereira (2005) salienta que:

Deus [...] é algo distante, inacessível, inatingível, ininteligível. Essa inacessibilidade faz com que o fiel busque meio alternativo para acessá-lo. O meio eficaz passa a ser os santos, “pessoas mais próximas de Deus” como dizia-nos uma senhora devota de Santa Rita. João José Reis afirma que nelas os santos ganham precedência sobre o Deus todo poderoso (REIS, 1995: 59). Para se ter acesso a ele necessita-se de “mediadores” que fazem essa “religação” entre o fiel e a divindade suprema. Os santos, nesse caso, são “entidades” importantes para o contato divino, e funcionam como “advogados” dos devotos, algo com semelhanças na relação que existe entre os praticantes das religiões afro, nas quais a hierarquia sagrada é bastante evidente entre os orixás (PEREIRA, 2005, p. 38).

Nesse sentido, os santos participam ativamente na vida dos seus fiéis. Aproximam-se pela mediação, que os coloca em uma posição de contato entre os vivos e os mortos. Sendo assim, pode-se compreender a mediação como uma relação entre um morto que se destacou, enquanto vivo, por uma atitude santa, e, por isso, próximo de Deus, e o devoto vivo, passível de pecado, e, portanto, portador de uma não santidade. Esta relação materializa-se por meio da imagem feita de gesso, que, por si, representa, enquanto símbolo, todas as virtudes da santidade particular de um determinado santo. Portanto, esses santos ganham poder de intercessão, como mensageiros e operadores de milagres.

Nos momentos de crise, os fiéis fazem seus pedidos aos santos prometendo-lhes algum sacrifício como contrapartida ao favor recebido. Estabelece-se, dessa forma, um sistema de trocas de bens simbólicos entre os vivos e os mortos, geralmente narradas como milagres, envolvendo os fiéis e os santos numa mesma comunidade linguística de sentidos (STEIL, 2001, p. 22).

Trata-se, portanto, de um tipo de espiritualidade que privilegia as vivências místicas profundas, as vidas mergulhadas nas experiências de grande fé e contrição, de espiritualidade, que testa e evidencia as condições extáticas de momentos de grande prova de fé, que são, por sua vez, traduzidas, posteriormente, para o livro. Ou seja, tornam-se testemunhos de vida e da validade da fé, das crenças e dos conceitos dessa tradição de espiritualidade. Transformam-se em tratados, ensaios, autobiografias e outras formas de registro escrito. Deve-se, desse modo, legar ao mundo a contribuição da experiência, de forma materializada, com o fim de intensificar e ampliar a própria consciência do crente (CARVALHO, 1994).

O Sr. José Geraldo é proprietário da *Carimbos Goebel*, na Galeria Antônio Alexandre Ahouagi, Rua Marechal Deodoro, nº 1. O sentido de sua relação com Nossa Senhora Aparecida revela grande respeito e adoração pela santa, cuja presença, em sua loja, evoca o fato de ele já ter recebido muitas graças. Segundo ele, Nossa Senhora intercede junto a seu filho Jesus, para a resolução de problemas de várias ordens: desde situações de desemprego até problemas com doenças. Ele afirmou ter começado a ser devoto quando criança, devido aos ensinamentos de sua mãe, que, por sua vez, também era devota:

Bem, eu sou devoto desde criança já, porque quem me apresentou a Nossa Senhora foi a minha mãe. Minha própria mãe que me apresentou. Porque ela, assim... Como é que se diz? Ela foi consagrada a Nossa Senhora, né?! E ela falou assim: a santa vai ser a sua madrinha. Então, com sete anos, quando eu fiz a primeira comunhão, então, desde aquele dia, que eu já fui devoto de Nossa Senhora, e até hoje, né?! Não tem como não ser devoto dela, porque eu fui criado junto com a minha mãe e meu pai, né?! Desde pequeno, minha mãe me levava na missa, na igreja... Então, até hoje, eu sou devoto de Nossa Senhora!

José Geraldo mantém duas estátuas da santa, em seu comércio. Uma está posicionada no alto da divisória, que separa a recepção dos bastidores; e a outra, posicionada no vão da escada caracol. Quem chega à loja, logo percebe a presença das imagens, dado que estas parecem ter sido posicionadas de maneira a ficarem visíveis. Todas ficam em pontos altos do estabelecimento, como quem parece estar a vigiar e proteger o recinto, e aqueles que nele permanecem. Ele frequenta a missa periodicamente, participando, ativamente, em pastorais, como a da saúde, na paróquia do bairro onde mora. Conversando comigo, ele narrou sobre as graças que já recebeu de Nossa Senhora Aparecida. Uma delas conta sobre quando ele saiu do escritório de contabilidade, no qual trabalhava, e, então, pedindo a intercessão de Nossa Senhora Aparecida, pouco tempo depois, empregou-se em uma loja de carimbos:

Recebi graça. Recebi, sim. Várias graças... Eu também estava desempregado. Assim que eu saí do escritório de contabilidade, onde eu trabalhava, eu fiquei desempregado, assim, uns quatro meses, mais ou menos. Então, pedi ajuda a Nossa Senhora Aparecida, pra pedir muito a Jesus. Aí, consegui esse emprego no carimbo, e estou até hoje aqui, graças a ela. Peço a Deus primeiro, né?! E, depois, a intercessão de Nossa Senhora. E eu consegui essa graça, e várias outras graças, eu consegui. Por exemplo, para amigos conseguir empregos, pra pessoa ser curada, sabe?! Porque eu participo da pastoral de saúde. Então, eu rezo pra Nossa Senhora curar aquela pessoa. Às vezes, a pessoa até é curada, sabe?! Então, são muitas graças que eu recebi de Nossa Senhora.

Depois de ter saído do escritório de contabilidade, e ter trabalhado por oito anos na loja de carimbos, José Geraldo conseguiu, juntamente com o seu primo, comprar o estabelecimento. Perguntei-lhe quando havia colocado, na loja, as imagens de Nossa Senhora Aparecida. Então, como resposta, ouvi que aquelas imagens estavam lá, devido à outra graça que recebera da santa, desta vez, por ter conseguido resolver um problema de necessidade de mudança de ponto comercial. Destaca ter ganhado as imagens de Nossa Senhora Aparecida de pessoas variadas, desde amigos até pessoas desconhecidas que o encontraram, e, porventura, deram-lhe tais imagens.

Bem, antes eu trabalhava lá na... Eu trabalhava em outro endereço, outra localidade, né?! Eu trabalhava lá na Rua São João. E, lá, eu não tinha imagem de Nossa Senhora, nesse local. Então, aí, foi mais uma graça que eu recebi. Então, a pessoa, dona da loja, pediu a loja pra eu sair, e deu um tempo pra mim sair daquela loja. Deu um prazo de um mês, mais ou menos, pra mim sair. E, então, o que aconteceu? Pedi a Nossa Senhora interceder por mim de novo, né?! Aí, o que aconteceu? Eu estava andando aqui, nessa galeria aqui, passando aqui, e vi que estava pra alugar aqui. E eu falei: “Nossa! Aqui vai ser meu ponto”. Aí, conversei com a pessoa aqui, que disse: “Tá alugado pra você!”. E desde aquele dia que, e vai fazer cinco anos, fez cinco anos, dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida. Dia 12 de outubro, vim pra cá. Olha só! No dia dela vim pra cá, trouxe a imagem que eu ganhei de uma faxineira. Essa pequeninha aqui, eu ganhei de uma pessoa, de um amigo. Aquela grandona lá, eu ganhei de uma gari, que ela me deu pra mim. Então, desde esse dia,

que eu coloquei ela, aqui na loja. E essa de baixo, essa pequenininha aqui, eu ganhei de uma pessoa, de um amigo. Então, desde esse dia, que eu coloquei uma imagem dela aqui. Os santos eu fui ganhando, as imagens de foto, e eu fui colocando, aqui na loja.

As graças que José Geraldo recebeu não se resumem somente a uma questão de auxílio com relação a problemas pessoais. A importância intercessora de Nossa Senhora Aparecida parece transbordar essas necessidades relativas a emprego, aposentadoria, saúde ou qualquer outra questão pessoal, e encontra guarida, igualmente, em finalidades protetivas, para a manutenção da paz, no ambiente da sua loja. No caso dessa relação de súplica e recebimento de graça, parece existir um apego muito grande à santa, pelo fato de ter recebido, segundo ele, muitas graças da mesma. Nesse sentido, parece nutrir uma relação significativa com Nossa Senhora Aparecida. O Sr. José Geraldo contou-me que tem muito medo de assaltos na galeria, e, por isso, apega-se à proteção da santa, sentindo-se, dessa maneira, mais protegido com a presença das imagens.

Ah, sei lá... Eu sinto, assim, proteção, né?! Dos santos, Nossa Senhora... Eu sinto mais protegido assim, sabe?! Aqui, de vez em quando, tem assalto, aqui na galeria. Eu sinto, assim, que eu tô protegido aqui. Tem os santos em volta de mim, entendeu?! Nossa Senhora... Eu me sinto protegido de bandido aqui na loja. Que, às vezes, passa um mal encarado, olha pra cá. Mas, graças a Deus, nunca aconteceu nada até hoje.

José Geraldo salientou, ademais, que as graças não foram concedidas somente a ele, mas, também, em casos de problemas com amigos próximos. Afirmou que aconselhou determinado amigo desempregado a fazer uma novena para Santo Expedito, e, então, o amigo acabou conseguindo um bom emprego, nas Casas Bahia. Em sua loja, José Geraldo mantém um pequeno santinho desse santo, na geladeira. A proteção pessoal, de igual forma, entrou no rol de necessidades de intervenção santa, quando afirmou que estava, há um tempo, sendo seguido por alguém. Evocou, assim, o medo de ser assaltado, e, pedindo a Santo Expedito a proteção, recebeu a graça, e nunca mais foi incomodado:

Bem, a graça que eu recebi do Santo Expedito foi porque um amigo meu estava desempregado. Aí, eu virei pra ele e falei assim: “Reza pra Santo Expedito, pra você receber essa graça!”. Aí, ele foi e rezou pra ele nove dias. Novena, né?! Quando chegou no quarto dia, ele foi fazer uma entrevista nas Casas Bahia, pra trabalhar nas Casas Bahia. Hoje, ele é gerente das Casas Bahia. Uma outra graça que eu recebi, também, foi uma graça muito grande. Tinha um camarada me seguindo. Não sei se ele queria me assaltar... Não sei. Alguma coisa assim. Ele tava me seguindo, né?! Onde eu ia, ele ia atrás de mim, assim, sabe?! “Esse cara tá me seguindo”, né?! Aí, eu peguei e entrei no Cenáculo, lá na Rio Branco, e comecei a pedir a Deus. Esse cara está me seguindo, já tem o quê?! Uma semana me seguindo, não sei por que, e ele ainda tava me seguindo. Aí, eu entrei na capelinha do Cenáculo da Rio Branco,

né?! E comecei a rezar, pedir a Deus, pedir a Santo Expedito pra interceder por mim, né?! Aí, depois, nunca mais eu vi essa pessoa na minha frente... Nunca mais.

Existe uma relação estreita entre a difusão devocional a Santo Expedito e as situações ligadas a pessoas desempregadas. Nesse sentido, alguns santos têm passado a ser relacionados a momentos de crise sócioeconômica, pelos quais muitas pessoas atravessam. De acordo com Lopes (2007, p. 3), além de Santo Expedito, há São Judas Tadeu, Santa Rita de Cássia e Santa Edwiges: “tais santos e santas são conhecidos por sua capacidade de resolver problemas concretos como desemprego e dívidas”. Estes passaram a ser conhecidos como os “santos da crise”. Portanto, no Brasil, em momentos políticos de grande crise econômica e financeira, que geram, por sua vez, grandes massas de desempregados, uma onda desses santinhos passa a circular, em maior quantidade. Um exemplo prático disso deu-se quando da crise da década de 1990, na era Collor. Pôde-se perceber uma explosão desses santinhos impressos, principalmente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, tal prática espalhou-se, rapidamente, por todas as outras capitais e redondezas. A partir dessa conjuntura econômico-política, surgiu “uma nova devoção de massa, muito comentada em jornais e outros veículos de comunicação” (LOPES, 2007, p. 4).



Figura 1: Porta-retrato com Mãe Peregrina, nos bastidores da loja
Fonte: O autor (2015)

Uma inserção mais aprofundada, além de ter propiciado um contato maior com os comerciantes, por meio das entrevistas, tem proporcionado a visualização de alguns bastidores dessas lojas, e, de fato, existe outra dimensão dessas práticas religiosas, que não podem ser mensuradas por intermédio de um contato superficial. Esses bastidores estão repletos de outras imagens, cujas presenças revelam, por assim dizer, muito mais acerca das

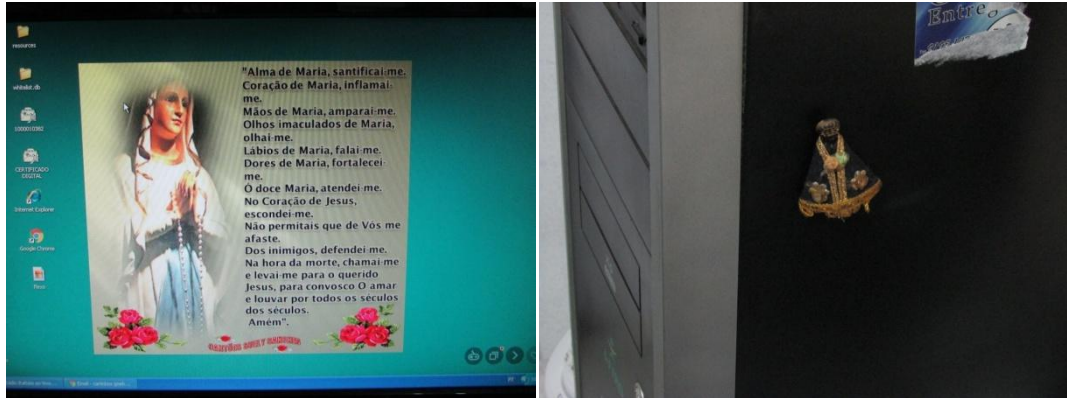
subjetividades religiosas dos proprietários. A fotografia acima é um exemplo de uma imagem de bastidores, na qual se pode observar um pequeno quadro de Nossa Senhora Mãe Peregrina, além do despojamento da disposição dos outros objetos que compõem a imagem. O fato é que os bastidores não seguem a mesma lógica da frente do comércio, organizado para fins de exposição.

No andar de cima da loja, onde ficam guardados materiais de trabalho, José Geraldo ainda mantém orações plastificadas de Nossa Senhora Aparecida, que ficam circulando pela loja. Ou seja, ora estão ao lado da imagem da Nossa Senhora Aparecida, posicionada no vão da escada caracol, acesso à parte de cima da loja, ora em cima da mesa, no bastidor. Um crucifixo com a imagem de Jesus fica na parede, atrás do biombo de madeira, que divide a loja, pregado no alto. Não é possível visualizá-lo se não se adentrar em seu interior.



Figura 2: Crucifixo com Jesus, nos bastidores da loja
Fonte: O autor (2015)

José Geraldo possui, na loja, além das imagens de Nossa Senhora Aparecida e de Santo Expedito, outros objetos com temática religiosa, como adesivos, ímã fixado ao computador, oração em sua tela, folheto contendo oração sobre o balcão, dentre outros materiais de decoração:



Figuras 3 e 4: Oração para Maria e ímã de Nossa Senhora Aparecida
Fonte: O autor (2015)

Na imagem de Nossa Senhora Aparecida, da escada caracol, há uma fotografia do José Geraldo, fixada nas mãos da santa. Tal fotografia encontra-se lá, para materializar uma forma de agradecimento por ter conseguido o emprego na loja de carimbos, da qual havia falado:

Então, eu coloquei lá, porque eu queria receber uma graça de Nossa Senhora Aparecida. Porque eu estava desempregado, né?! Eu fiquei desempregado uns quatro meses, assim, mais ou menos... E fiz a oração de Nossa Senhora Aparecida. Então, assim que eu saí, eu trabalhava num escritório de contabilidade. Passou, assim, quatro meses, eu fiz a novena de Nossa Senhora Aparecida. Então, eu recebi essa graça. Depois de quatro meses, eu recebi essa graça. Aí, eu coloquei o meu retrato, nas mãos dela, em agradecimento, e, também, pra se proteger e pra não ficar desempregado. Até hoje, eu não tô desempregado, e eu queria aproveitar essa oportunidade, pra falar mais uma graça que eu recebi. Mais uma graça de Nossa Senhora Aparecida, de novo. Também, mais uma vez, que eu consegui aposentar. Essa foi uma graça muito grande, porque eu fiz a novena de Nossa Senhora Aparecida, e eu consegui aposentar, no ano passado. Mais uma vez, mais uma graça que eu recebi! Eu sempre consigo a graça, quando eu peço pra Nossa Senhora Aparecida, porque eu sou muito devoto dela. Não é à toa que eu coloquei aquela foto ali.



Figura 5: Nossa Senhora de Fátima
Fonte: O autor (2015)

O fato de, oito anos depois, José Geraldo ter conseguido comprar a loja de seu antigo patrão, evoca nele uma sensação de bem-aventurança. Reconhece a intercessão e a proteção divina de Nossa Senhora Aparecida por estar, sempre, melhorando social e economicamente a sua vida. Ou seja, tal intervenção poupou José Geraldo do desemprego, auxiliou-o em momentos pessoais difíceis, proporcionou-lhe tornar-se o proprietário da loja em que trabalhou, ajudou amigos a arranjar emprego, e até o amparou com relação ao problema de ter de se mudar de um ponto comercial para outro. O agradecimento, então, significa fixar as imagens em seu comércio e depositar oferendas de agradecimento: desde sua fotografia 3x4, nas mãos da santa, até depositar flores, no dia da mesma. A estátua de Nossa Senhora Aparecida que fica no alto do biombo de madeirite está com uma rosa vermelha, dentro de um pequeno pote de bambu. Além da flor vermelha ao lado da imagem, existe, ainda, ao lado da Nossa Senhora Aparecida maior, um vaso com flores artificiais amarelas. Conversando com José Geraldo, ficou claro o porquê dessas flores, ao lado das santas:

Então, às vezes, eu coloco uma rosa pra ela, pra Nossa Senhora, assim, pra agradecimento, né?! Ofereço a ela uma rosa, em agradecimento, por tudo que ela intercedeu por mim até hoje. Então, eu sempre coloco uma rosa ali pra ela. Às vezes, eu coloco uma rosa mesmo viva, né?! Tem uma rosa ali que é artificial, mas, sempre, assim, todo dia 12 do mês, que em comemoração ao dia de Nossa Senhora Aparecida, todo dia 12 do mês, eu colocava uma rosa lá pra ela. Todo dia 12. Então, você pode ver que, todo dia 12, vai ter uma rosa ali. Ela não fica muito tempo, porque ela morre, a rosa, né?! Mas, todo dia 12, eu ponho uma rosa, assim, oferecendo pra ela. Sempre pra tá abençoando a gente, né?! Não é à toa que é a padroeira do Brasil.

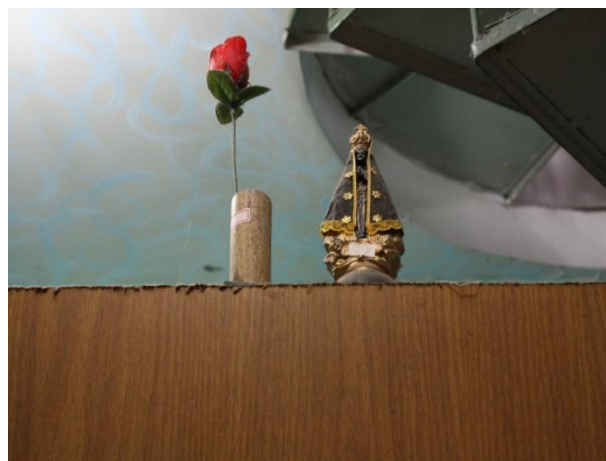


Figura 6: Nossa Senhora Aparecida com rosa vermelha
Fonte: O autor (2015)

Essas práticas de agradecimento por graças recebidas constituem-se no que Menezes (2004) destacou como uma “etiqueta do pedido”. Ou seja, aqui, o agradecimento pode dar-se desde formas discretas, como a utilização de uma oração, uma vela acesa, ou o depósito de

flores junto ao santo de devoção, quanto fazer uma visita ao santo na igreja, fazer uma romaria, ou até materializar a graça recebida na forma de um ex-voto.

Como visto no caso do Sr. José Geraldo, o crescimento socioeconômico resultou de uma relação devocional veemente com Nossa Senhora Aparecida e Santo Expedito. Com “Muita Fé No Que Faz”, comerciante do ramo de vestuário, natural de Piau e residente em Juiz de Fora, desde os cinco anos de idade, o apego devocional a Santo Antônio e a Nossa Senhora Aparecida foi crescendo, na medida em que sua condição de vida foi, gradativamente, melhorando:

Depois que eu comecei a desenvolver na área comercial, e com algumas posses, eu fui conseguindo. Eu senti mais vontade de orar, pedir, agradecer. Por isso, eu sou devoto de Santo Antônio, como, também, admiro Nossa Senhora Aparecida e os demais.

Na companhia dos santos, “Muita Fé No Que Faz” foi conseguindo realizar seus objetivos e sonhos, e, desse modo, progredindo materialmente. Tal como afirma, sua condição de vida era muito precária: trabalhava como empregado e estudava à noite. As condições da família eram: “muito humildes, sem muito recurso”. Mas, graças a muita oração e trabalho, bem como às graças recebidas, hoje, sua vida está melhor. Nesse sentido, respondeu-me que tem devoção a esses santos: “Porque eu consegui muitos objetivos dos meus sonhos. Sonho profissional, ajudar a minha família, melhorar um pouco as nossas condições. Eu fui sempre trabalhando e pedindo, e sempre progredindo”.

À medida que foi conseguindo seus objetivos, sua fé foi aumentando, até o momento em que se sentiu tomado pelo ímpeto, com o apoio da família, de trazer para o interior da loja as imagens de Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida, dentre outros. Hoje, “Muita Fé No Que Faz” responde, com veemência, que possui tais objetos religiosos de sua devoção no seu comércio, porque tem muita fé na intercessão desses mediadores. Nas suas palavras: “pela minha fé que eu tenho, eu recebi muita ajuda e agradeço pelos meus sentimentos, pelas minhas vitórias e, até mesmo, pelas minhas derrotas, desde que lutando”.

Quem passa pela recepção da loja de “Muita Fé No Que Faz”, observa pouca coisa relativa a imagens e outros objetos religiosos ou do saber popular, quando comparado a exemplos de outros estabelecimentos comerciais. Nesse caso, a riqueza iconográfica está muito mais presente nos bastidores. Ao subir uma estreita escada, chega-se a uma pequena ante-sala. À frente, a sala do escritório; ao lado, um banheiro para o uso dos funcionários; e

outros pequenos recintos, repletos de mercadorias esperando para compor as prateleiras, no andar de baixo.



Figuras 7 e 8: Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio
Fonte: O autor (2016)

Assim que acabei de subir ao bastidor, deparei-me com um oratório na ante-sala, no alto da parede, no qual está Nossa Senhora Aparecida, e, dentro do escritório, em uma prateleirinha de madeira, de cor branca, também no alto da parede, jaz Santo Antônio. Outra pequena prateleira, contendo Nossa Senhora Aparecida, São Jorge e Santo Antônio, está fixada na ante-sala, de frente para o escritório. Aqui, as imagens estão dispostas juntas na mesma prateleira:



Figura 9: Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio e São Jorge
Fonte: O autor (2016)

Além dos santos que se situam dentro da proximidade devocional de “Muita Fé No Que Faz”, pode-se destacar outros. Sua fé refere-se, neste caso, primeiramente a Santo Antônio e a Nossa Senhora Aparecida, e vai estendendo-se aos demais mediadores com os quais foi tecendo contato. Nesse sentido, “Muita Fé No Que Faz” relatou que a presença, na

loja, de alguns dos santos que possui, dentre outros objetos de outras tradições religiosas e do saber popular, deu-se por influência direta da própria família. Já outras imagens foram fixadas pelas suas próprias mãos. Assim sendo, a partir do reconhecimento do sucesso do alcance dos seus objetivos e sonhos, por meio da intercessão dos santos na sua vida, “Muita Fé No Que Faz” foi fixando, no interior do seu recinto comercial, as imagens desses mediadores. Nas suas palavras: “Bem, além da minha fé, a minha família pediu muito e ora, e, também, tem muita fé. Por isso, eu fico muito tomado com isso”.

O caso da Dona Mounira, proprietária, juntamente com a família, da *Casas Chic*, Rua Marechal Deodoro, nº 196, cuja família é de origem síria¹⁹ e devota de São Jorge, Nossa Senhora Aparecida e outros santos, revela-se instigante, em muitos aspectos. Quem entra na loja observa, na parede situada atrás da caixa registradora, uma quantidade significativa de imagens e quadros de vários santos. Todos eles estão acomodados em uma parte alta da parede. Segundo ela, estão aí: “Pra proteger, proteção”. Nesse sentido, Dona Mounira afirmou: “Não tem uma coisa específica, qualquer aperto que a gente tem, a gente pede e Nossa Senhora nos ajuda, então...”. Uma situação de devoção a vários santos revela, nesse caso, a flexibilidade das possibilidades e de arranjos da pertença católica. Segundo Dona Mounira, a quantidade de santos colocados no comércio foi aumentando, de acordo com os pedidos de familiares:

Minha cunhada falou que queria colocar Nossa Senhora, e eu falei: “Pode colocar!” [...]. E o do São Jorge, porque eu sou devota de São Jorge. Aí, chegou o pessoal e falou: “Coloca, pra mim, nossa Senhora de Fátima aqui?” Falei: “Pode colocar!” Você entendeu? Cada um vem e pede: “Posso colocar?” Eu falo: “Pode colocar!”. E tá aí.

Tendo em vista a grande variedade de santos que estão dispostos em seu estabelecimento, percebi que, para Dona Mounira, a proteção, seja ela de que santo vier, parece ser o que mais importa:

[...] o fiel católico insere-se num quadro diversificado de modos de ser e participar configurando uma forma plural de exercer sua vinculação [...] caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o “outro mundo”. O que para o protestante tradicional ou católico romanizado seria

¹⁹ De acordo com Bastos (1988), os primeiros sírios chegaram em Juiz de Fora, a partir de 1912. Em sua maioria, originários de Yabroud, Síria. Começaram a trabalhar com comércio, desde o início chegando a adquirir pecúlio suficiente para investir em lojas de armarinhos, tecidos e fábricas. Os sírios passaram a imigrar devido a problemas políticos e relacionados a conflitos, em sua terra natal. Com os sírios em Juiz de Fora, além das tradicionais lojas de tecidos e armarinhos, surgiu, por suas mãos, a Igreja Melquita Católica de São Jorge e o Clube Sírio e Libanês de Juiz de Fora.

expressão de pernicioso sincretismo ou superstição, para boa parte dos fiéis significa um modo de alargar as “possibilidades de proteção” (TEIXEIRA, 2009, p. 19).



Figura 10: Nossa Senhora de Fátima, São Charbel, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, São Jorge, crucifixo e Nossa Senhora Aparecida
Fonte: O autor (2015)

Esse caso pareceu ser ímpar pelo fato de Dona Mounira ser síria e se dizer devota, em primeiro lugar, de São Jorge, e, em seguida, de Nossa Senhora do Líbano, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e São Charbel. Em conversa durante a entrevista, ela disse-me, com veemência, ser devota de São Jorge, pelo fato de o mesmo ser um santo, segundo ela, de origem síria. Para Dona Mounira, o aprendizado da devoção deu-se por ser católica, desde sempre, bem como pelo contato com as devoções de sua cunhada. Sendo assim, ela foi colocando as imagens dos santos na sua loja, com fins abertamente protetivos. Dessa forma, a questão é atentar que essa proteção não se remete somente ao ambiente do trabalho em si, porém, trata-se, primeiramente, de englobar sua própria vida. Afirma ter recebido muitas graças desses santos que, em momentos perigosos pelos quais passou, salvaram a sua vida. Ela falou-me sobre as graças recebidas:

Muitas, muitas. Todas elas são assim. Todas! A mais importante foi... Eu acho que eu fui marcada três vezes pra morrer, e as três vezes ele me salvou. É porque a primeira vez eu estava descendo da granja, perto do clube lá do português, né?! De repente, eu senti o negócio do carro, que eu ando devagarzinho. De repente, eu estava... E o carro começou a rodar comigo. E como eu tava sozinha, e só dirijo devagarzinho, ele ficou sem controle. Aí, peguei, na hora que olhei em volta, eu achei aqui um barranco do outro lado, chamei: “São Jorge, me ajuda!” Pra mim poder vim. E, de repente, enquanto eu pedia a São Jorge, o carro virou. Eu tava descendo, ele virou pro lado contrário. Vinha um caminhão de Cofercil, indo lá pra baixo, e enquanto ele vinha, o carro virou, bateu, parou no meio fio. Veio o caminhão, e parou em cima, e veio pra ajudar. Esse aqui foi o primeiro. O segundo, eu tava em Resende, na casa da minha irmã, e, de repente, eu falei: “Anda devagarzinho, que tem animais no caminho... Anda devagarzinho”. Antes de eu

acabar, uma vaca bateu no carro, e caiu, assim, em cima do carro, bateu no vidro, passou pelo capô, e voltou pro outro lado. Aí, a minha irmã perguntou: “Cê tá bem?”. “Não, eu estou bem, sim, graças a Deus, a Nossa Senhora e o São Jorge. Ele nos protegeu.” E, realmente, nós saímos ilesas, apesar que ninguém dava, assim que via o carro, achava que nós podia sair. Isso aqui tudo num ano só. Terceira vez, também no mesmo ano. Era dia 20 de dezembro, e nós se preparando pra carnaval. Eu fui pra São Paulo, e ia voltar de avião. Trabalhei, fiz tudo. Viajei à noite. Quando chegamos na hora de sair, cadê o avião dele sair?! Não saía, não saía. De repente, ele saiu. Com muito trabalho arrumaram ele, e subimos. Quando andamos 25, 30 minutos, quase chegando em Juiz de Fora, aí avisaram que o avião ia voltar pra São Paulo. Aí, nós voltamos pra São Paulo. Mas, todo mundo ficou preocupado, né?! Tinha muita criança, tinha muita coisa. Chegou em cima de São Paulo, quando nós olhamos lá pra baixo, tinha polícia, corpo de bombeiros, tudo que você podia imaginar. Ele tava andando pra poder esvaziar de gasolina. Quando o avião bateu, caiu, e bateu direto, porque sempre quando o avião cai, ele caminha. Ele bateu e caiu direto. Aí, antes de pegar fogo, antes de por nada, todos nós pedimos: “Oh Deus! Que Deus nos ajude!”, né?! Saímos ilesos, sem nenhum... Por isso que não sei por que, a fé move montanhas, porque a gente tem fé. Esse ano, esse aqui, foi dos mais importantes. As três, parece que as três vezes: de outubro, novembro e dezembro. Outubro foi, novembro foi, e dezembro. Três vezes, uma atrás da outra. Como eu tenho fé em Deus... Eu tenho fé em Deus, claro! Primeiro em Deus, depois em Nossa Senhora, que é a minha madrinha, e São Jorge, meu padroeiro.

Observado o relato acima, percebe-se que a competência protetora dos santos é abrangente. Evoca-se a proteção para todos os males que podem vir a acometer àqueles que pedem sua intercessão nos momentos difíceis. Nesse caso, observa-se como as intercessões de Nossa Senhora e São Jorge contribuíram para livrar da morte as irmãs, que estavam em meio a um acidente violento de trânsito, dentre outros acontecimentos, tal como Dona Mounira afirmou.

O aspecto da proteção parece estar sempre presente. Interessante notar que tal proteção é dada por santos e santas, oriundos de vários lugares do mundo. No mundo católico, as devoções não se restringem aos santos e padroeiros locais. Evoca-se a proteção de mediadores de outras nacionalidades, mediante aprendizado. Dona Mounira, por exemplo, afirmou ter aprendido ser devota de Nossa Senhora do Líbano, por intermédio de sua cunhada. No Líbano, Dona Mounira conheceu, ainda, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, por meio de irmandade da qual fazia parte. Contudo, essa santa não é, por sua origem, libanesa e, sim, de acordo com Augras (2005), uma imagem iconográfica, encontrada, originalmente, na ilha de Creta. Nesse sentido, parece haver uma circulação desses santos pelo mundo católico, a ponto de ocorrer esses encontros com devotos de várias partes do mundo.

A relação de Dona Mounira com os santos dos quais ela é devota remete-nos a pensar em uma espécie de gradação devocional, na qual ela, em primeiro lugar, coloca-se como devota de São Jorge. Na entrevista, quando perguntada sobre qual santo ou santa que mais nutria devoção, ela respondeu prontamente: “São Jorge”. Porém, existem outros com os quais

ela mantém uma relação devocional, uma vez que São Jorge não detém o monopólio relacional. Dona Mounira reflete o caso em que se observa um amplo espectro característico do catolicismo devocional, pujante na sociedade brasileira. Ou seja, ela expandiu a sua gama de relações com vários mediadores, a fim de garantir para si mesma, para a sua família, e para suas atividades do dia a dia, a máxima proteção. No caso de Dona Mounira, devido ao múltiplo de vínculos que ela desenvolve com vários santos, parece haver, aqui, uma ligação mais forte com São Jorge, e, em menor medida, com Nossa Senhora Aparecida, além de um envolvimento menos amarrado com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e São Charbel. Assim sendo:

[...] a relação de devoção implica em fidelidade por parte do devoto, mas é um tipo especial de fidelidade que está em jogo. Trata-se de uma fidelidade inclusiva, que torna possível gostar de vários santos ou combinar a devoção a dois ou mais deles [...] no qual os santos podem aparecer de forma hierarquizada [...] (MENEZES, 2004, p. 51).

Outro caso singular que expressa a presença de santos variados, dentro de recinto comercial, é o do *Box São Francisco*, no Mercado Municipal. Esta loja de hortifrutigranjeiros pertence ao Sr. Carlyle, natural de Piau, interior de Minas Gerais. Essa é uma das várias lojas que existem no Mercado Municipal, e, como muitas outras, revelou uma presença significativa de objetos que remetem ao mundo do sagrado santorial católico. Quem se coloca de frente para a banca de frutas e legumes frescos, entre os corredores do mercado, pode observar fotografias e santinhos de Nossa Senhora de Fátima, da Rosa Mística, de São José, do papa Francisco²⁰, dentre outros, junto a prateleiras e pôsteres com motivos futebolísticos.

Durante a entrevista, enquanto conversávamos, ele ia mostrando as suas imagens e afirmando, com orgulho e confiança, o seu respeito por todos os santos: “Eu sou devoto de todos os santos. Eu sou católico, frequento a igreja. Só não vou todos os domingos na igreja, mas, um domingo, sim, e outro, eu não vou. Eu não deixo de ir na igreja”. Afirma que as pessoas que não procuram uma fé, e que não rezam, passam dificuldades.

²⁰ É o atual chefe da igreja católica apostólica romana e do estado do Vaticano. Sucedeu o papa Bento XVI.



Figura 11: Papa Francisco, Jesus, Maria e José, Sagrado Coração de Maria, Sagrado Coração de Jesus, e outros
Fonte: O autor (2016)

Apesar de nutrir grande respeito pela vasta gama de mediadores da tradição santorial da religião católica, Carlyle afirma, com convicção, que sua principal devoção sempre foi por Nossa Senhora Aparecida, desde o dia em que aprendeu, com sua tia, a cultuar a santa. Afirma, de fato, que quando precisa pedir algo, primeiramente, é a Nossa Senhora Aparecida a quem recorre. Mas, por outro lado, não titubeia em ressaltar que pode apelar a qualquer outro. Assim, o comerciante respondeu sobre a presença de outros santos, colados na parede:

Sim, por quê? Porque elas pertencem à igreja. Então, se pertencem à igreja, a gente tem que ter, também, devoção sobre elas. Claro, gosto de todos os santos. Pra mim, todos eles são ótimos. Todos eles! Uma promessa que você pedir, eles vão te atender. Mas é igual eu acabei de te falar, eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida. Gosto de todos. Se eu quiser fazer um pedido a São José, eu faço. Pra São Francisco, eu faço. Inclusive, aqui, essa loja aqui tem nome de São Francisco, porque eu sou um cara que ajuda todas as pessoas. Muita gente que eu ajudo. E uma coisa, assim, que incrível que pareça, quanto mais ajudo, mais eu ganho, tá!

Carlyle demonstrou ser um homem caridoso. Disse-me que não deixa de ajudar pessoas que, porventura, passem na loja, pedindo qualquer coisa, e, por isso, afirma que quanto mais ele ajuda, mais ganha. Reforça-se, nesse instante, a questão do dar e receber, muito forte no pensamento cristão, pautado pela caridade e pela fraternidade. Além disso, como resalta a sua fala acima, ele procura manter uma boa relação com todos os santos. Ademais, existe uma relação entre o nome da loja e sua própria condição de sujeito ligado à caridade.

Enquanto andei observando as ruas delimitadas pelo campo de pesquisa, percebi que várias lojas possuem nomes de santo, como *Chaveiro Nossa Senhora Aparecida* ou *Estacionamento São Jorge*. No caso em questão, Carlyle, ao longo da nossa conversa,

afirmou que batizou a loja de *Box São Francisco*, porque é devoto de São Francisco, além de seu próprio nome ser Francisco. Ressalta, igualmente, que o nome do estabelecimento parece “chamar” as pessoas que se encontram necessitadas, e, desse modo, reforçando essa característica da bondade e da caridade para com os outros, Carlyle afirmou que é sempre o primeiro a ser procurado, para os casos de caridade:

E, outra coisa, porque está escrito aqui *Box São Francisco*, e eu, devoto de São Francisco, e as pessoas falam: “Sr. Francisco, é porque você ajuda muito as pessoas!”. É uma coisa impressionante! Eu vou te falar. Todas as pessoas que vem aqui dentro, que vem pra pedir, pedir alguma coisa, em primeiro lugar, sou eu. Não sei por quê. Não tem explicação... Não sei se é por isso que chama as pessoas. Às vezes, até tem hora que eu estou muito ocupado, as pessoas ficam me perturbando, pedindo isso, mas eu não deixo de dar. Aí, eu pergunto: “Só vem aqui?”, “será que aqui é porque eu sou devoto de São Francisco?”. Sim! Eles me chamam até de papa Francisco, também, por causa disso aí, tá!



Figura 12: Nome da loja, no Mercado Municipal
Fonte: O autor (2016)

Quando perguntado se já tinha recebido alguma graça de Nossa Senhora, ou de algum outro santo de sua devoção, Carlyle afirmou: “Eu recebo graça de todos eles, mas, especialmente, de Nossa Senhora Aparecida”. Nesse caso devocional, de acordo com Menezes (2009), a premência da relação entre o dar-pedir-receber se deu com Nossa Senhora Aparecida. Porém, tal situação de devoção e graça mantém-se, igualmente, em menor medida, com os outros santos, cuja participação em sua vida é ativa. Dessa maneira, destaca:

Não! Eu digo, assim, pra você, que eu recebo. Tem que citar todos, ou não? Porque eu digo, assim, porque tudo o que eu faço na minha vida dá certo, meu amigo! Nunca fiz alguma coisa na minha vida que desse o contrário. Às vezes, as pessoas falam comigo, vê que eu tô fazendo alguma coisa, às vezes, assim, um tipo de um negócio: “Carlyle, será que é assim?” Eu digo: “Deixa comigo, que eu tô fazendo, e vai dar certo! Eu tenho Nossa Senhora Aparecida do meu lado, e ela vai me ajudar!”. E tudo o que eu fiz, até hoje, eu nunca falhei, e sempre deu certo, tá!

Como no caso de Dona Mounira, algumas fotografias de santos existentes em sua loja são resultado de doações de pessoas que pedem para ele fixá-las na parede. Como Carlyle sempre procura manter uma relação receptiva quanto aos santos do panteão católico, o mesmo não vê problema em acrescentar tais objetos, no seu recinto comercial. Nesse sentido, ele afirma que, além das imagens que sua mãe lhe deu, já recebeu doação até de um ex-prefeito da cidade, quando este, certa vez, meteu-se a distribuir Rosas Místicas, por toda Juiz de Fora:

Eu coloquei essas imagens. Assim, eu tenho Nossa Senhora Aparecida. Do papa, foi quando o papa veio ao Brasil. Eu tenho freguês que esteve lá, e me mandaram isso aqui pra mim, entendeu? Sabe que eu sou católico, mandou pra mim, me entregou e falou: “Você pode colocar essa foto aí?” E eu falei: “Claro, ponho, por que não?!” E, ali, têm uns santinhos ali, que minha mãe me deu. Aquelas duas santas que tá lá, foi um cidadão da cidade que me deu, que já foi prefeito. Chama-se Alberto Bejani. Então, eu recebi isso da mão dele, aqui dentro, porque ele veio aqui, porque eu não sei se você sabe, uma época que ele andou na cidade aí, que ele andou com a Rosa Mística, entregando pra todo mundo. Ele foi na minha cidade, Piau, e minha mãe mandou que viesse me procurar aqui. Ele veio aqui e me deu a Rosa Mística, e eu: “Claro!”. Aceitei. Eu falei: “Vamos pôr aqui, Bejani”. Botei, claro! A Rosa Mística! Botei. Aí, eu botei. Quem me deu foi até o Bejani. Outros santos, às vezes, passam outras pessoas, com santinhos na mão, e até me perguntam: “Carlyle, você quer um santinho?”. E eu falo: “Claro! Claro que eu quero!”. Eu aceito. “Me dá aqui, que se não tiver colado ali, eu vou colar!”. Eu ponho. Eu boto.



Figura 13: Rosa Mística e Nossa Senhora de Fátima
Fonte: O autor (2016)

O sentido dessa receptividade aos santos dos quais Carlyle cerca-se, no interior de seu ambiente de trabalho, em dado momento de nossa conversa, revelou que o mesmo percebe esses santos como uma espécie de manto protetor. Ou seja, todas as imagens estão ali para garantir a proteção dele e de tudo que o envolve. Ele destaca que alguma coisa “existe” ou “está com ele”, de maneira que os males, que, por vezes, avizinham-se, não são capazes de afetá-lo. Aqui, o sentido da proteção é, assim como nos outros casos, generalizado, isto é, envolve a tudo e a todos que estão cercados pelo conjunto de santos que ali se encontram.

Às vezes, até eu falo: “Tem uma coisa comigo, meu amigo”. Não sei... Semana retrasada, ainda comentei isso aqui. Às vezes, costuma, de vez em quando, entrar gente pra roubar aqui. Deixa eu te falar uma coisa pra você: há uns quinze dias atrás, entraram nessa loja aqui do lado, e eles não mexem comigo! Às vezes, eles me perguntam por quê. Eu digo assim: “Não sei, meu amigo. A única coisa que eu posso te falar é só olhar para esses quadros aí, que são os santos. Isso tudo me protege: Nossa Senhora Aparecida, o papa que está ali, a Rosa Mística, o São José...”. Eu falo assim, eu acho que seja isso. Eu falei: “As pessoas têm que ter fé, uai!”. Já passou um ladrão aqui dentro, e desceu aqui. Mexeu com todo mundo, e comigo, não. Sendo que tinha calculadora, tinha telefone, tinha celular, tinha dinheiro e moeda... Tinha trocado nota de dois, e nunca mexeram comigo. Então, só foi uma vez só que mexeram comigo, há uns anos atrás, mas, depois, já entrou umas cinco ou seis vezes aqui, e não vem em mim. Não sei se eu sou privilegiado, ou se tem alguma coisa. Eles me perguntaram, e eles entraram nesse menino do lado aqui. Entrou lá, e, aí, me perguntaram: “Por que que não vem em você?”. Até não foi o dono que me perguntou, foi o funcionário. Aí, eu peguei: “Meu amigo, eu acho que é por causa desses quadros... Olha só esses quadros aqui. Olha essas santas. Eu sou devoto. Isso aí me protege, meu amigo. Isso me ajuda, você entendeu?!”.

Carlyle está referindo-se a ladrões que, segundo ele, entram muito no Mercado Municipal, destacando que eles entram e, com ele, não mexem. Já entraram no mercado pela sua loja, porém, de seu interior, nada levaram. O *box* que fica ao lado do dele, pelas minhas observações, não possui imagens ou objetos que remetem a qualquer sagrado, tradição religiosa ou saber popular. Isso parece levar Carlyle a perceber-se com maior segurança que os seus vizinhos. Aqui, o sentido protetivo que os santos conferem não se resume, mais uma vez, apenas à pessoa do Carlyle, mas expande-se ao recinto comercial, seus objetos e produtos de valor.

O Sr. Adilson é o proprietário do *Box Sabor de Minas*, quadra 1, nº 2, também no Mercado Municipal. Oriundo de uma família com vocação comerciante, está há onze anos atuando no local, com a sua loja. Seu caso, assim como o de todos os outros comerciantes católicos com os quais conversei, revela um profundo apego aos santos, depositando neles uma relação religiosa pautada por forte devoção. Adilson, em nossas conversas, afirmou ser um profundo devoto de Nossa Senhora Aparecida. Não obstante, relaciona-se, ainda, com São Jorge e Santo Expedito. Há, nesse caso, uma preferência específica em relação à primeira, depois, aos outros dois santos.

Bom, a minha devoção específica, em primeiro lugar, é Nossa Senhora Aparecida. Sou muito devoto de Nossa Senhora, e, depois, seguidamente, São Jorge, entendeu? Eu tenho um certo carinho por ele, entendeu? Por ele ser um santo guerreiro, ser um santo protetor. E Santo Expedito, também. Mas, é mais Nossa Senhora Aparecida e São Jorge.

Da mesma forma como ocorreu com Dona Mounira, “Muita Fé No Que Faz”, bem como com Carlyle e José Geraldo, no caso do Sr. Adilson surgiu uma gradação relacional. Ele

orienta suas devoções por uma ordem de sobreposição: Nossa Senhora Aparecida, São Jorge e, por último, Santo Expedito. No caso da devoção a Nossa Senhora Aparecida, Adilson relatou que, quando era criança, estudava em colégio de freiras, e, à época, havia o costume de fixarem-se estampas de imagens de santos, nos cadernos dos alunos. Nos seus cadernos, a sua mãe sempre colava imagens de Nossa Senhora Aparecida. Contudo, Adilson achava isso estranho. Não gostava muito, a princípio, daquela imagem. Mas, com o passar do tempo, foi apegando-se a Nossa Senhora Aparecida, e, atualmente, afirma que é um grande devoto dela. Segundo ele, Nossa Senhora Aparecida tem tido uma grande atuação em sua vida, livrando-o dos mais variados perigos. Sente-se protegido por ter, nessa santa, tanta fé. No que tange ao âmbito pessoal, ele relata que:

Nossa Senhora, por exemplo, muitas coisas que, às vezes, eu tenho pedido, eu tenho alcançado, entendeu? Ela tem me protegido demais. Me livrado, às vezes, de situações, às vezes, na rua mesmo, às vezes, assim, é... Às vezes, de repente, você passa num determinado lugar que, às vezes, não era aquela hora de você passar ali, entendeu? Então ela te livra. Ela te protege do mal de um assalto, de uma coisa assim, entendeu? Proteção pra casa da gente, que eu moro em casa, não moro em apartamento. Quer dizer, você sabe que casa é muito vulnerável. Então quer dizer, já entrou ladrão, no meu vizinho da direita. Já entrou. No meu vizinho da esquerda, já entrou. E não entrou na minha casa. Graças a Deus, até hoje, nunca teve isso, entendeu? Já entrou uma vez, mas no terraço da minha casa, de dia. Mas, foi coisa de moleque que entrou, só roubou roupa do varal, só. Mas, assim, uma violência maior, graças a Deus, a gente nunca teve, entendeu?



Figura 14: Oratório com Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito e São Jorge
Fonte: O autor (2016)

São Jorge, por sua vez, entrou na sua vida, de igual forma, por causa das relações de sua família com o santo. Nesse caso, Adilson relatou que possuía uma tia que frequentava, todas as quartas-feiras, um centro espírita, juntamente com seu pai e sua mãe. Como ele tinha

apenas oito para nove anos, à época, seus pais levavam-no junto. No interior do centro, havia um quadro com a representação da figura de São Jorge, e essa foi, para ele, a primeira vez que entrou em contato com o santo. Achou aquela imagem muito bonita, mas ainda não havia tornado-se devoto. As qualidades inerentes a um determinado santo são consideradas pelas pessoas, no momento em que subjazem problemas específicos consigo mesmos ou com a família (MENEZES, 2004). Todavia, parece que nem sempre as pessoas procuram o santo detentor de determinada especialidade, para o atendimento de suas demandas. Adilson narrou que, certa vez, seu irmão mais velho passou por uma grave enfermidade do coração, e, com os olhos marejados no momento em que falava comigo, pediu que São Jorge ajudasse-o:

O meu irmão mais velho veio a sofrer muito grave do coração. E eu pedi a São Jorge, que se ele livrasse meu irmão, que eu ia comprar uma imagem dele, e ia passar a ser devoto dele, também. E assim eu fiz. Quando meu irmão teve alta do CTI, eu comprei a minha primeira imagem. Não é aquela. É uma outra que está na minha casa. Depois, posteriormente, eu até comprei essa de uma amiga nossa, e coloquei aqui, também, entendeu? E de lá pra cá, eu venho pedindo muito a ele pela saúde do meu irmão, entendeu? Porque ele não se recuperou. Não teve mais vida normal. De uns três anos pra cá que ele vive casa, hospital, casa, hospital. Não é nunca mais a mesma pessoa, entendeu? E é isso aí. Eu peço muita proteção pra meu irmão, e peço muita proteção pra mim, entendeu? Pra minha família, pra nós todos... Porque ele é um santo guerreiro, né?! Então, a gente se tornou devoto aí.

Além da intercessão, que é pedida para si mesmo e para a família, pede-se proteção, igualmente, para o seu dia a dia, durante o trabalho na loja, para que tudo transcorra bem, para que nenhum mal venha a atingir-lhe. Para Adilson, se aquelas imagens não estivessem dentro de seu estabelecimento, não seria a mesma coisa. Os santos guardam o seu comércio, defendendo-o, desse modo, de todo e qualquer mal que possa afligi-lo:

Ah, cara, por que que eu trouxe?! Eu sou, vou te falar uma coisa que não tem nada a ver com religiosidade, eu sou assim: se eu não tiver, se eu não usar relógio de pulso, se eu não tiver com o relógio, é como se eu estivesse sem roupa, entendeu? Pra mim, aquelas imagens ali é, mais ou menos, a mesma coisa. Eu, aqui nesse comércio, sem elas, pra mim, não é a mesma coisa. [...] Eles estão ali, olhando por mim, sim. Olhando pelo meu comércio, pra me defender de todo mal, de assalto, de qualquer coisa temporal ou espiritual que possa acontecer, entendeu?

Há, ainda, outras imagens que Adilson mantém. O Sagrado Coração de Jesus, para ele, é fundamental, assim como Nossa Senhora. Nesse sentido, afirma: “Jesus, incomparável, né?! [...] Ele é o nosso pai maior. Ele tem que estar presente. Ele e Nossa Senhora têm que estar presente”.



Figura 15: Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria
Fonte: O autor (2016)

O ato de pedir, receber e, em seguida, agradecer, como já foi evidenciado no caso do José Geraldo, estabelece-se como uma etiqueta, significativamente presente, entre aqueles que conseguiram alcançar qualquer graça, em suas vidas. Como os santos têm intercedido muito por Adilson, segundo o mesmo, tal etiqueta do agradecimento, de igual maneira, materializa-se junto às suas imagens. Observei flores dentro do oratório de Nossa Senhora Aparecida, e, ainda, junto a São Jorge e Santo Expedito. Conversando com ele a respeito disso, afirmou:

Ah, sei lá! Assim, nada mais... Como é que se diz? Não sei te expressar a palavra certa, mas, ali, é como se fosse assim, pra eles, ali, não existiria outra coisa que eu pudesse colocar em... Até mesmo um tipo de agradecimento, alguma coisa que não fosse uma flor, uma coisa da natureza, entendeu? Uma coisa pura, entendeu?

De todas as pessoas adeptas do catolicismo com as quais conversei durante esta pesquisa, observei uma significativa adesão a esse catolicismo de face popular, que se faz tão pujante no Brasil. Aqui, o catolicismo que predomina está relacionado a uma presença muito forte dos santos, na vida dos fiéis. Estes se revelaram como divindades capazes de interferir, interceder, conceder e proteger esses comerciantes dos muitos infortúnios e males, que podem vir a assolar, tanto no âmbito pessoal, quanto no âmbito material, de suas vidas.

2.2 As práticas religiosas e os comércios relacionados às religiões afro-brasileiras

Nas fazendas distribuídas pelo mundo colonial brasileiro constituíram-se as religiões afro-brasileiras. Nelas, agrupamentos de homens e mulheres escravizados procuravam

promover a continuidade e a reordenação, da forma que podiam, de práticas culturais e religiosas, aprendidas em suas terras de origem. Chamavam-se essas aglomerações de *calundus*. O calundu precedeu os terreiros e casas de candomblé do século XIX (SILVA, 2005). Tais cultos estavam organizados em torno de seus mestres e sacerdotes, que, de acordo com Silva (2005, p. 45), “englobavam uma grande variedade de cerimônias misturando elementos africanos [...] aos elementos católicos [...] e ao espiritismo e superstições populares de origem européia”. Ou seja, instaladas no Novo Mundo, tais religiões configuraram-se, sincreticamente, com outros elementos culturais, oriundos do mundo europeu, e, também, com os elementos simbólicos das religiões indígenas.

O sincretismo apresenta-se, dessa forma, como ponto de convergência entre sagrados de várias religiões, como o catolicismo, o espiritismo, o candomblé, as religiões esotéricas, as religiões indígenas, sendo aberto, ainda, para outras inclusões. Isso permite que os adeptos sustentem sua subjetividade espiritual de maneira a contrabalançar crenças, traçando paralelos e superposições, mesclando-as, reordenando-as, em uma síntese disponibilizada e permitida por essa mesma convergência. Assim, sincreticamente, pode-se dizer que:

[...] existe *convergência* entre idéias africanas e de outras religiões, sobre a concepção de Deus ou sobre o conceito de reencarnação; que existe *paralelismo* nas relações entre orixás e santos católicos; que existe uma *mistura* na observação de certos rituais pelo povo de santo, como o batismo e a missa do sétimo dia, e que existe *separação* em rituais específicos de terreiros [...] (FERRETTI, 1995, p. 91, grifo do autor).

Com o crescimento vertiginoso do mundo urbano, as religiões afro-brasileiras passaram a estruturarem-se e desenvolverem-se, a partir de moradias nos subúrbios, cortiços ou sobrados, onde, pela falta de políticas públicas de habitação, significativas aglomerações de negros livres e escravizados podiam reunir-se para seus cultos aos deuses, bem como manterem relações estreitas de solidariedade e familiaridade. A moradia e o templo confundiam-se, sendo uma característica preservada, até os dias de hoje (SILVA, 2005).

Trata-se de um tipo de espiritualidade que se traduz pelas ações litúrgicas de rituais de possessão, de dança e do transe, por uma relação de dependência da regência de determinada entidade, pelo domínio do próprio corpo durante o transe, e pelo tipo de dialogia que constrói com o mundo das entidades, como os orixás, guias e outras. Nesse modelo, ocorre que a experiência mística passa a ser encarada e vivida, não de maneira individualista, mas dirige-se a toda a comunidade. Ou seja, existe um compartilhamento das experiências místicas com os indivíduos, como afirma Carvalho (1994, p. 86): “[...] a qualidade da espiritualidade

individual é avaliada pela comunidade em termos de estética e de intuição e não a partir de alguma pergunta de tipo filosófico, teológico ou ético [...]”. Dessa forma, não se trata de uma espiritualidade de tipo messiânico, com origem em uma promessa de vida eterna ou em um salvador, porém as religiões de matriz africana fundamentam-se, de acordo com Miranda (2013, p. 267): “[...] no culto aos espíritos, e é pela manifestação destes, no corpo do adepto, que ela funciona e faz viver suas divindades [...]”. Há, na umbanda, uma estrutura organizacional dividida em linhas de atuação dos espíritos. Ou seja, há linhas de pretos velhos, caboclos, ciganos, pombagiras, crianças, dentre outras entidades. No candomblé, por sua vez, há a atuação dos orixás, que, hoje, são dezesseis. Cada filho e filha é regido(a) por um determinado orixá. Dentro de tal espiritualidade, fala-se que o adepto possui a “cabeça feita” por um orixá (MIRANDA, 2013).

A hegemonia cristã incomodava-se, sobremaneira, com a presença das religiões afro-brasileiras. A desconfiança, bem como as reclamações de parte da sociedade com relação às práticas de cura, aos ritos e aos pais e mães-de-santo, suscitaram ações governamentais, que, desde o século XIX, perseguiram tais religiões, por meio da institucionalidade legal. Assim sendo, observa-se que:

[...] o decreto de 11 de outubro de 1890, que estabelece o Código Penal, é como o marco zero da repressão mais institucionalizada. Qualquer que fosse o motivo da “batida” policial a uma casa ou centro ou igreja, a forma mais simples de enquadrá-los era através dos artigos 156, 157 e 158. O artigo 156 proíbe a prática ilegal da medicina, arte dentária e farmácia. O artigo 157, “praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio e amor, incultar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública” [...] O artigo 158 proíbe: “ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo interno ou externo, e sobre qualquer forma preparada, substâncias de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo, assim, o ofício denominado de curandeiro” (MAGGIE, 1985, p. 2)

Tal aspecto repressivo manteve-se durante o Estado Novo, e sua cessação institucional veio materializar-se apenas com a redemocratização. Por outro lado, de acordo com Negrão (1996), não significa que a repressão tenha cessado como um todo. Todavia, o crescimento do número de terreiros e centros, os interesses políticos, bem como a própria institucionalização de tais religiões, por meio da formação de organizações e a edição de congressos com abrangência nacional, contribuíram para um arrefecimento de tais ações persecutórias. Hoje, a perseguição a essas religiões tem se dado pela ação constante de adeptos de algumas denominações pentecostais e neopentecostais, que não aceitam a presença de lugares de culto em seus bairros, ensejando, desse modo, a depredação de terreiros e centros de umbanda, bem como atos fortuitos de violência física. Tais ataques, de acordo com Oro (1997), dão-se por

uma ação explícita de intolerância religiosa, dotada pela expressão de uma crença em um mundo povoado por demônios, que deve ser combatido. Pautam-se, portanto, pela demonização do conteúdo simbólico e ritual dessas religiões.

Na Rua Batista de Oliveira, nº 342, existe a *Casa da Jurema*, especializada na venda de objetos para uso religioso de católicos, candomblecistas e umbandistas. Nesse caso, foi necessária uma abordagem e observação diferenciadas, pois imagens ou outros objetos do saber popular não se dispuseram evidenciados, no ambiente da loja, como nos episódios de estabelecimentos não especializados na venda de produtos religiosos. Senti, portanto, a necessidade de aproximar-me dessa loja, fazer a apresentação da pesquisa ao seu proprietário, e tentar agendar alguma entrevista. Fui muito bem recebido pelo Sr. Edmar. O procedimento da abordagem inicial foi o mesmo daquele que fiz com os outros comerciantes: eu apresentei-me e falei sobre a pesquisa. Consegui marcar uma entrevista, e, em poucos dias, pude adentrar sua loja, e conversar com ele.

O Sr. Edmar é umbandista há muitos anos, desde garoto, quando tinha por volta de 17 para 18 anos. Hoje ele tem 68. Conta que se tornou umbandista por influência do seu pai, que era médium. Ele revela que a loja começou quando era uma portinha, ao lado da farmácia *São Jorge*, na Rua Getúlio Vargas. Praticante da umbanda há, mais ou menos, quarenta anos, quando perguntado se era pai-de-santo ou detentor de qualquer outra função dentro da religião, ele respondeu que, para ocupar tais cargos, é preciso muita responsabilidade. Afirmou que já está muito velho, embora reconheça que possui mediunidade.

Não, não. Não sou, não. Só gosto e frequento, mas eu não sou nada. Já me convidaram pra fazer um desenvolvimento, né?! Pra participar. Dizem que eu tenho, também, mediunidade, mas eu peguei e respondi pra pessoa que eu já estou nessa idade. Isso aí é uma coisa de responsabilidade, e muita! Então, eu sou meio relaxado, às vezes, em certas coisas. E, bom, eu quero, assim, às vezes passear... Um negócio qualquer.

Em um dado momento da nossa conversa, quando lhe falei que não era possível visualizar nenhum objeto religioso, que remetesse a uma relação religiosa em especial, devido à natureza diferenciada de seu comércio, o Sr. Edmar levou-me até o fundo da loja, para mostrar que, ali, havia, de fato, imagens com as quais se relacionava religiosamente. Então, no bastidor da loja, observei um gongá²¹ muito bonito, por detrás do biombo que separa a recepção dos fundos. Ao lado do gongá, jaziam produtos com defeito ou esperando para

²¹ Altar encontrado, geralmente, em terreiros de umbanda, que contém imagens de orixás e outras entidades.

serem vendidos na frente da loja. Segundo o Sr. Edmar, esse grande altar, repleto de entidades e orixás, foi assentado pelo seu próprio pai.



Figura 16: Gongá
Fonte: O autor (2016)

Os cultos do Sr. Edmar são variados. Segundo ele, todas essas entidades estão lá, com fim protetivo. Além da sua devoção a Nossa Senhora Aparecida, adicionalmente, rende culto a Zé Pelintra, Pai Cipriano, Pai João, Pai Domingos, Seu Tranca-Rua, Seu Sete Encruzilhadas, e outros, contidos no gongá. No entanto, tal relação não é pautada somente para um fim específico de demanda local, ou seja, necessidade de proteção espiritual da própria loja ou do andamento dos negócios. Essas entidades, segundo ele, o acompanham aonde quer que vá. Elas são capazes de livrá-lo dos perigos iminentes em qualquer lugar e em qualquer momento. Seu culto consiste em fazer sempre uma “firmeza” para elas, lembrando-se de acender velas e colocar “alimentos”, embaixo do gongá.

Em conversa com ele, percebi que, tal como se representa a natureza do adepto da umbanda, religião sincrética desde o seu nascimento, a composição da sua espiritualidade informa uma condição ressignificada de crenças e modos de ver o mundo, bem como de significativo trânsito religioso. Por exemplo, em sua fala acerca de frequentar outras denominações religiosas, ele afirma que:

Qualquer lugar que me convidarem, eu vou. Eu não frequento, não, mas, assim, eu aceito ir, porque o seguinte: o princípio de tudo na vida é um só. É Deus, Jesus, filho do Deus, que veio no mundo, sofreu aqui. Quer dizer, ele veio aqui, pra dar um exemplo de como o ser humano deveria caminhar [...]

A posição positiva do Sr. Edmar, com relação à predisposição a aceitar convites para visitar outras igrejas, parece indicar o que Negrão (2008) afirmou sobre uma dada tradição popular em considerar, como equivalentes, as várias religiões. A afirmação de que o princípio de tudo seria Deus e Jesus, seu filho, parece nivelar tais alternativas a um princípio de equivalência. Ou seja, estar aqui ou estar ali não importa, uma vez que o princípio de busca, que rege a ação religiosa, é o mesmo.

Quanto à sua formação religiosa pluralista, oriunda da participação na umbanda, esta lhe permitiu render culto a muitos santos e entidades, vistos por ele, em geral, como espíritos que vêm a este mundo para ajudar as pessoas a seguir o seu caminho na retidão, e, por vezes, permitindo proteção para os “caminhos”, tirando das pessoas a maldade no coração. Dessa maneira, tomando por base o fato de que, nas religiões africanas, os espíritos de pessoas importantes são cultuados após a morte, Ligiéro e Dandara (1998, p. 129) afirmam que “Especialmente entre as etnias bantos, os mortos são entendidos como energias vivas espalhadas entre nós”. Segundo o Sr. Edmar: “é assim que funciona no espiritismo²²”. Dessa maneira, ele afirma:

Porque as entidades que estão aqui, eles estão, aqui, pra resgatar. Estão voltando aqui, pra resgatar, assim, as coisas que eles ficaram devendo e estão fazendo pra a gente. Então, eles vêm pra esse objetivo: ajudar a pessoas, tirar da cabeça da pessoa uma coisa má. Você sabe por quê? Porque é ponto. É ponto! Toda entidade que ajuda a gente está ganhando um ponto perante a Deus, porque ele tá voltando aqui, pra resgatar um ponto que ele estava devendo. Então, é assim que funciona o espiritismo, entendeu? Eles, os pretos velhos, os caboclos... Agora, tem entidade aqui que eles falam, os eguns, sem luz, aquele negócio todo. Esses aí ainda ficam meio lá, meio cá. Mas, como se diz?! Continua os acertos pra frente.

Tendo em vista a forte relação entre o espiritismo kardecista e os legados africanos, Edmar revela, em suas falas, forte crença nos espíritos. Ele salienta que essas entidades estão em dívida com Deus, que existem espíritos que, segundo ele, “ainda ficam meio lá, meio cá”. Isso significa afirmar que são espíritos de “pouca luz”, ou seja, espíritos que estão a dever, e, para pagar, permanecem na Terra, para ajudar as pessoas a iluminarem os seus caminhos. Essa crença que o Sr. Edmar tem assenta base no espiritismo kardecista, mesclado com a tradição da umbanda:

Primeiramente, há que ressaltar que as doutrinas de várias tradições esotéricas conseguiram casar muito bem com a doutrina espiritualista do kardecismo. Logo a seguir veio o grande cruzamento entre o kardecismo e as tradições religiosas afro-brasileiras no surgimento da umbanda. [...] há uma comparação dos níveis internos

²² Existe uma relação entre o espiritismo e a umbanda. De acordo com Brown (1985, p.10): “sincretismos afro-kardecistas ocorreram com frequência em diversos núcleos urbanos desde o final do século XIX”.

mediante o postulado de uma espécie de *continuum*, que começa com o meramente psíquico (ou, para outros, com o emocional imediato, ou com o perispírito, ou ainda com o manas inferior) e termina com o espírito puro ou o Eu átomico. Assim, aquilo que seria para uma determinada escola esotérica apenas um primeiro estágio do encontro com a dimensão interna é lido em outras escolas (como no kárdécismo e em todos os seus correlatos) de outra maneira, como um leque que vai dos espíritos das trevas até os espíritos de mais luz. E a umbanda uma outra leitura desse mesmo *continuum* do mundo dos espíritos, postulando os espíritos de esquerda – às vezes dentro de cada falange e às vezes entendido como uma falange em si mesma –, tendo como resultado várias versões possíveis da hierarquia dos espíritos (CARVALHO, 1992, p. 15).



Figura17: Gongá, parte de baixo
Fonte: O autor (2016)

Esse leque de que se fala, no qual é possível observar uma espécie de *dégradé*, composto por uma sobreposição entre aqueles espíritos que contém mais luz e aqueles que, por sua vez, contém menos luz, e, por isso, são mantidos em posições inferiores, também está representado no gongá. Existem, naquele grande altar, dois andares. Nesse caso, observa-se essa espécie de *continuum*, em que se podem perceber as entidades que estão em cima, e, por conseguinte, aquelas que ficam em baixo. Pode-se pensar, desse modo, em diversas categorias de espíritos, dispostos em uma hierarquia que os configura em linhas, falanges e sub-falanges, com competências próprias (MONTERO, 1985). Nesse sentido, Schultz (2008, p. 40, grifo do autor) explica, acerca da cosmovisão intrínseca à umbanda, que “[...] os espíritos que mais se comunicam são aqueles de pessoas mortas ou entidades intermediadoras. Espíritos de mais ou menos luz *conversam* com os vivos ou encarnam neles”. Enquanto conversava com Edmar, com os olhos fixos naquela exposição exuberante de entidades tão diversas em coexistência, perguntei a ele qual o significado de alguns daqueles objetos estarem em cima e, os outros, em baixo, em uma posição inferior. Corroborando a existência de tal sobreposição, ele explicou-me que:

A parte de cima, ali, são os orixás, e a parte de baixo são os guardiões. Entendeu? Que, ali, o seu Tranca-Rua, o seu Sete Encruzilhadas, o seu Zé Pelintra, os pretos velhos, esses são os guardiões. Vamos dizer, é como se fosse um coronel, e tem aquele monte de soldados, assim, que protege a gente, que protege a loja, que ajuda, né?! Toma conta. Às vezes, você está assim sem nada, de repente você tem alguma intuição de alguma coisa. Você tem alguma intuição: “Ah, espera aí... Eu vou fazer um negócio assim”. Então, quer dizer... Como diz? São os guardiões que a gente tem. Eu, por exemplo, ali, eu acompanhei, assim, conversei com Pai Cipriano; ali, o Pai Domingos, que são todos os guias que meu pai trabalhava muito. Pai João, Seu Zé Pelintra, eu gosto! Eu gosto de lidar com eles, de fazer um agrado, de fazer uma firmeza, de acender uma luz pra encaminhar eles cada vez mais. Então, devoção, assim, você pode ter devoção no candomblé, assim, uma entidade, você pode ter na umbanda, pode ter na... Em qualquer lugar! Isso aí não tem problema. Isso aí é uma coisa que não tem problema.



Figura 18: Gongá, parte de cima
Fonte: O autor (2016)

Por meio de tal resposta, depreende-se que Edmar internalizou uma afinção com uma determinada racionalização hierárquica, que é respeitada, uma vez que, em cima, permanecem os orixás, e, embaixo, os guardiões. Os de cima, constituem, por assim dizer, uma linha de entidades mais “evoluídas”, como Oxalá, Iemanjá ou Ogum; já os de baixo, por sua vez, ficam “meio lá meio cá”, ou seja, são eguns, que estão, ainda, constituindo um caminho de evolução e de dívidas, como caboclos, pretos velhos, exus e pombagiras. Pode-se observar, no gongá do Sr. Edmar, a presença de imagens do panteão católico, na condição representativa de orixás. Como afirma Ferretti (1995), os paralelismos nas relações entre santos e orixás são muito comuns nas religiões afro-brasileiras: Jesus Cristo, por exemplo, sincretiza-se com o orixá Oxalá, Nossa Senhora Aparecida pode sincretizar com Iemanjá, e assim por diante.

A base comportamental de sua filiação religiosa informa uma espiritualidade pluralizada permitindo, dessa sorte, estruturar sua maneira de pensar e ver o mundo, de acordo com aquilo que ele acredita ser o certo. Muito de sua experiência de vida parece estar colocada em suas falas, uma vez que transitou bastante entre mundos religiosos distintos, com éticas, ensinamentos, práticas rituais e simbologias, igualmente, distintas. A questão é que tal

trânsito proporcionou-lhe uma visão crítica da realidade, e, nesse sentido, em diálogo comigo, chegou a afirmar que: “Então, a melhor religião do mundo, agora eu vou te falar qual que é: é isso que está batendo dentro de mim, dentro de você e dentro aqui! É o nosso coração e nossos atos”. Sua fé na atuação dos espíritos, pela intercessão de luz conferida por eles, livrando os seres humanos do caminho da injustiça, do erro e da maldade, está atrelada fortemente às características de sua espiritualidade afro-kardecista, acima descrita.

Além das intersecções entre umbanda e espiritismo, podem ser observadas qualidades e características entremeadas entre as entidades da umbanda e os santos do panteão católico. O caso do Sr. Helder Lessa, atuante como comerciante no *Box Laticínios Café*, quadra 4, no Mercado Municipal, revela como essa relação se dá de maneira abrangente. Ao mesmo tempo em que ele afirmou ser da umbanda, dentro de seu recinto comercial percebem-se objetos característicos da tradição santorial católica. Tal configuração desse arranjo sincrético conduz a pensar na relação umbanda/catolicismo, como mais um exemplo do sincretismo pujante, encontrado nas religiões afro-brasileiras.

Helder revelou ter como guia o Caboclo Rompe-Mato²³. De acordo com ele, o caboclo confere-lhe proteção em todos os sentidos, ou seja, tanto para si próprio e sua família, quanto para o ambiente em que se encontra. Devoto de São Jorge e de Santo Expedito, Helder afirmou que sente a necessidade de contar com uma proteção. Nesse sentido, ele explica que todas as imagens dos santos católicos estão na loja, desde quando foi inaugurada.



Figura 19: Santo Expedito, São Jorge, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, bíblia
Fonte: O autor (2016)

²³ O Caboclo Rompe-Mato é uma entidade indígena cultuada na umbanda. Indivíduos que o têm como guia afirmam ser ele um representante da falange da linha de Ogum, tendo, também, relações com Oxóssi.

Muitas imagens fazem-se presentes na observação do registro fotográfico. Nesse oratório, pode-se perceber a presença de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, outras pequeninas versões representativas de Nossa Senhora, ramos de trigo, além de terços pendurados, ou junto às imagens. Ao lado do oratório, a presença da bíblia fechada, porém com uma caneta entre as páginas. Isso pode indicar que Helder ou outros funcionários podem abri-la, em algum momento do dia, para lê-la. A imagem de Santo Expedito, dentro do oratório, chama muito a atenção de quem passa em frente à sua loja. Em um primeiro momento, quando fiz a observação no Mercado Municipal, cheguei a pensar que esse estabelecimento, certamente, abrigaria um comerciante de filiação católica. Quando retornei para conhecê-lo e marcar uma entrevista, logo percebi o meu engano. Isso significa que uma simples observação não possui o condão de revelar pertencas religiosas, fazendo-se necessário, muitas vezes, buscar uma inserção mais aprofundada na vida religiosa dessas pessoas.

Tendo em vista o caráter integrador das religiões afro-brasileiras, podem existir ligações entre as qualidades de alguns santos com as entidades da umbanda e do candomblé. De acordo com os adeptos que possuem o Caboclo Rompe-Mato como guia, tal entidade está atrelada à falange de Ogum. No entanto, esse orixá é, por sua vez, sincretizado, na região Sudeste, com São Jorge (AUGRAS, 2005). Como Helder afirmou ser devoto de São Jorge, pensei na existência de uma razão para a presença de São Jorge na loja, devido a essa conexão sincrética entre o santo e a entidade. Em uma segunda visita, Helder revelou existir, de fato, uma relação entre a presença de São Jorge e o Caboclo Rompe-Mato, pois ambos possuem qualidades compartilhadas.

Exemplo representativo da presença de Ogum, transmutado em São Jorge, está contido na *Farmácia São Jorge*, Rua Getúlio Vargas, nº 890. Seu proprietário, o Sr. Dionísio, é umbandista há 17 anos e trabalha no ramo de farmácia, desde 1998. Dionísio afirmou que já passou por muitas religiões, mas, atualmente, está estabelecido na umbanda. Com relação a sua passagem por outras religiões, revela-se, aqui, uma ação pautada pela curiosidade, que culminou em uma significativa circulação por várias alternativas religiosas:

Na realidade, eu sou um curioso de religiões. Não diria estudioso, porque não tenho tempo para me aprofundar o suficiente. Mas eu gosto de conhecer outras religiões. Não de frequentar, mas conhecer os aspectos de cada uma. [...] Eu, originalmente, eu era católico. Já frequentei algumas igrejas evangélicas. Passei pelo kardecismo, até chegar na umbanda.

Na verdade, quando passei em frente à farmácia, e observei a estátua de São Jorge sobre a prateleira, não imaginava que iria encontrar, assim como no caso do Sr. Helder, mais um proprietário adepto da umbanda. Marcada a entrevista, compareci em seu escritório, e, lá, revelou-me que era umbandista e devoto de Nossa Senhora Aparecida e São Jorge. Sua explicação para a sua relação com São Jorge revelou esse cruzamento sincrético entre santo e orixá: “[...] Diríamos que São Jorge, né?! Popularmente São Jorge, que é Ogum”. Dionísio mantém duas imagens do santo na loja. Conversando com ele sobre o porquê de manter aquelas imagens de São Jorge, em seu recinto comercial, respondeu: “Eu tenho aquela, porque Ogum é segurança. Então, ele é minha devoção, e é por isso que tem que estar presente, no local”. Ogum está diretamente relacionado à guerra. É relacionado ao domínio das matas e das florestas, ao domínio da metalurgia, do desenvolvimento tecnológico, às batalhas, à revolta, à violência (MIRANDA, 2013). De acordo com Birman (1985, p. 34): “Quem se diz ‘de Ogum’ se associa a imagem do santo guerreiro, vencedor de demandas”. É sincretizado com São Jorge, que, por sua vez, foi associado ao santo protetor daqueles que partiam rumo ao domínio ou reconquista de lugares santos (AUGRAS, 2005).



Figura 20: São Jorge
Fonte: O autor (2016)

Como o Sr. Helder e o Sr. Edmar, Dionísio, também, relaciona-se com algumas entidades constituintes do amplo panteão da umbanda, distribuídas por várias linhas:

Seu Pena Branca, né?! Na linha de caboclo, que eu trabalho, eu tenho, na linha de preto velho, também, e tenho, na linha de exu, algumas guias, também. A gente... Só para complementar a questão de guias, esses guias podem vir durante o seu desenvolvimento, eles podem vir aparecendo, não necessariamente os mesmos que

you have contact. What you work, today, you will work in your whole life. You will have contact with your whole life.

É interessante destacar que, nesta pesquisa, nenhum dos(as) quatro comerciantes relacionados(as) a religiões afro-brasileiras apresentaram qualquer posição refratária, no que tange à prática religiosa de mistura relacional entre santos católicos e suas entidades e orixás mais próximos. Ao contrário, percebi uma relação simbólica significativamente harmoniosa. Ou seja, santos, orixás e entidades estão dispostos de maneira pacífica e ordenada, enquanto símbolos manipulados por seus adeptos. Tais práticas populares não parecem estar inseridas em uma preocupação de distinção entre uns e outros. Nesse sentido, Sérgio Ferretti (1998), cita o exemplo de adeptos de uma casa de tambor de mina no Maranhão:

No Maranhão, por exemplo, se diz que, na Casa das Minas, alguns voduns são devotos ou tem “adoração” por determinados santos católicos. [...] A devoção ou adoração de um vodum a um santo, não implica na confusão ou indistinção entre ambas as entidades. Os devotos dos voduns e dos santos não confundem um com o outro. Provavelmente no passado, esta devoção teria se originado da estratégia de aceitar a dominação, como forma possível de sobrevivência numa sociedade opressora. [...] Mas para a maioria, antigos esquemas mentais permanecem e não mudam com facilidade de um momento para o outro. [...] Convém lembrar que, no imaginário e na expressão artística afro-brasileira, os orixás costumam ser caracterizados com atributos de santos católicos, quase todos brancos, como por exemplo o guerreiro romano pelo qual Ogum é representado em muitos candomblés. Vários outros orixás são também caracterizados assim (FERRETTI, 1998, p. 186).

Dessas entidades e santos, enquanto conversávamos sobre a possibilidade do recebimento de auxílio espiritual para a resolução de problemas de ordens diversas, Dionísio afirmou ter recebido muita bem-aventurança e amparo desses espíritos, em momentos difíceis de sua vida. Atribui tal amparo aos créditos espirituais que possuía, e que foram utilizados para a resolução de problemas de saúde. Tais créditos, também na umbanda, podem estar relacionados à cosmologia kardecista, na qual existe a necessidade do adepto de cultivar créditos, por meio da prática da caridade (BIRMAN, 1985). Segundo ele:

O pedir e receber, você tem que ter créditos para tal. Se você planta espinhos, você não precisa esperar que você vai colher flores, porque a sementeira é certa, não é?! E a colheita, também. Vai depender daquilo que você semeou. Então, eu não atribuo a milagre, não. Eu não diria que fosse um crédito que você conseguiu ao longo da sua existência, mesmo que existências passadas pra conseguir aquilo que você pediu.

Objetos representativos de entidades de religiões de matriz africana revelam-se, de igual forma, na *Casa do Caboclo*, Rua Getúlio Vargas, nº 812. A loja é tradicional na cidade. Possui 65 anos de existência e está na mão da mesma família, por todo esse tempo. Foi

fundada pelo Sr. Salvador de Moura Fontes. Na ocasião, tive a oportunidade de falar com Dona Aparecida Lopes Furtado que, agora, toca a loja com algumas funcionárias. O curioso desse caso é que Dona Aparecida não é umbandista, mas admite que nutre um grande respeito pela umbanda. Ressalta, ainda, que possui muito gosto em trabalhar na loja: “Vendemos com muito amor, e é uma loja que é muito procurada. E nós estamos aqui, e trabalhamos com muito amor”.

A Dona Maria Aparecida Lopes Furtado, por sua vez, é católica apostólica romana frequente. Afirma que vai à missa todos os domingos e é muito devota de Nossa Senhora Aparecida. Ela percebe em Nossa Senhora uma santa “muito protetora”, mas possui, adicionalmente, uma segunda devoção: Santa Terezinha, que é padroeira do bairro onde mora. Sua relação com Nossa Senhora e com Santa Terezinha é dotada de graças. Afirma que tudo o que pede a Nossa Senhora, ela consegue. Contudo, um caso, em especial, aconteceu quando houve um acidente de carro com suas filhas e sua neta bebê, na estrada entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro. Segundo seu relato, uma grande graça foi concedida à sua filha, no hospital:

Já recebi uma graça muito grande de Santa Terezinha. Que teve um acidente recente agora. As minhas duas meninas faziam mestrado no Rio, e, na volta, o carro capotou, com a minha netinha de três meses, e a minha filha teve traumatismo craniano. Quando eu cheguei no hospital, que ela foi fazer um exame, o quarto que estava tinha uma Santa Terezinha do tamanho dela. E ela nasceu no dia de Santa Terezinha. Então, eu pedi com muita fé, com muita devoção e consegui um milagre. Ela está super bem!

Nesse sentido, o recebimento de graças, mais uma vez, parece pautar a relação que se constrói entre um devoto e um santo. Aqui, existe uma característica especial, que diz respeito a uma coincidência reconhecida pela fala de Dona Aparecida, que afirmou que a filha havia nascido no dia de Santa Terezinha. Assim como no caso de “Muita Fé No Que Faz”, que nasceu no dia de Santo Antônio, e, sem descartar a situação de perigo de vida de sua filha no hospital, o nascimento desta no dia da santa parece ter contribuído para uma aproximação devocional. Muitos casos de devoção aos santos começam dessa forma:

[...] há devoções que não se iniciaram de uma graça. Há pessoas que se disseram devotas de um santo por terem com ele uma espécie de “ligação natural”, isto é, por terem nascido, casado ou sido batizadas em seu dia, ou por celebrarem esses e outros ritos de passagem em sua igreja; por terem o seu nome [...] Há, então, determinados fatos da vida do devoto ligados a tempos e espaços associados a um santo, que parecem provocar “automaticamente” uma devoção (MENEZES, 2009, p. 125).

A *Casa do Caboclo* partilha da mesma característica da loja do Sr. Edmar. É uma loja que vende artigos religiosos do catolicismo, candomblé e umbanda. Portanto, fica, de fato, difícil identificar, prontamente, qualquer objeto de natureza religiosa ou do saber popular, que esteja naquele ambiente com algum propósito especial para o proprietário. Tais lojas são repletas de imagens de santos, orixás, entidades e outros materiais usados nos ritos e liturgias de tais religiões. Perguntei à Dona Aparecida se preservava, em meio a todas aquelas imagens, alguma pela qual nutria alguma devoção, dentro do recinto. Ela disse que sim, embora não pertencente a ela, mas que era da própria loja. Disse que a loja, por tradição, possui, em sua entrada, um casal de pretos velhos: Pai Tomás e Mãe Benedita. A presença do casal estava, nesse caso, ligada à manutenção protetiva somente da loja.

Preservamos, sim. Aqui, é tradição da loja, desde a época que a minha sogra deixou a loja com a gente. Na porta da loja, que eles falam que é uma segurança da loja, existe um casal de pretos velhos, que é chamado Pai Tomás e Mãe Benedita. As pessoas veneram muito, passam, fazem pedido, deixam uma moedinha. A gente pega essas moedinhas, nós contamos e as doamos para centros e para instituições de caridade. Atualmente, nós estamos ajudando o Instituto Vitória e diversas outras entidades, que contam com nosso apoio.

A existência do casal de pretos velhos na loja data de muito tempo, e deve-se destacar que, nesse caso, tal presença configura-se como manutenção de uma tradição, e não de uma relação religiosa particular com os proprietários, como nos outros casos. Dona Aparecida fala da gênese dessa tradição, quando sua sogra administrava a loja. Desde então, manteve-se tal presença. Nessa época, conta Dona Aparecida: “Eu não sou umbandista, quem era, eram meus avós, minha sogra. Eles, também, mantinham aquele oratoriozinho com todos os santos”. Segundo ela, existe muita veneração ao casal de pretos velhos, afirmando que os passantes fazem pedidos, deixam ofertas em dinheiro, demonstrando ações claramente religiosas. Desse modo, as imagens servem não aos proprietários, mas à própria loja e aos transeuntes, que, porventura, nutram respeito ou qualquer ligação ritual com tais entidades.



Figura 21: Pai Tomás e Mãe Benedita
Fonte: O autor (2016)

Dona Aparecida afirmou que, ao contrário dos transeuntes que param e fazem pedidos, nunca fez nenhum pedido a Pai Tomás ou a Mãe Benedita. Ela é devota somente de Nossa Senhora Aparecida e Santa Terezinha. Parece existir uma transmissão devocional intergeracional em alguns casos, pois, assim como no caso do Sr. José Geraldo, que conheceu Nossa Senhora por intermédio da devoção que sua mãe tinha pela santa, ou do Carlyle, que aprendeu a ser devoto da mesma santa com sua tia, no Rio de Janeiro, Dona Aparecida revela que sua mãe era muito devota, e, por isso, colocou-lhe o nome de Aparecida. Assim sendo, sempre foi devota de Nossa Senhora Aparecida. Nesse sentido, tal intergeracionalidade devocional coloca-se profundamente presente na vida do fiel católico, dentro de uma situação, segundo Menezes (2009, p. 125), em que: “Os santos de devoção da família representam uma espécie de patrimônio acumulado, que um católico pode canalizar em seu favor”.

Uma das filhas de Dona Aparecida, há algum tempo, batizou-se na igreja messiânica²⁴, e, por conta disso, ela afirmou que já havia visitado e conhecido, de perto, seus ensinamentos, afirmando que sua “filosofia de vida é muito bonita”. Essa foi a única religião diferente que conheceu. O fato de sua filha ter se convertido à igreja messiânica fez com que Dona Aparecida passasse por esse processo de trânsito. Nesse caso, transitou-se de dentro de uma

²⁴ Nessa igreja, seus adeptos possuem uma espiritualidade que está relacionada ao estilo denominado pragmático, de manipulação de energia. Para Carvalho (1994, p. 90), constitui-se em “uma espécie de religião terapêutica que se apresenta, inclusive, como ciência”. Consta desse tipo de manifestação de espiritualidade movimentos religiosos japoneses como a Seicho-No-Iê, a Igreja Messiânica, e outras. É um estilo que se identifica como meditativo oriental, cuja característica constitutiva da ação de seus adeptos baliza-se pela busca do aperfeiçoamento mental, das técnicas do corpo, da meditação, do desvelamento das capacidades superiores da consciência. Tal estado de consciência traduz-se pela utilização dessas técnicas, com o fim de se alcançar a consciência cósmica, em que uma união com o universo é reivindicada e buscada (CARVALHO, 1994).

configuração de filiação tradicional, a da pertença católica apostólica romana, para uma corrente de natureza espiritualista. Assim como no caso do Sr. Edmar e, também, do Sr. Dionísio, que demonstraram ter bebido do conhecimento de muitas fontes religiosas, a Dona Aparecida, bebeu do conhecimento intrínseco ao messianismo. Aqui, ela circulou de uma denominação para outra, e, ainda, internalizou ensinamentos oriundos dessa corrente espiritualista, acomodando-os, por sua vez, aos ensinamentos que ela sempre carregou do catolicismo apostólico romano.

Contextualmente, por uma questão histórica, o catolicismo coloca-se como religião “oficial” da vida dos brasileiros. Ou seja, é, na maioria das vezes, a religião de nascimento das pessoas. No entanto, o trânsito que se dá por outras denominações não fica prejudicado por causa desse fato. Com o crescimento do pentecostalismo e de sua versão “neo”, no Brasil, há uma ocorrência vigorosa de casos de circulação de católicos entre essas novas denominações, bem como de católicos entre as práticas mediúnicas do espiritismo. Nesse sentido, nota-se um crescimento dessas vertentes alternativas (RUMSTAIN; ALMEIDA, 2009). Desse modo, uma multiplicidade de práticas tem sido buscada entre o esoterismo, as religiões afro-brasileiras, o budismo, dentre outras. De acordo com Rumstain e Almeida (2009, p. 45): “O esoterismo, os livros de autoajuda, o budismo, o messianismo, as religiões afro-brasileiras e a já apontada Seicho-No-Iê fazem parte desse grupo de trânsito que denominamos ‘espiritualista’”.

Uma reclamação revelada a mim por Dona Aparecida diz respeito ao excesso de preconceito que ela e seu estabelecimento sofrem. Afirma que pessoas, geralmente pentecostais e neo-pentecostais, passam gritando “sangue de Jesus tem poder!”, jogam sal grosso na porta, e até houve casos de pessoas entrarem na loja, com o intuito claro de ofendê-la: “Já, já passei bastante. Das pessoas chegarem aqui dentro te ofender: ‘Fulano espera aí! Deixa eu te falar, eu não sou umbandista, [...] eu só vendo. O que eu posso fazer para te ajudar?’”. O fato é que Dona Aparecida tem clara consciência do preconceito porque passa a umbanda e seus adeptos.

As ações persecutórias às religiões de matriz afro-brasileira são parte constitutiva de alguns pentecostalismos: tanto de suas ações proselitistas, quanto de suas práticas rituais. Observa-se uma relação, de fato, intolerante e demonizadora do conteúdo simbólico das religiões de matriz afro, revelando-se, nesse caso, tentativas claras de cerceamento dos cultos, depredações a terreiros, e, até mesmo, violência a adeptos. A ação intransigente tem ultrapassado, portanto, os limites dos templos pentecostais e se espreado por comunidades que possuem terreiros de candomblé ou centros de umbanda:

A “demonização” das religiões afro-brasileiras propagada pelo neopentecostalismo já estava presente em fases anteriores do movimento pentecostal, como elemento da cura divina. Sendo uma das partes constitutivas do ritual da bênção aos doentes, a cura servia para mostrar a vitória de Deus sobre o demônio, geralmente identificado com a umbanda e o candomblé (Rolim, 1990, p. 49). Nesse período, entretanto, não se convocavam os “exércitos de Cristo” para saírem às ruas para impedir rituais afro-brasileiros ou mesmo tentar fechar terreiros como tem ocorrido nas duas últimas décadas (SILVA, 2007, p. 195).

2.3 A manifestação de práticas evangélicas nos comércios: o caso dos proprietários evangélicos

O protestantismo histórico tem demarcado sua presença no Brasil, por meio das igrejas luteranas, metodistas, presbiterianas, batistas, anglicanas, dentre outras. É marcado pela centralidade bíblica e pela expressão de sua palavra, por meio do culto e do sermão, com fortes tendências anticatólicas, antiecumênicas, conservadoras e com significativa acentuação da conversão, como ponto inicial da experiência de salvação cristã (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990).

Já o pentecostalismo aparece, no Brasil, a partir do início do século XX, com o estabelecimento de igrejas, como a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus. Estas são classificadas como denominações pentecostais clássicas, devido ao seu pioneirismo, bem como um movimento claro rumo a uma institucionalização de sucesso, calcada em uma busca por respeitabilidade confessional, e ascensão social e econômica. São caracterizadas por um marcado anticatolicismo, enfatizam o dom de línguas, a crença firme na volta de Cristo como único rei salvador, assim como no paraíso. Possuem forte rejeição ao mundo exterior e abrigam, sobretudo, as camadas mais pobres da população (MARIANO, 1999).

Em um segundo momento, fruto de cisões, fragmentações e pulverizações ocorridas a partir dos anos 1950, surgiram novas denominações pentecostais, com tendências menos clássicas, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Casa da Bênção, dentre outras. A ênfase no dom da cura divina contribuiu, sobremaneira, para a explosão dessas novas denominações, bem como para o aumento significativo do número de fiéis (MARIANO, 1999).

Um terceiro momento surge a partir das décadas de 1980-90. Apareceram igrejas neopentecostais, como a Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Deus é Amor, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Sara Nossa Terra, dentre outras. São marcadas por um forte

antiecumenismo, opõem-se fortemente aos cultos afro-brasileiros, enfatizam a guerra diuturna ao diabo e suas forças, possuem militância intransigente, enfatizam rituais de cura e exorcismo, possuem estrutura empresarial, com a adoção de técnicas de *marketing*, e o uso extensivo de mídias para suas ações de proselitismo (MARIANO, 1999).

O neopentecostalismo, por sua vez, tem se capilarizado rapidamente, na sociedade. Este detém uma configuração de espiritualidade, a partir da experiência histórica do pentecostalismo, no Brasil. Seu tipo corrente de espiritualidade enfatiza a emocionalidade e o transe, mas, por outro lado, não deixa de se centrar na expressão do discurso e da escrita – nesse caso, a própria bíblia como embasamento de sua fé – como ferramentas de persuasão, por meio dos cultos. Tais características colocam-nas a meio caminho dos estilos da mística letrada, e da possessão e do transe (CARVALHO, 1994).

O Brasil é considerado um dos países em que mais se presenciou o avanço pentecostal. Caracteriza-se como o maior país protestante da América Latina. No entanto, tal movimento ascendente pode ser visível em todos os continentes (MARIANO, 1999). O crescimento vertiginoso de sua presença, no país, tem sido demonstrado nos censos. O censo de 2010 revela que os evangélicos passaram de 26 milhões, no ano 2000, para 42,2 milhões em 2010, crescendo em todas as regiões do país. Tal crescimento foi impulsionado pelo aumento do número de pentecostais, que passaram de 10,4%, no ano 2000, para 13,3% no ano de 2010 (CAMURÇA, 2013).

Na Galeria Bellini, encontrei um salão de cabeleireiros em que um dos donos é evangélico²⁵ da igreja batista. Nesse caso, cabe destacar que, geralmente, a administração de salões parece ser constituída pela presença de vários proprietários ou sócios, que se reúnem para montar o negócio. Não há como dialogar com todos, uma vez que, enquanto alguém está sem cliente, outros, por sua vez, estão a atender. Faz-se necessário, portanto, dialogar com aquele que se revela disponível e predisposto a ceder uma entrevista. Ao adentrar o salão, fui recebido pelo Sr. Edmar Machado, um dos proprietários do salão de cabeleireiros *Barber Unity Style*, nº 22, que está na profissão há 11 anos.

O Sr. Edmar Machado, durante nossa conversa, revelou-me que frequenta a igreja batista Unindo Vidas há 16 anos, e que se batizou, no ano 2000. Aqui, cabe resgatar como o número de evangélicos tem crescido nos últimos anos, no Brasil. Para Carneiro; Mariz e

²⁵ O termo está sendo utilizado, nesta pesquisa, tal como considera Mariano (1999, p. 10), cuja caracterização: “recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante européia do século XIV. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus etc.)”.

Mafra (1998), acerca da origem pregressa de novos conversos, a maior parte é oriunda de outras religiões. No entanto, no caso do Sr. Edmar, existe pertença evangélica pregressa entre seus familiares, pois tanto seus pais quanto seus avôs são, segundo ele, do segmento evangélico. Edmar revelou que frequentou várias denominações evangélicas, antes de seu batismo. Nesse sentido, como salienta Hervieu-Léger (2008), o colapso no campo religioso propiciou aos sujeitos comportarem-se como verdadeiros peregrinos na busca de novas práticas religiosas, capazes de resgatá-los de uma situação de insegurança espiritual. Edmar investiu um significativo trânsito religioso dentro do circuito evangélico, até estabelecer-se na igreja batista Unindo Vidas:

É comum que um crente evangélico mude de igreja e denominação. Esta mudança pode ser motivada por uma variedade de razões: de ordem prática, como um novo endereço, sentimental, como a transferência para a igreja da parceira, reação a conflitos na igreja de origem, transformações no estilo de vida e no status da pessoa, insatisfações espirituais, etc. (CARNEIRO; MARIZ; MAFRA, 1998, p. 71).

Estabelecimentos comerciais tocados por pessoas de denominações evangélicas não possuem imagens de santos. Ou seja, não há, para o crente, a possibilidade de recorrência aos santos, como forma de relacionar-se com o divino. Durante a Reforma, tanto Lutero quanto Zwinglio, Calvino e outros reformadores, posicionaram-se, veementemente, contra a prática da idolatria de imagens. Nesse caso, o combate a elas, em altares e templos, deu-se de forma maior ou menor, em debates internos que se colocavam, desde a defesa da destruição total de toda e qualquer representação material religiosa, com fins de se eliminar a idolatria, até a crítica do uso das chamadas obras de justificação²⁶, como recursos de salvação do crente (WACHHOLZ, 2010).

Apesar da aversão ao uso religioso das imagens dos santos, não significa que não seja possível observar materializações de natureza religiosa, nesses comércios. Se, por um lado, os evangélicos não fixam estátuas religiosas ou outros objetos de saberes populares, no interior de seus estabelecimentos, por outro, pode-se observar a presença de versos bíblicos pintados nas paredes ou nos próprios letreiros de suas lojas. Nesse caso, ao passar em frente ao salão, percebi uma fachada em *banner* elaborada artisticamente, com motivos próprios do ofício do corte de cabelos: imagens de tesouras, em meio a um tom azul celeste, circundante do nome do estabelecimento, e, ao lado, a citação bíblica “Jesus Cristo é o Senhor”.

²⁶ Para Lutero, a utilização desse recurso de salvação constituía-se em um abuso, que estava relacionado às obras de justificação. Por meio delas, podiam-se alcançar méritos perante Deus por intermédio de imagens (WACHHOLZ, 2010).

Externar qualquer versículo da bíblia revela-se, nesse caso, a expressão de um processo ativo de evangelização, que ultrapassa as ações religiosas nos templos. As religiões evangélicas, em maior ou menor grau, são afeitas à prática da pregação em todos os lugares (no caso de Juiz de Fora, nas esquinas e praças, a abordagem evangélica é muito recorrente), no sentido de salvar mais almas para Jesus. As ações desses comerciantes evangélicos de pintar, nos letreiros das lojas, trechos famosos da bíblia configuram-se na prática de levar a palavra do evangelho a todas as pessoas:

Os fiéis são regularmente chamados a participar dos trabalhos que a igreja faz para fora de si mesma, “no mundo”. A religiosidade evangélica é ativa. Não se satisfaz na contemplação. E a atividade maior é, sem dúvida, a “evangelização” [...] A ordem de Cristo, “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”, é frequentemente citada implicando, inclusive uma certa concepção do tempo histórico (CARNEIRO; MARIZ; MAFRA, 1998, p. 48).



Figura 22: Citação bíblica
Fonte: O autor (2016)

Nas palavras do próprio Edmar, no que diz respeito à incursão evangelizadora, que se materializou no *banner* de sua loja:

É, tem a passagem bíblica que diz assim: “A fé, ela vem pelo ouvir a palavra de Deus”. Jesus Cristo falou: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Então, a gente tem esse, vamos dizer assim, esse pensamento de escrever, para deixar os dizeres evangélicos e bíblicos, para que as pessoas possam ver e, também, se despertar. Ter o despertamento de sua fé.

Como a prática religiosa dos evangélicos está, de fato, ligada à palavra do evangelho, contida na bíblia, a leitura de seus textos pode ser vista como ponte entre o fiel e Deus. Ou

seja, o único objeto utilizado como passagem para “Ser em Cristo” é a bíblia e seus ensinamentos. Nesse sentido, Edmar afirmou que mantém uma bíblia para suas leituras, quando é possível fazê-las. No entanto, nesse caso, a bíblia não é um objeto colocado à mostra na loja, como em casos em que se pode observar bíblias sobre o balcão, objetos plásticos ou de papel com motivos bíblicos, ou quadros com a sua imagem pendurados em paredes, geralmente, contendo algum versículo em especial. Nesse caso, a bíblia é um utensílio pessoal do crente, não está disponível para mais ninguém, a não ser seu próprio dono. Sobre a presença da bíblia e a sua leitura, no seu comércio, Edmar respondeu:

Sim, sim. Não em grupo, né?! A gente tem individualmente. A gente entende que precisa da orientação da palavra de Deus, né?! Para o nosso dia a dia. Não como um ritual religioso, mas a gente traz, até mesmo porque o tempo que a gente tem na correria da vida, que a gente trabalha, né?! Às vezes, é um tempo disponível que a gente tem, e a gente aproveita esse tempo, também, para estar buscando ler mais a palavra de Deus, se orientar mais na palavra de Deus. Não de ser um fato religioso, mas de ser a oportunidade que a gente tem de estar aproveitando o tempo disponível, que a gente tem.

Nesse sentido, pode-se observar que, em qualquer lugar que esteja o evangélico, seja em casa, na igreja ou no trabalho, busca-se Deus, diuturnamente, e Deus acompanha-o no seu dia a dia. A bíblia confere-lhe orientações de retidão no agir com as pessoas e consigo mesmo, em qualquer lugar. A posse da bíblia é individual, ou seja, para a tradição evangélica, a leitura da bíblia dá-se de forma individualizada reforçando, desse modo, a premissa protestante da livre interpretação do evangelho. A história da configuração da autoridade das escrituras, como centro de convergência da fé, data do período da Reforma que, em tempos de humanismo, tratou de democratizar o monopólio da interpretação do evangelho. Nesse período, a difusão da prensa já se fazia instrumento para tal empreitada. O caminho para a livre interpretação da bíblia estava aberto. No entanto, o embate dava-se, à época, entre a conquista do direito à interpretação individual do livro e o monopólio da interpretação, dada, *a priori*, pela igreja. Pode-se evocar, nesse ponto, a posição de Lutero a respeito da querela que se deu:

Em 1518, Lutero evocou a autoridade da Bíblia em suas conversações com o cardeal Caetano. Em 1519, novamente evocou a autoridade da Bíblia no confronto com João Eck no debate de Leipzig. [...] Os opositores de Lutero lembraram a ele que ele deveria reconhecer a autoridade da igreja e declarar-se disposto a aceitar a interpretação da Bíblia pela igreja. Isso também lhe foi exigido na Dieta de Worms (1521), quando foi cobrado dele que se retratasse. Respondeu que não o faria, a menos que seu erro fosse provado por argumentos corretamente fundamentados na Sagrada Escritura, pois sua consciência estaria ligada à palavra de Deus e “não era certo nem recomendável proceder contrariamente à sua consciência”. Seu

interlocutor, em Worms respondeu-lhe: “abra mão da consciência. Nada é mais seguro do que submeter-se à igreja” [...] Nesse âmbito, Lutero declarou o *sola scriptura* em oposição à autoridade da igreja (WACHHOLZ, 2010, p. 109).

Na Rua Batista de Oliveira, nº 317, encontrei a sapataria *Calçados Araújo*. Quem passa pela frente da loja, prontamente observa, pintada em uma viga, a famosa frase “Deus é fiel”. Esse estabelecimento pertence à Sra. Poliana Araújo e sua família. Em minhas conversas com ela, contou-me que nasceu no estado da Paraíba, na cidade de Itabaiana, e veio para Juiz de Fora, ainda bebê. Batizou-se na igreja batista, aos 12 anos de idade. Segundo Poliana, sua família é parte católica e parte protestante. Seus pais nasceram católicos e, com o tempo, tornaram-se evangélicos: “Meus pais eram católicos, quando eu nasci. Mas, depois de minha primeira infância, mais ou menos, eles começaram a frequentar a igreja evangélica”.

O batismo partiu de uma decisão de Poliana. Para ela, esse sacramento significou um novo nascimento. Ou seja, é o período em que o indivíduo, no momento da conversão, arrepende-se de todos os seus pecados para, dessa maneira, recomeçar uma nova vida ao lado Jesus. Revelou-me que tal escolha tem de ser, necessariamente, consciente:

[...] pra igreja protestante, no caso, o batismo, ele significa o arrependimento dos pecados. Então, por isso que eles não batizam criança, quando bebê. Porque o bebê não tem do que se arrepender. Então, quando você faz a sua opção, quando você batiza, significa que você faz uma escolha. Você está entregando a sua vida pra Jesus. Significa isso. O seu arrependimento é um novo começo. Então, é quando você já tem consciência de quem você é, e do que você quer pra você. Então, eu já estava consciente, sabia que era isso que eu queria pra mim. Foi uma decisão minha. Ninguém me pediu nada. Eu que quis realmente.

Os principais reformadores do movimento protestante endossaram o sacramento do batismo em crianças, ora defendendo-o como obrigação ética dos pais, ora por ser, o próprio sacramento, uma graça ou dádiva divina, afirmada na responsabilidade tutelar da própria igreja, que, por sua vez, assumiria a responsabilidade de fazer nascer a fé nos indivíduos. No entanto, uma posição crítica, inerente aos anabatistas²⁷, punha em dúvida tal prática. Assim como entre os batistas e adeptos de outras denominações evangélicas, atualmente, o batismo é

²⁷ De acordo com Wachholz (2010, p. 149): “O *sola scriptura* de Lutero visava libertar o cristianismo de práticas e tradições da igreja contrárias à Escritura, admitindo que aquilo que não estava em oposição às Escrituras podia ser mantido. Zwínglio, diferentemente, defendia que tudo o que não se encontrava explicitamente na Bíblia devia ser eliminado. Ele desejava uma espécie de reedição do cristianismo primitivo e puro. Logo surgiu um grupo que acusava Zwínglio de não ter dado sequência a seu próprio princípio. Tratava-se dos anabatistas, que defendiam uma eclesiologia fechada e separada dos de fora, depois de não conseguirem, na esteira do que pretendia Zwínglio, criar uma igreja visível, como sendo coextensiva à congregação local, ou seja, um *corpus christianum* (Estado cristão). Como esse projeto não pôde ser concretizado, os anabatistas recolheram-se para fundar congregações de puros. Trata-se de uma igreja de voluntários e confessos. Por esse motivo, somente podem ser batizadas pessoas adultas, conscientes, responsáveis e que compreendam o significado do mesmo [...]”.

visto como um sinal de renascimento, em que o arrependimento dos pecados deve ser sinal claro de conversão a uma igreja viva, ou seja, dos cristãos verdadeiros. Tomando por base a concepção de Poliana, há, aqui, uma compatibilidade histórica da compreensão dessa liturgia sacramental, que se consolidou, desde os anabatistas, em maior ou menor grau, no pensamento evangélico:

Os anabatistas não somente combateram o batismo de crianças como prática papista, mas também como patrocínio da graça barata, pois não se enfatizavam a fé e o discipulado como condição para o batismo. [...] Batismo é sinal que visibiliza a igreja dos verdadeiros cristãos. Essa compreensão eclesiológica anabatista levou ao triplo entendimento de batismo: 1) Batismo é sinal de uma comunidade renascida, cujo arrependimento e discipulado são ação do Espírito Santo; 2) o verdadeiro batismo é, *a priori*, interior e ação do Espírito Santo, somente a pessoa que compreendeu isso pode receber o Batismo com água; e 3) as pessoas batizadas precisam estar dispostas à rejeição e perseguição; isso é sinal de que elas não são pessoas desse mundo, mas estão neste mundo como discípulas (WACHHOLZ, 2010, p. 149-150).

Passada essa nossa conversa sobre a questão do batismo, e sobre o que ele significou na sua vida, voltei-me à questão do letreiro, presente no interior de seu estabelecimento. Em cor azul, em meio a uma viga de fundo branco, o verso força o exercício do olhar daqueles que passam em frente à loja. A arte materializada no ambiente comercial pode ser considerada o fruto de um consenso da própria família de Poliana, uma vez que todos que trabalham na loja são evangélicos. Nesse sentido, ela contou-me que, na verdade, o seu pai havia pintado o verso, e que a presença desse fragmento bíblico na loja, segundo ela, é uma demonstração de fé e pertença religiosa.

Na verdade, não foi eu. Foi meu pai, né?! Então, assim, não posso falar muito, mas, talvez, seja uma coisa, assim, pra identificar que aqui tem um lugar em que as pessoas acreditam em Deus, entendeu? Assim, como em outros lugares, a pessoa vai ter uma imagem representando isso. Então, talvez seja isso.



Figura 23: Verso bíblico
Fonte: O autor (2016)

Segundo Poliana, a espiritualidade evangélica faz-se presente no recinto comercial, não somente pela materialização desse verso bíblico, pintado na parede, mas, também, por meio da presença e da leitura da bíblia, bem como da prática da oração. Ela afirma trazer aquilo que acredita para o funcionamento da loja, na maneira de lidar com as dificuldades e adversidades. Além do mais, de acordo com ela, a presença dessa frase bíblica não se revelou, nesse caso, como um ímpeto evangelizador, tal qual o exemplo do Sr. Edmar Machado, porém como a materialização de uma subjetividade religiosa, significando, apenas, a exteriorização da pertença a uma determinada crença.

A bíblia faz-se presente na loja, para uma leitura de caráter pessoal. Nos momentos em que o movimento da loja está mais fraco, ou quando não tem que estudar textos da faculdade. No entanto, Poliana afirmou que, realmente, o tempo para a leitura tem sido muito escasso, devido à correria do dia a dia. Isso faz com que ela prefira lê-la em casa, com mais calma e intimidade. Contudo, a presença das escrituras sagradas em seu comércio, assim como sua leitura, faz diferença, para a comerciante, no sentido de que tal presença significa algo especial, como o alimento da palavra viva de Deus em sua vida, e que pode trazer bem-aventurança ao local desde que, enquanto comerciante, cada um “faça a sua parte”:

Olha, pra mim faz diferença, assim, de uma questão de ver. Mas eu acho que a gente, também, não pode colocar tudo, assim, generalizar. Por exemplo: eu faço, eu administro tudo errado, não coloco na ponta do lápis todas as despesas, aí pronto! Tenho uma bíblia aqui, vai dar tudo certo. Não! Não é assim que as coisas funcionam. Não vai jogar responsabilidade pra Deus das coisas que você faz mal feito. Tem muita gente que faz isso, né?! Toca pro pau, e tipo assim: “Ah não, tem uma bíblia aqui, e vai dar tudo certo”. Não, não é isso. A gente sabe disso. Até porque a gente tem que fazer a nossa parte. Mas assim, pra mim, é bom ver que representa muito pra mim, que tem importância na minha vida. Mas assim, não é

aquela coisa de assim: “Vai dar tudo certo, porque a bíblia está aqui”. Não é isso. A nossa vida é sempre uma caixinha de surpresa, cada dia é um dia. A gente pede pra Deus abençoar, pra Deus guardar e livrar a gente de tantos perigos, tanta coisa ruim que tem no mundo. Mas, é mais uma questão pessoal, mesmo. Se você olhar é isso. Deus faz você se sentir em casa.

2.4 A presença de objetos e práticas Nova Era nos comércios: o caso dos proprietários adeptos do movimento da Nova Era

A partir da década de 1960, surgiu, no ocidente, um novo movimento sociocultural, entre as classes médias urbanas. Esse movimento foi marcado por manifestações de rebeldia contra o *establishment*, culminando em reivindicações pelos direitos civis, por meio de grupos feministas, movimento gay, movimentos pelos direitos dos negros, pelos direitos das crianças, ecologistas, movimentos antinucleares, movimentos pacifistas, dentre outros. Tal movimento, desde seu início, pôde ser marcado como uma oposição à não autonomia do indivíduo e ao autoritarismo, colocando-se, portanto, contra toda e qualquer forma de hierarquia social, e de autoridade e suas normas (CAROZZI, 1999).

No seio desse período de ebulição social, pautado por contestações de várias ordens, surgem núcleos e complexos “alternativos”, marcados por discursos e práticas ligados à transformação individual, em direção a uma sacralização do *self* e da natureza, pelas práticas de cura, pela ampliação da consciência, pela liberação das amarras sociais do corpo, pelo holismo e sincretismo, pela liberdade e livre circulação dos indivíduos, além do destacado antiautoritarismo. Tais complexos alternativos surgem como pontos de convergência, para esses grupos, que passam a buscar formas diferentes de experimentar o mundo, por meio das amplas redes de serviços, que compunham *workshops*, técnicas nutricionais, terapêuticas, psicoterapêuticas, do movimento corporal, místicas orientais e ocidentais, esotéricas, religiosas e espirituais, dotadas, por sua vez, de toda uma organização que variava de mestres, terapeutas, gurus, conferencistas e consultores, até indivíduos usuários, discípulos e pacientes (CAROZZI, 1999).

Conhecido, posteriormente, como movimento Nova Era, seus adeptos buscam, por meio dessa ampla rede de bens e serviços, a capacitação para uma “abertura dos canais” da percepção, para adentrar-se, cada vez mais, nos caminhos de uma evolução espiritual, culminado, dessa forma, no encontro de uma mente sã, de uma essência ou centelha divina, e da harmonia com o cosmos e a natureza, para o alcance de uma “consciência interior”

(CAROZZI, 1999). Tal movimento, que leva os adeptos que se enveredam por esses caminhos ao autoconhecimento, partilha de um estilo de espiritualidade, chamado por Carvalho (1992, p. 88) de “meditativo oriental”. Ou seja, trata-se de “técnicas de controle da mente que possibilitem alcançar um estado superior da consciência humana”.

Essas redes de bens e serviços oferecem uma multiplicidade de práticas, técnicas e disciplinas, que, de acordo com Magnani (1999, p. 47), podem ser classificadas dentro de um plano, que as divide entre técnicas da mente, do corpo e do espírito: as técnicas, instrumentos e métodos, que privilegiam o plano mental para ativar os poderes da mente, compreendem a “astrologia, baralho cigano, cabala, cleromancia, encromancia, geomancia, I Ching, numerologia, quirologia, quiromancia, radiestesia, runas, tarô”. Aquelas que privilegiam o plano físico direcionam-se às técnicas de cura do corpo, compreendendo a “massagem áurica, automassagem dirigida, ayurvédica, bioenergética, do-in, quiroprática, reiki, shantala, shiatzu, toques sutis, biodança”. As práticas de uso terapêutico do espírito, por sua vez, compreendem rituais de sistemas religiosos variados, como “roda de medicina, resgate de alma, sauna sagrada, rituais tântricos, ritos de tradições druídicas, wicca, relaxamento Kum Nye”.

A Sra. Isabel, natural de Brasília, e, hoje, proprietária da loja *Quiron*, nº 52, segundo andar do Mercado Municipal, é um exemplo da convergência de saberes, em sua prática religiosa. A sua extensa formação e experiência no mundo das técnicas, disciplinas, ritos e práticas esotéricas permitiu-lhe contrabalançar uma multiplicidade de filosofias e religiões. Ou seja, ao mesmo tempo em que demonstra grande mestria na manipulação de símbolos, conhecimentos e ritos esotéricos, já passou, ao longo de sua vida, por experiências religiosas variadas, como adepta do pentecostalismo, do xamanismo, da wicca, como seminarista e como simpatizante do budismo. Nesse sentido, Isabel afirma que já experimentou muitas religiões:

Bastantes religiões. Na realidade, eu fui, na minha infância, eu fui, como todo brasileiro, né?!, evangélica. Porque já pego a descendência, onde vem da parte lá dos americanos, que entram aqui, e já começa aquela coisa da corrente protestante. [...] Minha avó, na realidade, jogava cartas, mas se converteu a uma religião evangélica. Aí, época de bispo Macedo, que lança vários livros, aqueles livros queimando o candomblé, falando mal do candomblé, e eu sempre sentia que eu tinha algo. Talvez pela cor negra, né?! Tem alguma coisa dessa raiz, dessa questão. [...] Eu estudei no Seminário Arquidiocesano, lá fui muito bem tratada, até. E vejo que lá, também, tem uma mistura danada, né?! Nossa Senhora é toda enfeitada, parece Oxum. As pessoas bordam e criam coisas. Tem uns ritos de comidas, também. A coisa está tão misturada, que é complexo. Mas, em várias religiões. O budismo, eu aprecio muito. Também, gosto muito do xamanismo, da wicca... Estudei várias culturas.

De acordo com Almeida e Montero (2001), as religiões evangélicas, muitas vezes, têm se configurado, dentro dos processos de fluxos de trânsito religioso, como receptoras significativas. Contudo, no caso de Isabel, os motivos que a fizeram abandonar o campo evangélico, e, posteriormente, ingressar tanto nos campos esotérico, quanto afro-brasileiro, passaram pela configuração de um exercício subjetivo questionador, que a levou a um processo de circulação religiosa por diversas alternativas. O interessante é atentar que esse trânsito por várias religiões, filosofias e conhecimentos esotéricos acabou por contribuir para a construção de uma mistura prática de sagrados, provocando, assim, um acúmulo de conhecimentos, revelando um repertório amplo de crenças e práticas religiosas. Atualmente, Isabel é do candomblé. Porém, no âmbito comercial, trabalha com consultas relacionadas a jogo de búzios, cartas ciganas, tarô, quiromancia, dentre outras práticas esotéricas. Sua entrada no candomblé relacionou-se a uma questão interior, que fazia com que ela se sentisse atraída pelos elementos constituintes dessa religião. No entanto, sofreu bastante reprovação e preconceito de sua família:

[...] eu gostava do tambor, aquilo me chamava muito. E, a partir disso, eu fui ao candomblé. Iniciei, mas foi muito difícil, porque, na realidade, eu vim de uma família que tinha um preconceito muito rígido, totalmente. Isso era o diabo pra eles. Só que eu estava na igreja. Isso é estranho, né?! Porque, dentro da igreja, eu acreditava. Lógico, porque é muito bom acreditar no céu, né?! É muito ótimo! O céu é lindo e maravilhoso, reluzindo, tudo bonitinho. Então, eu olhava isso e falava: “Isso está errado!”. Eu questionava algo que eu não entendia. E é esquisito, porque eu acredito que era algo que já era nato mesmo. Já veio de mim.

Assim como o estabelecimento do Sr. Edmar ou o da Dona Aparecida, o comércio da Isabel é especializado. Ou seja, está envolvido com a venda de bens e serviços de um campo religioso delimitado, o esotérico. No entanto, ao passar em frente à loja, não foi possível identificar, prontamente, os objetos religiosos capazes de figurar como próprios de sua espiritualidade externada, mesmo em se tratando de uma pertença religiosa holística. Nas prateleiras da recepção, pode-se observar bonequinhos, como magos, bruxinhos, gnomos, cristais, dentre outros produtos comercializáveis no mundo esotérico. Não obstante, é no bastidor da loja, onde Isabel recebe seus clientes, com uma tênue iluminação ambiente e uma mesa disposta no meio da pequena repartição, contendo o jogo de búzios, as cartas de tarô e outros instrumentos rituais, que foi possível observar uma variedade de objetos religiosos e mágicos, de várias filosofias e religiões, em franca coexistência. Logo na entrada do bastidor, percebe-se um assentamento de Oxóssi. As ervas sobre esse assentamento são utilizadas por

Isabel, nos rituais com seus clientes. A representação do arco com a flecha revela as armas de Oxóssi:



Figura 24: Assentamento de Oxóssi
Fonte: O autor (2016)

Além desse assentamento, Isabel possui, ainda, outro de Exu, na porta da loja, cujo registro fotográfico não foi permitido, por questões de segredo religioso. Durante nossa conversa, ela foi mostrando as imagens de Santa Sara, Nossa Senhora Aparecida, relacionada sincreticamente com Oxum, além de ciganas, bruxas e outras entidades das religiões afro-brasileiras e das tradições europeias. Para Isabel, existe uma pronta funcionalidade para tudo o que se encontra no seu recinto comercial, denotando, nesse caso, um claro envolvimento ritual com tais entidades:

Oxóssi é o Deus da prosperidade, e representa meu pai. Tem um assentamento, também, de Exu, que Exu é o princípio dinâmico. Toda casa africana tem que ter Exu. Exu é o primeiro que entra. O primeiro orixá. E a Santa Sara, pela questão da interpretação das cartas, né?! Oxum, porque, no sincretismo, Nossa Senhora Aparecida é Oxum, que é o meu santo, meu orixá... É sincretizado. Por exemplo, no dia 12, é dia de Nossa Senhora Aparecida. Como eu sou filha de Oxum, que significa a deusa das águas, eu faço um *omolokum* para Nossa Senhora Aparecida. Ou seja, eu faço uma comida africana para uma deusa da África, para Nossa Senhora Aparecida. E, ao mesmo tempo, eu dou alguma coisa que são elementos de criança, ou doce ou velas, para adultos, porque eu acho que é a mesma essência materna [...]



Figuras 25 e 26: Imagens de cigana e Nossa Senhora Aparecida, e bruxa
Fonte: O autor (2016)

Ainda que tais orixás, entidades e santas, dentre outros símbolos, possuam uma característica relacional religiosa, mágica e/ou mística com Isabel, esses estão, igualmente, dispostos no interior do recinto comercial, para conferirem o bom andamento dos negócios, a concentração e a inspiração para o exercício do seu ofício. Adicionalmente, para garantir a intuição, a fim de ter sucesso no jogo das cartas, dos búzios, na leitura da mão, dentre outras práticas. Nesse sentido, de acordo com Isabel, o fato de aquele conjunto de símbolos estarem ali:

Faz toda a diferença. Faz! Para intuição, para a questão da magia, para a questão do saber... É uma coisa que eu tenho que ter mesmo. Tem que ter! Tem Ajê Salugá, outras divindades que são cultuadas, também, que fazem muita diferença, sim. É uma espécie de proteção. São os patuás, os amuletos... Então, acho que faz muita diferença, sim. Até na questão do movimento, de trazer as pessoas, de orientar as pessoas.

A manipulação dos instrumentos simbólicos inerentes às muitas religiões, saberes, seitas e filosofias revelou-se, nesse caso, como o ponto de confluência, no que tange à práxis religiosa de Isabel. Dessa maneira, sua formação holística, amparada em uma relação sincrética entre os símbolos com os quais lida, permitiu-lhe operar essa gama de elementos plurais, transitando, assim, diariamente, por todos esses saberes. Sua experiência reflete-se nas consultas, que, nas suas palavras, permite que um consulente:

[...] traga pra mim um escapulário. E, aí, aquele escapulário, eu firmo ele no rito. E eu dou à pessoa, com a religião dela, entendeu?! Mas, assim, eu costume, como eu tenho essa coisa, eu não uso o meu elemento, só da minha religião. [...] Eu costume usar todos os elementos. Acho que, muitas vezes, você pode ter uma nossa Senhora, e ter, ali, por trás, o que os africanos fazem. Tem um elemento espiritual que te ajuda por trás. Você pode ter Exu, dentro de um vaso de planta. Você põe a cachaça, coloca no chão, ninguém vai saber. É uma planta! Então, eu uso todos esses elementos. Tudo o que me é capaz, eu uso. Um bom bruxo, um bom mago, tem que usar tudo. Todos os elementos, né?!

Portanto, essa é a configuração do adepto do holismo, no mundo esotérico. Isabel partilha das características inerentes a esse tipo de movimento, que procurou, de acordo com Carvalho (1992), “[...] olhar para todas as religiões mundiais, em busca de equivalências, de complementações, de sínteses”. Nesse sentido, pode-se afirmar que houve uma tentativa de retomar conhecimentos alienados à institucionalização religiosa, principalmente do cristianismo, lidando, assim, com vários movimentos de cunho herético ou hermético, em uma tentativa de re-encantar o mundo.

2.5 As orações, preces, gestos, dentre outras manifestações imateriais, entre os comerciantes

A prática da oração é muito difundida entre os adeptos religiosos. Existem orações destinadas a vários santos, orixás, entidades e divindades diversas. Orações eficazes, aos olhos de seus praticantes, para numerosos problemas e males. Ela materializa-se como um ponto de convergência, de um sem número de religiões. Os devotos realizam orações, porque querem alcançar o que é considerado divino, e, dessa forma, auferir resultados práticos, em suas vidas. Dessa forma, a oração é a parte de um sistema religioso concreto, no qual participam o fiel ou o conjunto de fieis. As suas externalizações são variadas:

[...] partindo de baixo, elevou-se, aos poucos, até os cumes da vida religiosa. Infinitamente flexível, revestiu as formas mais variadas, sucessivamente adorativa e constrangedora, humilde e ameaçadora, seca e abundante em imagens, imutável e variável, mecânica e mental. Desempenhou as funções mais diversas: aqui é uma petição brutal, ali uma ordem, alhures um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, um louvor, um Hosana. [...] participa, ao mesmo tempo, da natureza do rito e da natureza da crença. É um rito, pois é uma atitude assumida, um ato realizado em vista de coisas sagradas. Ela se dirige a uma divindade e a influencia; consiste em movimentos materiais dos quais se esperam resultados. Mas, ao mesmo tempo, toda oração é sempre, em certo grau um credo (MAUSS, 2009, p. 229-230).

Além das orações que, por sua vez, mobilizam a ação do poder da palavra, junto a uma necessidade de qualquer ordem do fiel, o uso expressivo de gestos, adicionalmente, faz parte do conjunto de instrumentos rituais utilizados. No que tange ao ato de orar, ou seja, de dirigir-se a alguma divindade, por meio da manipulação de símbolos, pode-se observar a ação puramente verbal, a ação verbal conjugada com o gesto, e a ação pautada somente pelo gesto. Nesse momento, um conjunto de sinais é instrumentalizado pelos religiosos. Eles estão

carregados de um poder ritual, que o fiel reconhece e executa. Nesse sentido, os gestos rituais, tal como explica Mauss (2009, p.272), podem-se configurar, como: “[...] ritos manuais claramente simbólicos, que poderiam ser chamados orações, porque na realidade são uma espécie de linguagem por meio do gesto [...]”.

Partindo do entendimento de que essas práticas colocam-se como uma manifestação ritual capaz de mobilizar, manipular e consolidar símbolos, comportamentos e concepções aprendidas, tal oralidade ritual, bem como seus gestos, conduzem o adepto à obtenção de uma capacidade inovadora de encarar a realidade ao seu redor. Ou seja, leva o fiel a modelar o mundo que o cerca, a fim de garantir uma maior proximidade com suas expectativas pessoais e práticas, em variados âmbitos da vida. Nesse sentido, as mobilizações de tais símbolos, pelo religioso:

[...] expressam o clima do mundo e o modelam. Eles o modelam induzindo o crente a um certo conjunto distinto de disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter crônico ao fluxo de sua atividade e à qualidade da sua experiência (GEERTZ, 1978, p. 70).

O Sr. José Geraldo, no que tange aos usos da oralidade ritual, possui duas orações plastificadas na sua loja, e fez questão de afirmar que não passa um dia sequer sem recitá-las. Uma delas é a oração Nossa Senhora Passa à Frente, que, segundo ele, é boa para “iluminar os caminhos” daqueles que estão precisando de luz para a “abertura das portas” nas suas vidas. Como ele mesmo afirma:

Aquela lá, do lado, é uma oração de Nossa Senhora Maria Passa à Frente. E aquela outra é a oração de Nossa Senhora Aparecida, que todo mundo reza lá na igreja da Nossa Senhora Aparecida. Lá em Aparecida do Norte, essa oração é famosa. Eu tenho essa oração aqui, e tenho essa oração de Nossa Senhora Aparecida, que fica junto com a imagem. E tenho essa oração, também, de Nossa Senhora Passa à Frente. Essa oração, eu rezo todo dia. Essa, também. Essa aqui é a Consagração a Nossa Senhora. Eu consagro, todo dia, pra ela, essa oração. Eu rezo, também, todo dia, que é essa de Nossa Senhora Passa à Minha Frente. Eu não rezo só pra mim. Eu rezo pra todas as pessoas, meus amigos, eu rezo... Falo até o nome da pessoa, aqui ó: “Maria, passa na frente da pessoa tal. Vai abrindo os caminhos, as portas, casas e corações...”. Então, se a mãe está na frente, fulano de tal está protegido. Eu vou rezando. Eu vou falando o nome da pessoa.

É interessante atentar que, na oração *Maria Passa à Frente*, que o José Geraldo recita diariamente, pode-se acrescentar o nome da pessoa à qual se quer endereçar a “abertura dos caminhos”. Dessa forma, pode-se orar por outras pessoas que estejam passando por momentos difíceis e, também, por si mesmo. Nesse sentido, existem formas de pedir graças aos santos, que se caracterizam pela inclusão de um ou mais sujeitos, geralmente pessoas da família ou

amigos (MENEZES, 2004). Um exemplo disso foi a prática observada em uma análise de pedidos, feitos por devotos de Santo Antônio, em um convento, na cidade do Rio de Janeiro:

Portanto, havia uma prática instituída de “pedir para” outrem (fórmula que está presente inclusive na liturgia da missa, através da expressão “vamos rezar por...”) no local, pois o freqüentador assíduo do convento, principalmente o *devoto fervoroso* de Santo Antônio, torna-se, para seus parentes e amigos um mediador por excelência de pedidos (MENEZES, 2004, p. 55, grifo da autora).

Com fins de ilustração do tipo de formato de oração que institui o “pedir para”, exponho a oração *Maria Passa à Frente*. Em seguida, a *Consagração a Nossa Senhora Aparecida*, ambas recitadas pelo Sr. José Geraldo²⁸:

“Oração de Maria Passa à Frente”

*Maria passa na frente vai abrindo os caminhos.
Vai abrindo portas e portões, casas e corações.
A mãe indo na frente, os filhos estão protegidos
e seguem os teus passos. Ela os leva sob sua proteção.
Maria passa na frente e resolve aquilo que somos
incapazes de resolver. Maria cuida de tudo o que não
está ao nosso alcance. Tu tens poderes para isso.
Vai Mãe, acalmando, serenando amansando os
corações. Vai acabando com o ódio e os rancores, com
as mágoas e as maldições. Vai acabando com as
dificuldades, as tristezas e as tentações. Vai tirando teus
filhos das perdições.
Maria passa na frente e cuida de todos os detalhes. Cuida,
protege e ajuda a todos os teus filhos. Maria, tu és a
mãe e também a porteira. Vai abrindo o coração das
pessoas e as portas dos caminhos. Maria eu te peço, passa
na frente e vai conduzindo, levando, ajudando e curando
os filhos que precisam de ti. Ninguém pode dizer que foi
decepcionado por ti depois de ter-te chamado e invocado.
Só tu com o poder do teu filho pode resolver as coisas*

²⁸ Estas orações foram reproduzidas tal qual as encontrei nas plastificações do Sr. José Geraldo.

difíceis e impossíveis. Eu te suplico: Maria passa na frente!

“Consagração a Nossa Senhora Aparecida”

Oh Maria santíssima, que em vossa querida imagem de Aparecida, espalhais inúmeros benefícios sobre todo o Brasil. Eu, embora indigno de pertencer ao número de vossos servos, mas, desejando participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado aos vossos pés, consagro-vos o meu entendimento, para que sempre pense o amor que mereceis. Consagro-vos minha língua para que sempre vos louve e propague a vossa devoção. Consagro-vos o meu coração, para que depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebeis-nos ó rainha incomparável, no ditoso número de vossos Servos. Acolhei-nos debaixo de vossa proteção. Socorrei-nos em todas as necessidades espirituais e temporais e, sobretudo, na hora de nossa morte. Abençoai-nos, ó mãe celestial, e com toda a vossa intercessão, fortalecei-nos em nossas fraquezas a fim de que servindo-vos fielmente nessa vida, possamos louvar-vos, amar-vos e render-vos graças do céu, por toda a eternidade. Assim seja. Amém!

Dona Mounira, no seu estabelecimento, utiliza-se de sinal sagrado, acompanhado da expressão da oração. Quando chega para trabalhar, ela faz o sinal da cruz, e entoa um pedido a Deus, antes e depois do expediente. O caso dela é especial para se observar como e por que os comerciantes, muitas vezes, utilizam-se da prática da oração em suas vidas, nos variados âmbitos do seu cotidiano:

Faço o sinal da cruz e peço a proteção a Deus. E, na hora que eu saio, todo santo dia, quando eu entro, faço o sinal da cruz, e todo mundo comigo. Quem é, assim, católico, entra, faz o sinal da cruz. Dos funcionários não exijo nada deles. Mas eu entro. Quem é católico faz o sinal da cruz e pede proteção durante o dia. À noite, quando a gente fecha a loja, a gente liga o alarme, e Nossa Senhora, São Jorge nos protege e a nossas famílias, e a mesma coisa quando chego em casa. Porque quanta gente sai, e não volta?! Quanta gente dorme, e não acorda? Então, se nós chegamos, é porque nós estamos protegidos. Se nós acordamos, é porque Deus está conosco.

O Sr. Carlyle, por sua vez, reforça a proteção fazendo, ao entrar e ao sair do seu comércio, o sinal da cruz. Tal prática denota, de igual modo, o desejo do comerciante de

passar o dia com bem-aventurança e paz, durante os seus trabalhos. Com isso, enseja-se, desde quando se entra até o momento em que se sai do trabalho, a manutenção de uma sustentação protetiva necessária, na visão desses religiosos, para que corra bem o dia. Adicionalmente, para que cheguem ao trabalho e em casa, com segurança e paz. Ele afirma que, ao chegar a sua casa, ora a nossa Senhora Aparecida, porque, segundo ele: “essa que me protege, essa que é a minha mãe”.

O Sr. Adilson relatou que, certa vez, foi a uma benzedeira com um amigo, e, lá, a mulher ensinou-lhe a fazer uma reza especial, destinada a Nossa Senhora da Guia. A benzedeira instruiu-lhe que, quando fosse entrar na loja, entrasse com o pé direito e recitasse: “Nossa Senhora da Guia, aumenta a minha freguesia”. Depois disso, que fizesse o sinal da cruz, e, somente ao término desse ritual, Adilson poderia dar prosseguimento ao expediente. Mais tarde, ele pediu a um amigo que imprimisse uma oração de Nossa Senhora da Guia, para fixá-la em seu comércio:

Oração à Nossa Senhora da Guia

Virgem orientadora,

Mãe dos desorientados,

Senhora das soluções,

Dignai-vos a interceder por vosso/a filho/a:

-----(*diga seu nome*)

Com vosso poder,

Será fácil encontrar saída,

Voltar ao melhor rumo,

Ter a ideia que falta.

Farol dos navegantes,

Colocai no caminho certo,

Quem está desorientado.

Virgem Guia,

Virgem Orientadora,

Virgem Diretiva,

Em vossas mãos está o rumo.

Amém.

Sou grato/a.

Adilson afirmou que, quando chega pela manhã, a primeira coisa que faz é recitar essa oração, que, simultaneamente, como em outros casos de orações, reveste-se de teor de prece, uma vez que se trata, como afirma Mauss (2009, p. 234), de “petições dirigidas à personalidade divina ou ao menos espiritual”. Ao final do dia, ele agradece pelo dia que passou, pela proteção, pelo bom transcorrer do expediente, e vai para casa. Em nossas conversas, certo momento, ele ressaltou como essa prática faz uma grande diferença, no seu dia a dia:

Faz, cara, faz, apesar da gente estar enfrentando aí um momento muito difícil. No comércio, está tudo difícil, né?! Está tudo muito enrolado. Mas aquilo te dá uma força, que você consegue levar o seu dia, mesmo que ele seja ruim, entendeu? Ele se torna um pouco mais leve. Ele fica mais fácil.

Existem, ainda, etiquetas ligadas à relação que se tem com um guia espiritual. O Sr. Helder Lessa afirmou recitar o *Credo* três vezes ao dia, em horários específicos: 7 horas da manhã, meio-dia e 19 horas, ao final do expediente. Tais horários, segundo ele, estão relacionados aos “horários do guia”. Seria, portanto, o momento em que, segundo ele, “eles estão presentes, disponíveis para a proteção”.

Para o Sr. Dionísio, a oração não se dá, necessariamente, pela recitação de fórmulas mecânicas, todavia, constitui-se em uma expressão subjetiva. Para ele, a oração é o resultado da necessidade da resolução de problemas de um contexto específico, de modo que a fórmula textual, simbólica ou gestual não deve ser pré-determinada. Em minha conversa com ele sobre a questão da utilização de orações, surgiu a seguinte interpretação do ato de orar:

A oração é uma coisa que você guarda ela pra você, né?! Cada pessoa tem uma oração, ou tem uma prece, ou tem alguma coisa que faz do seu jeito particular, né?! Se você me perguntar, eu vou te falar outra coisa diferente da realidade. Então, assim, é uma coisa bem particular. [...] A oração, você não pega ela daqui ou dali. Você simplesmente monta essa oração dentro da sua mente, e você faz ela. Os seus pedidos, os seus agradecimentos... Mas são particulares de cada um, e de cada situação. Não tem uma... Eu não acredito que exista uma fórmula, que nem uma receita de bolo. Não tem que ser isso, não! A oração é aquela que toca no seu coração, pra você fazer naquele momento.

No entanto, Dionísio afirmou que possui preferência por fazer suas orações, em horários específicos. Desse modo, ele as executa todos os dias, pela manhã, e quando chega ao trabalho:

[...] toda manhã, antes de qualquer coisa, eu faço o agradecimento, porque estava ali, no dia, e, também, quando eu chego no trabalho. Acho que a melhor forma de se começar o dia, já é agradecendo por estar ali, e pedindo que o dia transcorra dentro da normalidade.

Entre os evangélicos, por sua vez, a prática da oração dá-se como uma espécie de “exercício interior”. Falar com Deus é, portanto, uma ação subjetivada, ou seja, espera-se que o ato de direcionar-se a Deus, por meio da oração, configure-se com sua forma mais pura e verdadeira (CARNEIRO; MARIZ; MAFRA, 1998). Aqui, para o Sr. Edmar Machado, a oração revela-se como um estado perene, em que o espírito está, permanentemente, em diálogo com Deus:

Não, a gente tem a ideia de que, dentro do segmento evangélico, a gente deve estar em espírito de oração, a todo momento. Porque a gente não tem uma prática religiosa, a gente tem um segmento. Quer dizer, assim, a todo momento, a gente deve andar, como a bíblia diz, né?! Em espírito, né?! Aonde você está trabalhando, você está elevando seu pensamento a Deus. E, até mesmo em pensamento, você está buscando a presença de Deus. A gente entende que Deus está te ouvindo, te escutando. A gente não tem aquela, vamos dizer, aquela tradição religiosa, né?! Como se diz? É... Ajoelhar, ter que fazer isso, ter que fazer aquilo... A gente tem esse pensamento aí.

Corroborando essa liberdade subjetiva com que o evangélico lida na prática da oração, a Sra. Poliana destaca que:

A oração é falar com Deus. É conversar com Deus. Pra mim, é uma conversa. Então, você tem momento que você para no seu dia, e tem certeza de que alguém está te ouvindo, está te recebendo. Porque a bíblia fala isso. Que quando você se aproxima dele, ele se aproxima de você. Que se você o buscar, você o encontra. Então, é o momento que você fala. Que você se entrega, como se você estivesse falando com o seu melhor amigo. Com alguém que você confia, que você pode contar as suas coisas. Às vezes, coisas mais do seu íntimo, e ter certeza que não vai estar, sabe?!, sendo divulgado por aí. Porque tem coisas que são muito nossas, e Deus, ele conhece nosso íntimo.

Ao contrário de outras práticas religiosas que possuem, como característica, certas orações como textos pré-estabelecidos, gestos consolidados, ou, até mesmo, horários específicos, “conversar com Deus”, para o evangélico, trata-se de uma conexão que pode ser feita a qualquer hora e em qualquer lugar. Assim como Edmar Machado explicou na nossa entrevista, Poliana revelou-me como lida com essa questão de dirigir-se a Deus, no diz respeito a si mesma e ao seu estabelecimento comercial:

Sim, cada um fala por si, né?! Eu falo por mim. Eu, geralmente, eu faço as minhas orações, antes de entrar na loja, ou, até mesmo, durante o dia. Não necessariamente

quando eu coloco o pé na loja. Não tenho uma regra. Até porque eu não gosto dessa coisa de ritual, sabe?! Eu acho que se Deus é teu pai, você tem liberdade de falar com ele, a hora que você quiser, que você sentir vontade. A bíblia mesmo fala isso, né?! A gente se aproxima a Deus, e Deus se aproxima a nós. Não tem que ter uma coisa certinha. Eu, pelo menos, penso assim. Eu acho que funciona assim, pra mim. Eu acho que cada um vive a sua individualidade de uma forma. Pra mim, não é aquela coisa de eu ter que sair daqui da loja, eu tenho que falar: “Ah, tem que orar, tem que pedir!”. Não. Às vezes, eu falo antes de sair de casa; outras vezes, no decorrer do dia... Não tem algo muito específico.

Portanto, os religiosos, no seu cotidiano, em lugares profanos, ou mesmo nos templos, são muito afeitos à prática da oração. Ela revela a ação constitutiva da ontologia do religioso. A oração, como prática individual, demonstra a contrição, baseada no ato do pensamento e da ação. A oração, nesse sentido, pode estar ligada a um culto ou um rito específico. Pode ser caracterizada, principalmente, por um ato que nasce e morre com o indivíduo. No entanto, a oração está ligada, por sua vez, a uma institucionalidade produzida por um grupo possuidor de códigos comuns, elaborados por meio de modelos, tipologias e gestualidades. Ela possui sua própria intencionalidade historicamente construída, e, por vezes, não é possível explicar todos os seus aspectos simbólicos e semânticos. A oração configura-se como um rito religioso, oral, dirigido às coisas sagradas (MAUSS, 2009).

2.6 A presença de objetos religiosos e oriundos de saberes populares estrangeiros, nos comércios

No recorte delimitado, foi possível observar a existência de comerciantes que utilizam objetos religiosos ou de saberes populares estrangeiros. A presença pronunciada desses objetos e conhecimentos, oriundos de outras culturas, evidencia a característica cosmopolita da cidade. Juiz de fora é, historicamente, uma cidade com significativo fluxo migratório e imigratório. Pode-se observar, por exemplo, que muitos dos comerciantes, até agora entrevistados, são originários de localidades próximas do entorno, de outros estados e, até mesmo, do mundo. No que tange à sua configuração histórico-social, além de uma imigração mais antiga, composta por populações negras de várias partes do continente africano, portugueses, alemães, italianos (OLIVEIRA, 1994), sírios e libaneses (BASTOS, 1988), percebe-se, atualmente, a instalação de chineses e coreanos na cidade. No entanto, carece-se de dados acerca dessas populações orientais imigrantes na cidade de Juiz de Fora.

Uma vez instalados, tais imigrantes trazem consigo a sua bagagem cultural. Conteúdos novos de saberes populares e práticas religiosas passam a compor o campo religioso local, inflando a já extensa gama de religiões, religiosidades, seitas, grupos, instituições, dentre outros. Sua atuação religiosa acaba por promover a introdução e a popularização de símbolos e conhecimentos. Os libaneses, por exemplo, trouxeram a tradição religiosa melquita e maronita para a cidade, materializada na construção da Igreja Melquita de São Jorge, no bairro Santa Helena, como forma de preservação de sua identidade religiosa. Dona Mounira, por exemplo, participa ativamente das atividades do conselho dessa igreja. Acerca da manutenção dessas tradições católicas, trazidas e cultivadas pelos libaneses:

Quanto às igrejas cristãs, tornaram-se centros importantes de preservação cultural para parte da comunidade libanesa e mantiveram-se como uma referência na formulação das identidades – embora a cada dia menos importante devido à maior antiguidade da imigração cristã libanesa e a progressiva adaptação dos imigrantes e seus descendentes à vida social brasileira. Isso ocorre porque as seitas melquita e maronita, apesar de pertencerem ao catolicismo romano, não são plenamente *universais*, porém de características árabes e libanesas, o que em parte também ocorre com a igreja ortodoxa, de grande importância para a cultura árabe e sírio-libanesa (GATTAZ, 2012, p. 120, grifo do autor).

Muitos santos existentes no mundo católico são alvo de devoção, no Brasil, a despeito de sua condição estrangeira. Ressalvados alguns casos de canonizações ocorridas no país, faz-se necessário lembrar que a tradição cristã não nasceu em solo brasileiro, mas veio com os portugueses, como uma das primeiras matrizes religiosas; logo depois, a africana, encontrando-se, por sua vez, com a matriz originária indígena (SCHULTZ, 2008). Isso implica afirmar, portanto, que a maioria dos santos e das divindades das matrizes diversas é, por assim dizer, “importada”. No entanto, as imigrações recentes têm contribuído para a entrada de novos personagens no rol de imagens reconhecidas e popularizadas como santas, por parte dos fiéis católicos.

São Charbel, por exemplo, é um dos santos que compõe o corpo de homens e mulheres beatificados, oriundos da Ordem da Igreja Maronita, com sede no Líbano. O seu reconhecimento tem surtido efeito de popularização entre os fiéis brasileiros. Certa vez, em meio ao meu reconhecimento de campo, observei um estabelecimento comercial na Rua Batista de Oliveira, a fim de detectar qualquer objeto religioso ou do saber popular, dentro do recinto. Em um dado momento, encontrei alguns santinhos de São Charbel, em cima do balcão, e, curioso, perguntei à dona da loja (que, infelizmente, não quis conceder-me entrevista) quem era aquele santo. Ela, que parecia apressada e sem paciência, respondeu-me

que era São Charbel, e que distribuía aqueles santinhos porque tinha muitos fregueses libaneses que frequentavam a sua loja. Então, por ser muito católica, promovia a distribuição daqueles santinhos, para que as pessoas conhecessem o santo.



Figura 27: Santinhos de São Charbel em moldura, *Casas Chic*
Fonte: O autor (2016)

Contudo, não são somente os santos do estrato católico, trazidos pela imigração recente em Juiz de Fora, que fazem parte do conteúdo encontrado no campo religioso local. A presença chinesa, na cidade, também parece estar contribuindo para o alargamento de seus limites. O recorte geográfico da pesquisa compreende três pastelarias administradas por chineses. Em seus interiores, é possível observar divindades provenientes de sua cultura religiosa e popular. Entrei em uma delas, e, em meio a uma difícil conversação entre as partes, perguntei para um dos donos, um rapaz de cerca de 30 anos, quem era aquela divindade que eles mantinham em um pequeno altar, no alto da parede. Com certa carga de desconfiança, ele respondeu que era *Guan Gong*. Segundo ele, todo comércio na China possui um desses. Em vida, ele foi um general, que viveu há mais ou menos 600 anos, e é colocado nos comércios, com um sentido amplo de proteção. Nas palavras dele, tal divindade confere “proteção para tudo”. *Guan Gong* protege, da mesma forma, a categoria dos policiais, na China. Depois de sua explicação, apresentei o assunto da pesquisa e disse-lhe que era pesquisador da UFJF. Perguntei se ele poderia conceder-me uma entrevista com mais calma, de maneira que pudéssemos aprofundar acerca de suas práticas religiosas e espirituais, enquanto comerciante. Contudo, a negativa foi veemente. Após registrar no meu caderno de campo essa conversa sucinta e informal, percebi que os imigrantes chineses parecem ser muito reservados, uma vez que o mesmo ocorreu em outros casos. Creio que, por problemas que partem desde a barreira

da língua, e/ou, talvez, por questões relativas às dificuldades da imigração. Uma aproximação mais aprofundada, nesse caso, revelou-se quase inviável. Para agravar a situação, esses comércios permanecem, quase sempre, cheios de clientes. Portanto, nem sempre uma aproximação satisfatória é possível. Nesse caso, peguei uma representação de *Guan Gong* na internet para que o(a) leitor(a) possa apreciar de quem se trata.



Figura 28: *Guan Gong*

Fonte: *Cultural China*. 2014. Disponível em: <<http://traditions.cultural-china.com/en/212Traditions29.html>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

Além da presença de *Guan Gong*, objetos religiosos relacionados ao budismo, também, foram identificados. Pequenas estátuas de Buda foram encontradas, em cima de balcões, caixas registradoras, escrivaninhas, e, até mesmo, nos bastidores dos estabelecimentos comerciais. O budismo e seus ensinamentos foram trazidos para o Brasil com os japoneses, a partir das imigrações do início do século XX. No entanto, as primeiras missões oficiais do budismo remontam à década de 1950, iniciando seu processo e sua popularização (GONÇALVES, 2005). A partir de então, um sem número de representações de Buda passaram a compor o cotidiano das pessoas, nos lugares mais variados. Contudo, no que tange à presença dessas estátuas e outras representações pictóricas nos lugares, não significa que aqueles que os detêm sejam adeptos regulares, partilhando, dessa maneira, profunda e assiduamente da filosofia religiosa, da qual esses objetos derivam. Isso parece ocorrer, porque, no Brasil, a prática do budismo descolou-se de sua base institucional consideravelmente.

Repensando esses traços com relação à estrutura das ofertas na área do Budismo, deve ser lembrado que no decorrer da história da admissão do Budismo no Ocidente,

várias das suas doutrinas e práticas, originalmente desenvolvidas e transmitidas dentro de determinadas linhas budistas, “emanciparam-se” do seu contexto original e começaram a circular livremente, dando a impressão que se tratava de propriedade coletiva espiritual da “humanidade” publicamente disponível. Do ponto de vista das “ofertas”, pode-se dizer que a desvinculação da herança religiosa da sua autêntica base institucional imediatamente visível provocou o uso inflacionário de conceitos, símbolos e “produtos” budistas em inúmeras fontes, discursos diversos e contextos múltiplos (USARSKI, 2004, p. 307).

No estabelecimento comercial de “Muita Fé No Que Faz”, evidencia-se a presença de símbolos da tradição oriental budista, misturados aos santos da tradição católica, como Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida e São Jorge. Desse modo, nos bastidores, a presença das estátuas do Buda, somadas às desses santos, revela uma condição sincrética, pautada por um dualismo catolicismo/espiritualismo. A participação religiosa da família de “Muita Fé No Que Faz”, no cotidiano comercial, influenciou a acomodação das estátuas, na loja. Disseram-lhe que faria bem ao local. “Muita Fé No Que Faz”, por sua vez, recebeu-as sem hesitação. Afirmou que gosta de tê-las ali.



Figura 29: Budas
Fonte: O autor (2016)

Somados às duas estátuas do Buda, no seu estabelecimento, observa-se, ainda, a presença de *manekinekos* nas vitrines. Os gatinhos dourados ficam expostos aos passantes, em meio aos produtos, enquanto seus bracinhos permanecem balançando para frente e para trás. Eles possuem várias cores, mas, nessa pesquisa, entre os comerciantes que os possuíam, somente foram encontrados na cor dourada. A presença de tais gatinhos relaciona-se à crença no bom andamento dos negócios. Izumi (2010, p. 129) explica que o *manekineko* é: “um gato com uma das patas levantadas, geralmente um artefato em porcelana, simbolizando a prosperidade, comumente presente em lojas, para ajudar nos negócios”. Esses gatinhos, segundo “Muita Fé No Que Faz”, também foram presente de sua família.



Figuras 30 e 31: *Manekinekos*
Fonte: O autor (2016)

Nenhum desses objetos encontrados nos recintos comerciais parece estar destituído de qualquer função religiosa, ritual ou mágica. Por mais que a relação tenha sido forjada por alguma espécie de influência indireta, como no caso de “Muita Fé No Que Faz”, que, por sua vez, recebeu as estátuas do Buda e os *manekinekos* de sua família, algum nível de crença, mesmo que não levada tão a sério, foi sempre identificado dentro de um âmbito simbólico informador de algum sentido para suas presenças. Ou seja, assim como em outros casos, tais objetos estão alocados, nos interiores das lojas, com finalidades específicas, coadunando-se com os sistemas de crenças, mais ou menos consolidados, dos comerciantes que os mantêm.

2.7 As superstições entre os comerciantes

A presença de superstições configurou-se prática encontrada entre os comerciantes. Ou seja, além de suas relações com santos, orixás, dentre outras divindades e ritos religiosos, utilizam-se, ainda, de práticas oriundas do conhecimento mágico popular. Na sociedade brasileira, as superstições, tanto entre os católicos, quanto entre os adeptos de outras religiões, religiosidades e grupos diversos, desde a colônia até a atualidade, estiveram ligadas, geralmente, a uma busca pelo sucesso no amor, no trabalho, em busca de dinheiro, ou, ainda, na utilização ou portabilidade de objetos de natureza mágica ou santificada, para trazer saúde, sorte ou “abertura dos caminhos”, dentre outros desejos e necessidades. Tais práticas parecem condicionar uma vida de bem-aventurança ao indivíduo que crê. Nesse sentido, no imaginário popular, era:

Bastante arraigada a crença de que as doenças possuíam natureza sobre-humana, ao serem provocadas, por exemplo, pela feitiçaria ou pela ação de mau olhado [...]. Moléstias e sortilégios estavam diretamente relacionados e, muitas vezes, confundiam-se, posto que o próprio feitiço era considerado uma doença capaz de ser combatida com a ingestão de mezinhas apropriadas. O mau olhado era considerado extremamente nocivo, sobretudo às crianças, e resultava no terrível quebranto: uma doença que despertava profundas angústias, uma vez que era considerada capaz de provocar a morte dos inocentes. O remédio contra os males advindos do mau olhado era assegurado pelo uso de amuletos e pelas benzeduras [...] (SOARES, 2001, p. 420).

Tais crenças eram compartilhadas por expressivas camadas da população, geralmente fundadas enquanto crenças coletivas. Nesse contexto, o mundo real e o mundo sobrenatural estão dispostos como vasos comunicantes, não parecendo existir uma distinção clara entre um e outro. A própria relação da religião com as superstições está ligada a mais uma forma de ser religioso, em uma sociedade com fortes traços de sincretismo. Tal sistema de conhecimentos promove uma rearticulação de fronteiras, fazendo com que a simbologia, os ritos e as práticas de diversas tradições entrecruzem-se, estabelecendo, desse modo, a aparição e a consolidação desses saberes populares (MONTERO, 1990). Abaixo, ressalta-se a configuração dessa realidade sincrética, no sentido da manipulação desses conhecimentos mágicos:

Religiosidade ontocrática que buscava intermediários bem próximos e sensíveis para o relacionamento com o sobrenatural, o divino, o sentido como facilmente acessível; servia-se de imagens, fitas, medalhas, rosários, bentinhas, patuás, benzeduras. Convivia com a misteriosa presença de almas do outro mundo, num misto de respeito, piedade e medo; protegia-se com rituais que garantiam proteção contra doenças, animais peçonhentos, mau olhado, quebranto, feitiço. Contra inimigos havia orações bravas, que não eram para ser rezadas, mas levadas ao pescoço, em bentinhas ou patuás, ou pregadas atrás das portas das casas (HAUCK, 1985, p. 112).

Nos dias de hoje, fazer simpatias, portar patuás, amuletos, ou outros objetos com conteúdo santificado ou de valor mágico, a despeito da emergência do mundo moderno e do seu desenvolvimento urbano e industrial, parece configura-se como prática corriqueira. A lógica implícita da crença em tais ritos e práticas dá-se, obviamente, pela crença na ação mágica, e, por conseguinte, no resultado satisfatório, uma vez que as pessoas crêem na eficácia deles. Para Montero (1990), tais poções e objetos variados, tratados como coisas santificadas, energizadas, consagradas, propiciatórias, benzidas, dentre outras formas rituais que os transmutam magicamente, são frutos de uma crença coletiva, que ratifica a eficácia do ritual. Assim sendo:

A magia é uma arte que comporta uma multiplicidade complexa de operações. Os elementos com que trabalha são triturados, diluídos, transformados em bebidas e infusões; eles viram pasta, pó, fluídos a serem bebidos ou comidos; ou ainda

imagens a serem guardadas como amuletos. Essa química não tem como único objetivo tornar os produtos objetivamente utilizáveis. Na verdade, a preparação dos objetos mágicos é parte integrante do ritual que os torna eficazes. [...] Mas, embora vários desses rituais operem segundo as leis da simpatia, não são as idéias que conferem eficácia ao rito [...] mas seu poder depende de uma crença *a priori*: a magia funciona porque as pessoas crêem (MONTERO, 1990, p. 60).

Muitas são as receitas que se utilizam de elementos da natureza, para o alcance da cura para determinada doença, chaga ou mal. Misturas e infusões são feitas, e regras estritas, para sua utilização, fazem parte dessas práticas, muitas vezes, como tratamento alternativo aos serviços oferecidos pela medicina alopática. Assim, como explicita Montero (1985, p. 86), pode ocorrer que: “As representações religiosas da doença e as técnicas mágicas de cura aparecem [...] como um universo de conhecimento alternativo ao saber médico”. O Sr. Dionísio, conversando comigo sobre as simpatias que já fez, afirmou que existe uma receita para curar pneumonia, que é fulminante:

Uma simpatia pra curar de... Na realidade, você pode pegar como simpatia, ou você pode pegar como uma receita empírica. Aí, vai depender de como é que você vê... Pra curar pneumonia. Você pega erva de passarinho, você deve conhecer, pega erva de passarinho, não pode ser de laranjeira; mistura com assapeixe; pega o socador, pode ser daquele de alho mesmo; faz aquilo ali; tira o sumo, uma pontinha só, menos de uma colher de café; e toma em jejum, três dias de manhã. Não tem pneumonia que suporte isso.

Nesse caso, Dionísio curou-se de uma doença por meio da manipulação de elementos da natureza, que, uma vez misturados com propriedade e ingeridos meticulosamente, puderam propiciar uma cura total. Contudo, o processo da cura na umbanda pode refletir-se em outros campos da vida do adepto, ou seja, além do campo biológico, podendo atuar no campo social, e, também, no espiritual. Costuma-se associar os três planos no que tange à tentativa de dominação e controle de forças maléficas. Nesse sentido, pode-se erradicar doenças, porque é possível contatar a boa vontade dos espíritos (MONTERO, 1990). No caso de Dionísio, uma cura de depressão, por completo:

[...] por exemplo, uma cura de uma depressão, uma cura por completo. Eu atribuo a créditos que eu tinha, juntamente com esse tratamento espiritual. Eu não fiz tratamento de alopatia. Então, eu atribuo a créditos que eu pude me resignar disso, e restabelecer a saúde. E eu vejo “n” pessoas que entram em depressão e não conseguem se livrar dela. Fica lá, anos a fio. Outros vem até ao extermínio, né?!, da vida...

Muito é falado acerca das superstições mais conhecidas do imaginário popular brasileiro, como “não passar debaixo de escadas” ou “ver gato preto dá azar”. Essas

percepções podem desdobrar-se em muitas outras, uma vez que as pessoas parecem estar, a todo tempo, criando receios de executar determinada ação, que não preencha condições específicas, oriundas da própria superstição. Dionísio, por exemplo, relatou-me não viajar de carro com o pneu vazio, de jeito nenhum:

Se eu tiver pra sair de casa, pra viajar, por exemplo, se eu chegar na garagem, e meu carro tiver com pneu baixo, você pode ter certeza que eu não viajo. Essa é uma superstição que eu tenho. Se eu viajar, as vezes que eu já tentei, até hoje, pode ter certeza que eu não chego no final da viagem. Então, isso aí é uma superstição.

Quanto à portabilidade de objetos de natureza mágica ou santificada, em alguns casos surgiu uma situação em que o indivíduo comprometeu-se consigo mesmo a manter tais objetos, por tempo indeterminado, como medalhinhas, santinhos, escapulários e outros. O Sr. Carlyle, por exemplo, possui um santinho de Nossa Senhora Aparecida, na carteira: “Tem trinta e oito anos que eu tenho Nossa Senhora Aparecida na minha carteira. Trinta e oito anos, tá?! Na minha carteira”. Tal medida parece revelar um desejo de sempre “andar acompanhado”, ou seja, de estar sempre ao lado daquele poderoso mediador, por intermédio do objeto que o representa, capaz de livrá-lo de possíveis males.

O Sr. José Geraldo, em nossas conversas, revelou-me que carrega, dentro de sua carteira, um trevo-de-quatro-folhas plastificado. Esse trevo, segundo ele, foi dado por uma amiga, e, desde então, carrega-o para dar-lhe sorte. Seco e muito velho, dentro do plástico que o manteve livre das intempéries do interior de uma carteira de dinheiro, o trevo-de-quatro-folhas parece ser um símbolo muito utilizado no Brasil, destinado a conferir sorte a quem o possui. Segundo ele, nunca faltou, desde o momento em que se manteve cercado tanto da proteção dos santos de sua devoção, quanto dessas outras práticas paralelas, dinheiro, saúde e trabalho.

[...] uma vez, eu ganhei um trevo-de-quatro-folhas, que eu senti que fosse uma simpatia, pra dar sorte na minha vida, sabe?! Então, eu ganhei esse trevo-de-quatro-folhas. Já tem mais de vinte anos, e sempre ficou na minha carteira. Então, aqui está escrito assim: “traz sorte, saúde e sucesso”. E não falta dinheiro também, né?! E eu ando com ele na carteira, e eu faço dinheiro. Geralmente, nunca faltou dinheiro pra mim não, graças a Deus! E saúde, eu tenho pra dar e vender, graças a Deus, né?! E sorte. Eu acho que eu tenho muita sorte, também, que eu tenho até hoje. Sucesso que eu tenho até hoje, graças a Deus. O único que eu pratico aqui é esse trevo-de-quatro-folhas, que eu carrego aqui na minha carteira.

Certa vez, o Sr. José Geraldo havia ganhado uma oração a Nossa Senhora das Graças contendo dez medalhinhas. Nesse tipo de oração, aquele que recebe a oração deve “passá-la”

para mais dez pessoas, e, assim, antes mesmo de repassar todas as dez medalhas, segundo afirma o Sr. José Geraldo, pode-se receber a graça pedida. Esse tipo de prática não é, de fato, uma novena. Essa prática parece ser uma espécie de simpatia, na qual a pessoa deve cumprir uma obrigação, para, depois de exercida, receber do santo a graça almejada.

Eu não sei se isso é simpatia, mas deve ser simpatia, né?! A oração de Nossa Senhora das Graças. A moça lá na igreja me deu essa oração, com dez medalhas, e você tem que passar pra dez pessoas, e fazer a oração. De repente, você pode conseguir a graça antes de entregar às pessoas todas. Isso é uma novena que eu fiz, né?! Mas isso não é novena, porque são dez medalhas de Nossa Senhora pra dar pra dez pessoas. Tipo uma corrente, né?! Uma corrente espiritual, né?!

Quando fui entrevistar o Sr. José Geraldo pela segunda vez, revelou-me todas essas ações, e, ainda, destacou que havia se esquecido de dizer que carrega, igualmente, um escapulário no pescoço, há muito tempo. O escapulário é um cordão que vem com duas medalhas, em lados opostos: uma vem, geralmente, com a imagem de alguma Nossa Senhora, e a outra vem com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. As pessoas colocam-na de maneira que fique uma medalha à frente do pescoço, e outra atrás. O escapulário do Sr. José Geraldo, tal como ele destacou, veio diferente: com uma imagem do Sagrado Coração de Jesus de um lado, e de Jesus Misericordioso, do outro. Tanto o escapulário como o próprio trevo-de-quatro-folhas estão com ele, há muito tempo. Quando perguntado sobre o porquê de ser uma medalha na frente e outra atrás, ele respondeu-me:

A gente carrega, põe um na frente, outro atrás, e carrega no seu pescoço, pra dar sorte, e, também, pra a gente ser guiado por Jesus [...] Por exemplo, o outro que eu tinha, que era de Nossa Senhora, você colocava Jesus na frente, e Nossa Senhora atrás, e você era protegido dos dois lados, né?! Nada vai te machucar. Nem na frente, e nem atrás de você. Você está protegido pelos dois. Então é isso.

Contudo, o Sr. Adilson afirmou que o verdadeiro escapulário, utilizado por ele, traz, na medalhinha de frente, o Sagrado Coração de Jesus; e de dorso, Nossa Senhora do Carmo. Os outros, afirmou, não possuem a mesma eficácia deste, que é, para ele, além de uma proteção pessoal, a legítima:

Ele é uma proteção pessoal, né?! É uma proteção pessoal. Agora, igualzinho, agora, que nem os padres falam também, né?! O escapulário verdadeiro é o Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora do Carmo. Porque a gente vai nessas casas de produtos religiosos, vai em cidades religiosas, e, lá, tem escapulário de Nossa Senhora Aparecida, do Santo Expedito, e não é a mesma coisa. Aquele ali já vai funcionar, tipo, só um cordão pra você. Agora, já o escapulário com a imagem de Nossa Senhora do Carmo, ele é, vamos dizer assim, o legítimo.

“Muita Fé No Que Faz” revelou que carrega uma pequena cruz no pescoço, como um sinal propiciador de “abertura dos caminhos”. Tal prática é bastante difundida entre pessoas que são devotas. Nas palavras dele: “Ah! Porque eu tenho muita fé. Ela me dá abertura dos caminhos. Abre os meus caminhos. Eu sinto assim”. Entre as pessoas que carregam tais objetos, juntos de si, a referência à “abertura dos caminhos” e à fé nesses símbolos, parece fazer-se muito presente.

A Sra. Isabel, por sua vez, afirmou utilizar muitos patuás, mas, no seu caso, ela detém a competência e os conhecimentos alquímicos, para a confecção desses objetos mágicos. Ela possui, adicionalmente, em sua loja, amuletos espalhados: os *kauris*. Como Isabel é uma especialista na confecção deles, afirmou que há muita procura por tais objetos. No entanto, admitiu que faz muito ritual utilizando os elementos da natureza, disponíveis para alimentar cargas protetivas para si mesma.

Eu pego um búzio, misturo com uma erva... Protege sobre determinada coisa. Fecho ele e guardo na carteira, na bolsa, entendeu? No meu caso, assim, eu tenho patuás, mas eu produzo patuás. Eu faço muita coisa, mas não é uma coisa fora daquilo. Eu faço mais em mim, por exemplo... Não sei como te explicar, mas eu não faço a magia direcionada a um objeto, que, às vezes, a pessoa precisa de um objeto. Eu faço a magia direcionada a mim mesma, comigo: tomo um banho, uma coisa assim, é o que eu mais utilizo.



Figura 32: *Kauris*
Fonte: O autor (2016)

Na entrada da loja, Isabel afirmou possuir outro *kauri*. Este é constituído de um pequeno pote de porcelana branca, contendo objetos mágicos sagrados, em seu interior. Por terem essa natureza hermética e sagrada para Isabel, não foi possível fotografá-los. Apenas o recipiente pode ser, nesse caso, revelado.



Figura 33: *Kauri*
Fonte: O autor (2016)

Dona Aparecida, em nossa conversa, salientou que os clientes são muito apegados à prática de simpatias, mas uma em especial chamou-me a atenção por sua peculiaridade. Ela ressaltou que vende muito um Santo Antônio, que vem com o filho solto. Ao comprá-lo, o suplicante arranca-lhe o filho, e faz o pedido, geralmente um(a) namorado(a) ou esposo(a), devolvendo-lhe o filho, só depois do atendimento do desejo em questão. Segundo Dona Aparecida, essa é a simpatia mais procurada, tanto que, no dia em que fui fazer a entrevista, ela havia me confessado que o seu estoque de Santo Antônio tinha acabado. Ao que parece, outras práticas como essa, de igual modo, acontecem como forma de punição, ou de relação de chantagem entre o devoto e o mediador. Já ouvi falar de casos em que os devotos, quando não conseguem a graça ou o seu desejo, viram o santo de cabeça para baixo, ou coloca-o afogado em um copo d'água. Essa é uma clara relação baseada em uma espécie de relação de natureza punitivista:

Os santos penetram na vida dos que os veneram, misturando-se com seus problemas, suas necessidades mais urgentes, nos negócios, na vida familiar, nos casamentos, nos amores. E tudo isso, sem cerimônia, sem se precisar de apresentação, sem intermediário. Tudo se passa entre o santo e seu devoto. Uma certa intimidade até, sem implicar desrespeito, mas intimidade que chega até mesmo à imposição de certas punições como santo de cabeça para baixo, santo fora de sua capela, santo voltado para as paredes (ROLIM, 1976, p. 159).

Segundo Dona Aparecida, o que mais as pessoas buscam, em sua loja, é saúde e amor. Portanto, a procura por procedimentos rituais, bem como por objetos que possam servir para melhorar esses aspectos de suas vidas são, desse modo, muito procurados. Rastreiam simpatias, segundo ela, para fortalecer a relação conjugal, a união no casamento, adicionalmente, mais amor em suas vidas, além de mais saúde:

Sabe, eu vendo muita simpatia. Quando chega no final do ano, às vezes, a Rádio Globo vem aqui me perguntar o que que tem hoje de simpatia, para Iemanjá. Aí, eu sempre indico uma mãe-de-santo, que pode orientar, para eu não falar errado. E falo o material que eu mais vendo, que são as velas amarelas. Esse ano, vendeu muito para a prosperidade, não é?! Aqui, as pessoas buscam, além de saúde, mais amor. Então, as pessoas têm muito desamor, sabe?! Então, eles vêm buscar essa força de amor, assim, para a união, algum livro de simpatia, para fortalecer o casamento. Então, o que eu observo, aqui, é isso.

Isabel corrobora a afirmação da Dona Aparecida. Na sua loja, entram muitas pessoas em busca de uma relação mais estável com o(a) companheiro(a). Segundo ela, a procura por seus bens e serviços é muito alta entre os católicos e, até mesmo, entre os evangélicos. A partir do que relatou Isabel, pode-se observar como o mundo religioso é extremamente dotado de circulação e sincretizado. Busca-se, a todo instante, a satisfação de demandas, dentro do conjunto de ofertas religiosas e mágicas, contidas no amplo campo de alternativas religiosas.

Agora, a religiosidade brasileira, como eu atendo muita gente, é extremamente sincretizada. Porque vêm pessoas aqui, de igreja, para perguntar, por exemplo, se ela deve fazer uma corrente, porque o bispo pediu para vender algo, para fazer uma corrente... E vem, aqui, para saber se vai dar certo. Olha só! E, de repente, vêm outras, aqui, que são evangélicas, e que pedem, assim, para que o filho, que está num vício, alguma coisa, pra fazer um trabalho espiritual, para que ele melhore, porque acha que é uma praga. O pastor, lá, disse que é uma praga. Então, é tudo assim. Você vai na igreja, tem uma rosa não sei do quê, que ajuda; uma essência que... Sabe?! É tudo muito... Então, eu não tenho um público específico. O que mais eu atendo, eu digo, católico. Católico é totalmente livre, né?! A não ser da renovação carismática. Esse povo, assim, que é mais fechado, hermético. O católico, católico mesmo, ele gosta de uma benzedeira, ele gosta de ir num lugar, ele acredita que uma vela ali, para as almas, vai ajudar, também. Assim, eu atendo muito esse público. Assim, em geral, mais mulheres, senhoras, e as pessoas vêm muito por amor, né?! A primeira base é amor. Porque as pessoas querem saber muito do outro.

Foi possível perceber, igualmente, que comerciantes costumam utilizar-se de objetos pertencentes a religiões ou a saberes populares estrangeiros, com a finalidade de conferir-lhes sorte ou boas influências, seja para si mesmos, como no caso do José Geraldo, seja para atrair harmonia, boas energias, paz, bom andamento dos negócios ou para chamar clientes. Geralmente, ficam dispostos nos balcões, em cima de prateleiras ou nas vitrines. “Muita Fé No Que Faz”, por exemplo, quando conversamos sobre a finalidade do uso daqueles *manekinekos*, no seu ambiente comercial, respondeu-me:

Aquele gatinho é porque ele move, sozinho, os bracinhos. [...] Então, esse gatinho [...] pra mim, porque dá muita sorte, e, inclusive, até umas pessoas querem comprar, e a gente não vende. Ele está ali com o motivo de dar sorte. Pra dar boas influências, pro nosso dia a dia.

O mesmo dá-se com os dois Budas, dispostos sobre um armário, no seu escritório. Aqui, a compreensão de finalidade parece estar atrelada à crença de que esses objetos podem trazer, de fato, mais sorte e boas energias. Quando percebi as estátuas, “Muita Fé No Que Faz”, logo em seguida, acrescentou que os Budas também estavam ali, para conferirem sorte para ele e para o ambiente da loja, como um todo.

Isabel afirmou gostar muito do budismo, e, sempre que pode, adquire estátuas do Buda. Não somente estas, mas, segundo ela, de muitas outras coisas que dizem respeito à manutenção da fé, nesse caso, de uma fé em coisas que podem possuir algum sentido mágico. Seja para purificação do ambiente, para trazer sorte, boas influências, fregueses, dentre outras finalidades. Ativa-se, portanto, uma busca por esses objetos, em mercados específicos:

[...] você chega lá, você encontra, lá [...], uma coisa de Xangô. De outro lado, tem um crucifixo. Então, você acaba pegando tudo, levando: “Ah, vou comprar isso aqui, também!”. Naquele sentido, né?! Aí, leva o Buda... Leva o que for, né?! Shiva... Vai tudo! Nós somos muito ligados à fé, não no sentido de Deus, mas de acreditar em coisas. Eu acho que a gente tem muita fé. O brasileiro tem muita fé. Então, não importa que seja um Buda... Então, é a fé. Então, você se apegava àquele elemento.

Tendo em vista a existência constante de experiências místicas, mágicas e religiosas, capazes de propor novos significados aos mais diversos objetos que circulam dentro do campo religioso, tais indivíduos, na medida em que reconstróem ou desconstróem significados, passam a redirecionar os usos e os conhecimentos. Não há mais, nesse caso, uma identidade intrínseca, inarredável ou essencial de qualquer objeto religioso ou do saber popular. Como salienta Leila Amaral (2003, p. 6), o significado que o indivíduo atribui a um determinado objeto “se faz e se refaz através da consciência (ou experiência) da desconstrução e reconstrução permanente dos significados”. Nesse sentido, pode-se exemplificar tal fato na ação ressignificadora desses comerciantes, quanto às coisas do mundo religioso em oferta. Quando “Muita Fé No Que Faz” afirma obter sorte, pela presença das estátuas do Buda e dos *manekinekos*, ou, ainda, quando há divergências acerca das várias significações de legitimidade e eficácia dos escapulários, pode-se observar esse sentido de reelaboração de significados.

2.8 A presença de plantas “protetoras” nos comércios: o caso de alguns comerciantes que as utilizam

Muitas casas de comércio possuem, em seus interiores, plantas como pimenteiras, espadas-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode, palmeiras, dentre outras. Nesse campo de pesquisa, o que mais encontrei foram, de fato, as plantas espadas-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode, geralmente dispostas em vasos grandes, na frente da loja ou ao lado da entrada. É sabido que muitas pessoas cultivam esse tipo de vegetal, em ambientes domésticos, com finalidades abertamente protetivas (AUGRAS, 2005). No entanto, tal saber popular parece ter se difundido para os estabelecimentos comerciais, em significativa medida.

O poder das plantas e das ervas é afirmado, simbolicamente, por várias cosmologias religiosas. Por meio de práticas e ritos variados, como banhos de descarrego, infusões e chás, extrai-se delas propriedades e poderes medicinais e mágicos capazes de conferir energia, eliminação de impurezas e proteção. Arruda e espada-de-são-jorge, por exemplo, para adeptos das religiões de matriz afro-brasileira, possuem o poder de proteger as pessoas e o ambiente de mau olhado.

No que diz respeito à manipulação desses símbolos diversos, Montero (1985, p. 166) destaca que: “Tudo se passa como se os símbolos religiosos oferecessem ao indivíduo uma série de mecanismos de defesa socialmente sancionados e psicologicamente apropriados que lhe permitem compreender seus conflitos idiossincráticos”. Nesse sentido, na farmácia *São Jorge*, o Sr. Dionísio afirmou manter sua espada-de-são-jorge, ao lado do santo guerreiro São Jorge, por uma questão de segurança. A planta e o santo ficam no alto de uma prateleira, na porta da loja. Conversando com ele sobre o porquê da presença dela na farmácia, ele afirmou: “A espada?! Com o que se vence uma guerra?!”.



Figura 34: Espada-de-são-jorge e São Jorge
Fonte: O autor (2016)

O fato de o saber religioso popular imprimir em São Jorge, que é sincretizado com Ogum, a qualidade de “santo guerreiro”, e, ao mesmo tempo, atribuir como o símbolo de sua arma uma planta, que possui um biótipo semelhante a uma espada, sugere que o adepto internaliza, ritualmente, os usos dos símbolos e as qualidades inerentes à divindade com que se relaciona. Nesse sentido, o mesmo dá-se, no caso do “[...] adepto que se dirige a um preto velho ou a um exu, por exemplo, [...] atualiza as ambigüidades, tensões, valores inscritos na própria constituição simbólica da divindade” (MONTERO, 1985, p. 188).

Não somente a espada-de-são-jorge possui, para Dionísio, um valor simbólico relativo à segurança, mas sua pimenteira, igualmente, evoca essa mesma funcionalidade. Nesse sentido, ele afirma: “Na realidade, a pimenteira, assim como as demais plantas, ela representa uma segurança”. A pimenteira, de acordo com Dionísio, possui a propriedade de reter “energias negativas”, que, porventura, adentre-se no ambiente de seu estabelecimento: “E os males que tiver, as cargas negativas, melhor dizendo, que tiverem adentrando o ambiente. A pimenteira, ela tende a segurar”.



Figura 35: Pimenteira

Fonte: O autor (2016)

Já a presença da palmeira, na frente da loja, é interpretada, por Dionísio, tanto como objeto propiciador de segurança, de forma similar às outras plantas, quanto objeto relacionado à metáfora dos bons tempos, da abundância e da tranquilidade. Nas palavras dele: “[...] a palmeira, você pode interpretá-la de várias formas. Ela te traz frutos, ela te traz sombra, ela te traz brisa, né?! Através do vento”.



Figura 36: Palmeira

Fonte: O autor (2016)

Na cosmologia afro-brasileira, existe uma significativa valorização da natureza e de seus elementos. Os próprios orixás, dentre outras entidades, estão relacionados aos elementos, como a água, as matas, a terra e o fogo. Pode-se perceber que, na percepção dessas religiões, as matas e sua variedade de plantas são sagradas. Podem ser usadas em variados tipos de ritos ou como medicamentos. O uso ritualístico e medicamentoso da água, por sua vez, está relacionado, simbolicamente, ao alcance da cura, da purificação etc. Da terra, extrai-se a subsistência. Nesse sentido, os elementos da natureza encerram, em si, forças e propriedades

capazes de realizar modificações substantivas, nos corpos e nos ambientes (LIGIÉRO; DANDARA, 1998).

Quanto à localização de tais plantas, dentro do estabelecimento comercial, é importante salientar que todas estavam dispostas do lado esquerdo do recinto. Percebendo isso, perguntei ao Dionísio se teria alguma questão relativa a tal posicionamento determinado. Ele, por sua vez, replicou positivamente. De fato, há uma razão para todas essas plantas estarem naquela posição:

Sim, sim. Toda segurança, você coloca do seu lado esquerdo. Isso é na umbanda. Isso, se você reparar, em outras religiões, também. Você vai ver que, tudo relativo à segurança, você vai encontrar do lado esquerdo, na sua entrada. Você não vai encontrar do lado direito. Exceto por algum desavisado, mas os que conhecem a simbologia de qualquer material, qualquer planta, você vai encontrar do lado esquerdo. Se você nunca observou, pode observar! Porque o lado esquerdo representa segurança.

Um copo d'água está posicionado ao lado da estátua de São Jorge, na porta da loja. Para Dionísio, a água possui um significado muito especial. Na condição de oferenda ao santo, a água, para ele, representa: “A origem da vida, é o que é”. Nesse sentido, a presença de oferendas de diversas qualidades, ao lado de santos e entidades, bem como a prática diária de orações, revelam, em alguns casos, alguma dimensão cultural. Velas, flores, luzes acesas em oratórios, ramos de trigo, copos com água, orações, dentre outras ofertas, puderam ser observadas, muitas vezes, como respostas de agradecimento a graças, ou intercessões santas bem sucedidas em suas vidas. No entanto, a expressão do culto parece ir mais longe, pois, em alguns casos, as próprias presenças das imagens, nas lojas, prefiguram, elas mesmas, ações de agradecimento dos comerciantes, pela proteção individual e do ambiente, pela melhora financeira, ou boa saúde, sorte nos negócios, realização de sonhos pessoais, livramento de assaltos, dentre outras questões de ordem pessoal ou material.

O Sr. Adilson também possui um vaso, presente de sua mãe, contendo espada-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode, sobre o balcão da sua loja. No entanto, como afirma ser muito católico, prefere não acreditar que tais plantas podem possuir determinados poderes. Tal como ele destacou: “[...] as pessoas comentam que, no comércio, tem que ter um vaso desses, não sei o quê, que tira olho grande, não sei o quê. Mas é errado, porque, se eu sou católico, eu não posso ter nenhum tipo de superstição”. No entanto, mesmo assim, trouxe a planta para a sua loja. Em nossas conversas, Adilson reconheceu que o brasileiro, no que tange ao comportamento religioso sincretizado e à difusão significativa dos saberes populares, é um

povo apegado a superstições e magias. Assim, ele afirma: “[...] o povo brasileiro, ele é um povo místico, né?! Ele é um pouco de cada coisa. Não adianta falar que não, porque é, né?!”.

Tendo em vista a fala do Adilson, é possível observar, quando se trata da disseminação das manipulações e usos de objetos mágicos e rituais diversos, um vigoroso trânsito desses símbolos e seus significados, para além de um consumo endógeno, ou seja, de um consumo inerente a adeptos de uma determinada religião. Isso tem se revelado, no interior das lojas de alguns colaboradores, com a presença de objetos religiosos ou de saberes populares próprios de outras tradições, como estátuas do Buda, ou a presença de *manekinekos*, em vitrines e balcões. Trata-se, no caso específico do Adilson, de observar que houve uma relação de absorção de conhecimentos mágicos, do campo das religiões afro-brasileiras. Nesse sentido:

Estes trânsitos de signos e significados também podem ser vistos nas relações entre catolicismo popular e Candomblé, inserindo-se também, nesse contexto, a Umbanda. [...] Também são vários os devotos que levam espadas de São Jorge para serem bentas, que é a planta sagrada do orixá Ogum, bastante encontrada nas entradas das casas e lojas comerciais como amuleto de proteção (SANTOS, 2006, p. 10).



Figura 37: Espada-de são-jorge e comigo-ninguém-pode
Fonte: O autor (2016)

O caso da presença das plantas “protetoras”, nos comércios, figura como mais uma faceta dos usos dos conhecimentos mágico-religiosos, entre os comerciantes. Visando saciar suas perspectivas espirituais e materiais, os mesmos, muitas vezes, depositam, nas portas de suas lojas, essas plantas. De acordo Fernandes (1984), esses conhecimentos, transmitidos à população, geram um aprendizado amplo, por parte daqueles que se relacionam ou se relacionaram com grupos rituais, líderes religiosos, magos, curandeiros, dentre outros. Os

significados mágicos dessas plantas, portanto, passam a compor o rol desses amplos saberes entre a população. Por isso, tais vegetais vêm a ser utilizados como propiciadores de toda sorte de proteção, purificação, abundância, cura, “filtragem” dos ambientes, dentre outras funções agregadas. Essas plantas, mesmo nas lojas de comerciantes que afirmam não acreditar tanto nas qualidades mágicas das mesmas, muitas vezes, fazem-se presentes, devido a essa disseminação e manutenção ativa de tais conhecimentos entre a sociedade brasileira.

2.9 A presença da Religiosidade Mínima Brasileira (RMB) nos comércios

Em muitas lojas espalhadas por meu campo, encontrei aquilo que se denomina, entre os acadêmicos, de Religiosidade Mínima Brasileira (RMB). A RMB remete a uma religiosidade difundida na sociedade, que é veiculada pela linguagem cotidiana:

Trata-se de uma religiosidade que se manifesta publicamente em contextos seculares, que é veiculada pelos meios de comunicação de massa, mas também pela linguagem cotidiana. [...] Não falta, porém, uma relação entre a RMB e as religiões existentes no “mercado brasileiro”. A RMB é, de fato, alimentada por elas, inclusive pelo catolicismo popular. Por outro lado, ela é substrato religioso dessas religiões. Mais do que breviário de *elementos* religiosos, ela garante uma *postura* religiosa mínima, que pode ser complementada pelas religiões concretas (DROOGERS, 1987, p. 65, grifo do autor).

Essa linguagem, geralmente contendo trechos bíblicos mais conhecidos entre a população, revela-se presente na forma de adesivos, plaquetas, *banners* ou, até mesmo, pinturas nas paredes das casas comerciais. Um desses adesivos, em determinada loja, assim dizia: “Deus deu a vida para que cada um cuide da sua”; outro, porém, sem esse teor humorístico do anterior, continha a exortação: “Tudo posso naquele que me fortalece”; outro, na mesma loja, dizendo: “Entregue seu caminho ao Senhor e tudo o mais ele fará”; ou, ainda, este: “Drogas matam, Jesus liberta!”, fixado na loja do José Geraldo:



Figura 38: Exemplo de RMB
Fonte: O autor (2015)

Pinturas em paredes, geralmente, são colocadas para ficarem bem visíveis a todos os transeuntes e eventuais clientes, como foi o caso de um comércio extremamente movimentado, na Rua Marechal Deodoro. Em uma tábua pintada de branco, pregada à parede, na entrada da loja, jazia o dizer: “Senhor, dai forças para meus inimigos para que eles possam me aplaudir de pé”. Parece ser possível inserir as pinturas e outras artes, feitas em *folders*, fachadas e letreiros dos comércios de evangélicos, como exemplos da externalização de Religiosidades Mínimas Brasileiras, uma vez que tais frases bíblicas são veiculadas, por eles, reforçando, desse modo, a visualização de uma linguagem religiosa cotidiana. No estabelecimento da Sra. Poliana, por exemplo, a expressão “Deus é fiel” constitui-se uma RMB.

Fotografias de papas, de igual modo, fazem parte do rol da Religiosidade Mínima Brasileira. É possível observá-las, em residências de pessoas religiosas. Um papa que ficou muito conhecido pela difusão e comercialização de sua imagem, em fotografias, chaveiros, calendários e outros materiais de divulgação, foi João Paulo II. Sua figura foi muito veiculada, justamente, por tal processo de difusão. Por exemplo, o Sr. Carlyle possui, em seu hortifrúti, uma fotografia do papa Francisco. Essa fotografia foi dada a ele, por um cliente que foi ver o papa, quando este esteve no Brasil, em visita.

De acordo com Droogers (1987), pode ocorrer que personalidades da religião ganhem importância, entre o corpo de fiéis, e tornem-se porta-vozes da RMB. Ou seja, autoridades eclesiais podem passar a fazer parte do repertório religioso, veiculado pelos fiéis, a ponto de tornarem-se figuras de ampla circulação. Isso aconteceu com o papa João Paulo II, e parece estar acontecendo, também, com o papa Francisco. O seu carisma parece estar conquistando

grande popularidade, pelo tom descontraído, por um comportamento de rompimento do distanciamento com a massa de crentes, pela postura de humildade e de justiça social. Nesse sentido, objetos em forma de santinhos e pôsteres, calendários, relógios de parede, adesivos em carros e caminhões, dentre outros meios de mídia, passam a compor o cotidiano das pessoas, a ponto de começar a ser perceptível tal circulação.



Figura 39: Papa Francisco
Fonte: O autor (2016)

Outra figura muito reconhecida e difundida, por meio desses objetos e materiais impressos, é o de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, ou qualquer outra Nossa Senhora (DROOGERS, 1987). Atualmente, além de serem observáveis em carros e motos, tais representações podem estar fixadas em balcões, vidraças de portas e vitrines, ou seja, em qualquer lugar que o proprietário de um estabelecimento puder colocá-las. O Sr. José Geraldo, por sua vez, mantém um adesivo, em um espelho de sua loja, contendo a imagem de um terço, circundando a imagem de uma Nossa Senhora:



Figura 40: Adesivo religioso
Fonte: O autor (2015)

Representações da bíblia costumam aparecer, por meio de várias mídias em circulação. Junto à imagem do livro sagrado, é possível encontrar, ainda, versículos ou fragmentos de versículos, conjugados, artisticamente, a essas imagens religiosas. No bastidor da loja do Sr. Helder, existem dois pôsteres representativos desse tipo de arte religiosa, contendo versículos fortemente veiculados por essa postura religiosa mínima. Um deles faz referência a Deus, com a imagem da pomba branca sobre a bíblia, e, abaixo, o famoso versículo “o Senhor é meu pastor, nada me faltará”.

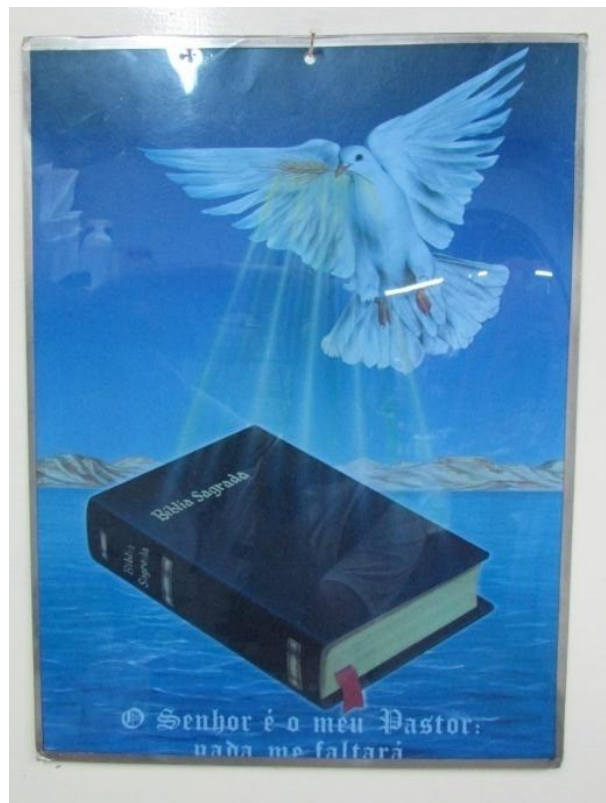


Figura 41: Pôster religioso
Fonte: O autor (2016)

De acordo com Droogers (1987), as referências a Deus, por meio da RMB, possuem um lugar especial, na sociedade. No entanto, isso é surpreendente, pois, para o autor, Deus é uma entidade muito distante para a maioria das religiões e religiosidades, no Brasil. Atentando para tal fenômeno, Bingemer (2013) explica que o impacto da modernidade afastou Deus para longe do horizonte das questões humanas, uma vez que a hegemonia da racionalidade e da emancipação do homem livraram os indivíduos da necessidade de um Ser Supremo ou Absoluto, capaz de imprimir regras de conduta e organização. Para acessá-lo, recorre-se mais aos intermediários, como os santos, espíritos, orixás, ou qualquer outra entidade constante do campo religioso. No entanto tais versos, contendo petições ou

exortações variadas, referem-se diretamente a Deus. Tal constatação leva o autor a questionar, portanto, sobre o conceito de Deus, no âmbito da RMB:

Mas, afinal, qual é o conceito de Deus que encontramos nos exemplos citados? Qual a teologia da RMB? Ele é quem ajuda, abençoa, ilumina, acompanha e protege. Este socorro tem um caráter específico, já que se destina a uma determinada pessoa ou ao povo brasileiro como um todo. Serve a interesses políticos, econômicos, esportivos, concretos, ou de simples sobrevivência. Por isso, Deus é objeto de petições e desejos. Por servir de socorro, Deus aumenta a auto-confiança e a segurança da pessoa que confia n'Ele (DROOGERS, 1987, p. 76).

Observa-se, ainda, na loja do Helder, outro pôster com referência direta a Deus. Neste, os motivos religiosos são os mesmos da arte do outro pôster mostrado acima, porém contendo, por sua vez, outro versículo bíblico: “Ó Senhor, Deus que me salva, a ti clamo dia e noite”:



Figura 42: Pôster religioso
Fonte: O autor (2016)

Esse aspecto corrente, acerca da posição de Deus na RMB, opera, para Droogers (1987), uma reação que o coloca em uma condição de mais imanência e menos transcendência. Nesse ponto, o movimento transforma-o em uma entidade acessível, cujo contato passa a ser mais direto, entre Ele e o fiel. Ou seja, a RMB acaba encarnando a função de aproximar Deus das questões humanas.

Cabe ressaltar, nesse momento, que a RMB revela uma espécie de religiosidade, que se mostra com uma face minimalista, mas, também, generalizante. Nesse sentido, Droogers (1987, p. 80) localiza sua difusão, tanto nos meios de comunicação de massa, quanto na expressão da linguagem contida no âmbito profano: “Ela não se manifesta por si só, mas está

sempre inserida num contexto profano. Ela não chama a atenção por rituais, instituições, prédios, escrituras sagradas ou clero de prestígio”. Sua materialização dá-se, portanto, por meio desses objetos comunicadores, explicitados acima, produzidos pela linguagem religiosa cotidiana.

Contemplou-se, neste capítulo, as nove práticas elencadas. Desde as devoções aos santos, entre os comerciantes católicos, passando pelas pertenças religiosas afro-brasileiras, evangélicas, até a presença das superstições e da RMB, no interior dos comércios. O sincretismo revelou-se pujante. O uso de plantas “protetoras”, tanto por comerciantes adeptos das religiões afro-brasileiras, quanto entre aqueles da seara católica, é significativo. Sua aparição é evidente entre os umbandistas, que, por sua vez, sobrepõem e paralelizam qualidades entre santos e orixás, entre santos e entidades da umbanda. Os comerciantes utilizam escapulários e praticam simpatias, “armam-se” com amuletos e patuás, cuja função mágico-protetora é evidenciada. Muitos comerciantes colaboradores dessa pesquisa também revelaram, nas entrevistas, terem percorrido, ao longo de suas trajetórias religiosas, muitas religiões. Nesse caso, o trânsito religioso é significativo, apesar de alguns nunca terem experienciado outras práticas religiosas. Outros passaram por várias religiões, bebendo dos ensinamentos de cada uma delas. Foi possível, nas conversas que tive com os comerciantes, perceber a natureza específica de suas relações com santos, orixás e saberes populares, dentre outros objetos mágicos e religiosos. Em alguns casos, pude perceber uma dimensão cultural, a partir da presença de velas, luzes acesas em oratórios, copos d’água etc.; em outros casos, laços devocionais fortes com um determinado santo. Percebi a presença devocional de vários santos, evocando-se predileções de uns sobre os outros. Igualmente, a influência da família fez-se presente, para a alocação de um determinado objeto. Mas, de fato, nenhum objeto encontrado nos estabelecimentos visitados deixou de evocar algum significado para o seu detentor. Ou seja, todos significavam algo para o comerciante, e estavam nesses estabelecimentos com alguma função: alguns, por revelarem uma relação pontuada por muitas graças e auxílios; outros, por significarem sorte ou boas energias. Os recursos antropológicos e as ferramentas inerentes às práticas do antropólogo foram capazes de traçar uma ponte entre

mim e os colaboradores. Ou seja, sem uma sistematização desse campo de pesquisa, eu não teria conseguido descrever e interpretar a riqueza dessas práticas.

No capítulo seguinte, esboçarei outras dimensões do objeto, como a realidade de transbordamento do sagrado, para outras esferas da vida cotidiana desses comerciantes; bem como aspectos das práticas religiosas, voltadas para usos e manipulações religiosas privatizadas; além da apresentação das regularidades encontradas nessas ações religiosas.

CAPÍTULO III

OUTRAS DIMENSÕES DOS FAZERES RELIGIOSOS DOS COMERCIANTES

Neste capítulo, tratarei de algumas questões que emergiram, durante o processo de execução da pesquisa. Trata-se de outros elementos recorrentes na descrição e na análise do material, e que transcenderam a minha questão inicial, abrindo o leque de questões, reflexões e constatações. Dessa maneira, neste capítulo, resgatarei e desenvolverei tais assuntos. Para tanto, discutirei o fenômeno de transterritorialização do sagrado, uma vez que parece haver um transbordamento deste para lugares comumente vistos como profanos. Adicionalmente, debatarei sobre aspectos da ação religiosa voltada para os usos e manipulações privatizadas. Ademais, tratarei das questões relativas às regularidades, que puderam ser identificadas, durante meu processo de observação.

3.1 O sagrado no contexto dos ambientes comerciais

Pode-se observar, com frequência, a presença das manifestações religiosas, não só em âmbito privado, como no interior das residências, mas, também, em locais especializados para tal, como dentro das igrejas, capelas, santuários, dentre outros lugares. Por outro lado, observou-se que as vivências de caráter religioso transbordam, significativamente, para outros âmbitos da vida e dos espaços onde convivem as pessoas, de modo que não se podem compreender fronteiras muito rígidas, no tocante ao que é, por determinação, espaço sagrado e espaço profano. Ou seja, quando se trata de estudar práticas religiosas, pode-se notar que estas se revelam em espaços comumente entendidos como profanos e/ou vistos como racionalizados. Nesse sentido, os proprietários desses estabelecimentos tocam seus negócios, muitas vezes, sob os pés de santos, entidades, dentre outras divindades. Assim, José Carlos Pereira (2005) destaca que:

Surgem novos espaços para as manifestações e vivências da religião: as ruas, capelas de beira de estradas, parques, estádios. [...] São todos espaços, ou territórios, como convencionamos denominá-los, *lócus* das devoções [...] Espaços livres de cerceamentos, como são livres essas práticas religiosas. As instituições não interferem e os fiéis podem expor a criatividade da imaginação religiosa (PEREIRA, 2005, p. 10-11).

Como foi visto, no que tange às relações dos comerciantes com seus mediadores e divindades, foi possível observar, no interior das casas comerciais, uma multiplicidade de objetos religiosos, inerentes a várias tradições religiosas e saberes populares: desde a presença de santos católicos, entidades e orixás, até objetos intrínsecos às práticas religiosas pentecostais e do movimento Nova Era. Em adição, divindades religiosas e personagens do saber popular estrangeiros, como a presença de estátuas do Buda e de *Guan Gong*, nas lojas de chineses imigrantes, até o emprego e portabilidade de objetos mágicos, com alto teor de mistura de saberes populares, como escapulários, trevos-de-quatro-folhas, plantas, orações, santinhos e amuletos. Tudo isso ocorrendo fora de um controle institucional efetivo.

Assim, a presença de São Jorge, na farmácia do Sr. Dionísio, além de plantas “protetoras”, observadas entre as mercadorias, nas prateleiras; a presença de Nossa Senhora Aparecida, sobre a parede de madeira, que separa a recepção dos fundos da loja de carimbos do Sr. José Geraldo; o gongá assentado nos fundos da loja do Sr. Edmar; os múltiplos objetos mágicos e religiosos espalhados pelo estabelecimento da Sra. Isabel; os escapulários portados pelo Sr. Adilson e pelo Sr. José Geraldo; o santinho de Nossa Senhora Aparecida, que o Sr. Carlyle carrega, há muitos anos, na carteira; as estátuas do Buda, na loja de “Muita Fé No Que Faz”; além das outras várias presenças de objetos religiosos e de saberes populares, nos comércios das ruas e galerias que observei, remetem a uma situação em que o sagrado se imbrica no profano, cotidianamente.

Tendo em vista os locais em que se encontram tal pluralidade, bem como a diversidade de usos e manipulações religiosas e mágicas entre os comerciantes, é possível perceber que a concepção conceitual, que se assenta em uma separação drástica entre as porções do sagrado e do profano, fica comprometida. Evidenciou-se, nesse caso, que dimensões dos sagrados são vistas fora de seus lugares comuns, tradicionais. Porções do sagrado irrompem em lugares e situações não convencionais, e, portanto, desencaixam-se da lógica de fronteiras estritas ou intransponíveis.

Como revela Pereira (2005), fora dos centros de convergência tradicional difundem-se tais objetos, dentro de carros, em florestas, praças, dentro de lavouras, em cemitérios, margens de rodovias, dentre outros locais. As percepções dos lugares, onde se pode encontrar o sagrado, passam a ser, então, fluídas e constituídas por maneiras diversas daquelas das quais se compreende por lugares tradicionais da sua presença e manutenção. Muitos adeptos de várias religiões, religiosidades, seitas, grupos, dentre outros, não restringem suas práticas rituais aos espaços considerados tradicionais da ação religiosa. Nesse sentido, Leonardo de

Oliveira Carneiro (2009) expõe sobre como se dá, por exemplo, a relação dos adeptos das religiões afro-brasileiras com o sagrado:

Qual de nós já não viu um carro em uma rua ou estrada com “fios de conta”, fitas do Bomfim, figas, etc. pendurados no retrovisor? [...] Os religiosos afro-brasileiros percebem os domínios de Ogum na tecnologia, nas estradas, nos automóveis e nas guerras. Como seres que aprendem a manipulação do sagrado, eles sacralizam objetos, dentre os quais, os automóveis; há rituais precisos para consagração destes, muito comuns de se fazer, especialmente quando se adquire um novo veículo. Assim, um automóvel circulando por uma rodovia – uma representação dos fluxos da globalização – pode ser analisado pela fenomenologia do sagrado afro-brasileiro como um corpo-lugar sagrado de um religioso, dirigindo um móvel sacramentado, passando em um lugar sagrado onde mora Ogum. Quais serão os limites para se compreender as distinções entre sagrado e profano? (CARNEIRO, 2009, p. 79).

Contudo, alguns autores, ainda, posicionam-se a partir de abordagens que seccionam por demais as relações entre o sagrado e do profano. Mircea Eliade (2010), por exemplo, divide conceitualmente o espaço: o sagrado assenta e demarca um ponto fixo, uma espécie de centro, cuja feição passa a ser capaz de marcar um contraponto ao que é espaço desprovido de marcas sagradas diferenciadoras, possibilitando a orientação nessa homogeneidade caótica. Desse modo, as experiências dos espaços são, para ele, vividas de maneira diferente. Nesse sentido, para a experiência profana, o espaço é desprovido de “centros”, não informando manifestação que rompa com a lógica da homogeneidade. Não existe nenhuma demarcação qualitativa que seja capaz de distinguir sagrado de não sagrado. Embora estabeleça alguma dinâmica entre um e outro, as fronteiras são, nesse caso, mais nitidamente demarcadas:

A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução e continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 2010, p. 29).

De acordo com Rosendahl (2014), existem festas do catolicismo popular, por exemplo, que transmitem uma colocação relacional com o sagrado, de forma móvel. Há, nesse caso, uma espécie de deslocamento do sagrado, durante o momento em que se desenrola a festa, quando o santo é trasladado à casa do festeiro, e, lá, permanece até o término da mesma. Isso se dá pelo fato de o espaço sagrado não se apresentar fixo:

A mobilidade do espaço sagrado no catolicismo brasileiro pode ser exemplificada nas festas de São Benedito no tempo sagrado do lugar, na cidade de Jaraguá, estado de Goiás. A festa possui característica singular. As tradições populares, da cultura do lugar, imprimem no tempo-espaço o *circuito do sagrado* (ROSENDAHL, 2013).

O deslocamento da imagem do santo, símbolo do poder, à residência do festeiro durante o tempo da festa e o seu retorno à paróquia no final da festa ocorre numa comunicação individual entre o santo e o festeiro (ROSENDAHL, 2014, p. 16, grifo da autora).

No entanto, faz-se necessário ultrapassar algumas concepções, ainda por demais estanques, no que diz respeito à questão da localização do sagrado e do profano. No caso desta pesquisa, a questão assertiva, para o sucesso de uma visão mais fluída dessa relação de “opostos”, está em considerar que o sagrado, além de se materializar e circular nos lugares mais variados, presentifica-se em uma diversidade de ambientes, inclusive nos ambientes comerciais vistos como racionalizados e/ou profanos.

Mendonça (2010, p. 488-489) afirma que o fiel, inserido em certas formas de religiosidade popular urbana, perdura dentro de uma condição de sacralidade. O tempo deste é permanentemente sagrado e seu cotidiano é “colorido pelo sagrado em toda a sua extensão”. A opção religiosa opera mudanças na percepção do crente, que, por sua vez, coloca-o em uma posição, muitas vezes, de escolha entre o sagrado e o profano. Como existem essas religiosidades que suspendem as distinções, observa-se a sacralização do cotidiano. De acordo com o autor, esse é o caso de certas formas populares de protestantismo e de catolicismo, dentre outras religiosidades, cuja proposição sugere uma superposição do sagrado ao profano. De acordo com ele, isso resolveria o problema lançado por Durkheim, acerca da não coexistência entre a vida religiosa e a vida profana, simultaneamente.

Certas formas de religiosidade popular urbana representam um tempo sagrado permanente, isto é, o cotidiano é colorido pelo sagrado ou ainda, se se quiser, o discurso profano do cotidiano é traduzido para uma linguagem sagrada. O uso dessa linguagem transforma o tempo profano em tempo sagrado, possibilitando a solução daquela opção radical a que se refere Durkheim “... a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir nas mesmas unidades de tempo” [...] (MENDONÇA, 2010, p. 488).

Esse tempo sagrado permanente pôde ser evidenciado quando o Sr. Edmar Machado, nas nossas conversas, afirmou que o evangélico deve estar em estado de oração a todo o momento. Ou seja, sua condição é, nessa situação, conectada ao divino de forma perene. Tal comportamento significa que, em todo e qualquer lugar em que ele estiver, existirá um estado permanente de busca e relação com o sagrado, inclusive dentro de seu estabelecimento comercial. Há o caso da Sra. Isabel, que lida com várias formas de materialização do sagrado, no seu dia a dia comercial; ou, mesmo, o caso da Dona Mounira, que destacou que todos aqueles santos estão presentes, no seu recinto comercial, para a proteção de maneira irrestrita,

considerando, dessa forma, a integralidade do lugar comercial e das pessoas que nele trabalham.

No tocante aos debates acadêmicos produzidos quanto à relação entre sagrado e profano, novas abordagens têm sido veementes, na tentativa de encampar um esforço para considerar as fronteiras entre o sagrado e o profano, de maneira menos estanque (CARNEIRO, 2009). Ou seja, tais fronteiras não são tão distintas assim, existindo a possibilidade de se perceber um imbricamento entre o que é espaço para a presença do sagrado e o que é espaço para a presença do profano. Assim, pode-se observar adesivos, e outras formas de registro, como motivos religiosos em veículos, a portabilidade de chaveiros com tais temas, representações religiosas encontradas em vitrines, trevos, pórticos, praças, cadernos escolares, para-choques de caminhões, estampas de blusas e, também, no interior de estabelecimentos comerciais. Devoções de todos os tipos, tradições e saberes populares, símbolos de religiões e religiosidades constitutivos da pluralidade, inerente ao campo religioso brasileiro, pululam no espaço urbano. No que tange às devoções populares, José Carlos Pereira (2005) argumenta que:

O universo das devoções populares no mundo urbano [...] aponta para uma gama de manifestações muitas vezes imperceptíveis, e por isso quase impossível de catalogá-las, dado suas mais diversas características e formas de expressões. [...] permeiam os mais distintos espaços da vida urbana, desde recantos silenciosos das igrejas tradicionais [...] até as ruas mais movimentadas, praças, parques, e centros comerciais. [...] Rompe-se com “territórios sagrados”, o que aqui chamamos de “desterritorialização do sagrado”. Elimina-se a necessidade de um local específico ou estático para a manifestação religiosa, podendo ser praticada nesta ou naquela igreja, nos locais públicos, domésticos, ou mesmo virtualmente, através da *internet* [...] (PEREIRA, 2005, p. 30-31).

Nesse sentido, questões têm surgido acerca de um possível fenômeno de (des)territorialização, como pressuposto evidenciador da expansão do sagrado para outros lugares, que não somente as tradicionais áreas, regiões e edificações. E tal enquadramento desse processo de disseminação do sagrado gerou uma situação em que se torna necessário saber se:

“[...] a transposição em “novos espaços” dos referenciais ou símbolos sagrados, ou elementos de representação hierofânicas, ou ainda, a reconfiguração do *ethos* religioso, configura uma (des)territorialização do sagrado ou amplia a sua territorialização? [...] (PEREIRA, 2005, p. 33).

Leonardo Carneiro (2009, p. 56) corrobora o fato de que não parece existir esse “caráter divergente do espaço sagrado e do espaço profano”. No tocante às características

religiosas encontradas entre os colaboradores desta pesquisa, tal caráter não se enquadra quando a observação modifica-se de uma abordagem distanciada do objeto para uma abordagem aproximada. Além do grande número de comerciantes que transfere e mantém tais objetos, em suas lojas, existem, ainda, aqueles que acrescem ou subtraem-nos; mudam de lugar; recebem doações de parentes, de pessoas públicas e até de desconhecidos; portam em seus corpos e circulam com amuletos, crucifixos, tatuagens, colares, pulseiras, guias, patuás e santinhos; praticam orações de purificação do ambiente; ou seja, porções de sagrados que se transterritorializam nos corpos e para os lugares. Para contemplar casos dessa natureza, o autor trabalha aplicando a compreensão de transterritorialização de conteúdos sagrados. Essa concepção conceitual afirmou-se no instante em que eu percebi que a profunda permanência do sagrado e os fluxos de sua mobilidade são constantes.



Figura 43: Tatuagem religiosa no corpo do comerciante
Fonte: O autor (2016)

No que tange ao seu foco de pesquisa, Carneiro (2009) afirma que a criação de territórios religiosos, a partir de terreiros de umbanda, candomblé, dentre outros, promoveu processos de convergência de grupos diversos a tais centros, e, posteriormente, tal movimento de convergência passou a gerar expansão de condicionamentos comportamentais religiosos, ocasionando reações centrípetas. Tal processo veio a dimensionar transterritorializações de conteúdos simbólicos, religiosos ou sagrados, para outros espaços e territórios de vivência.

Neste estudo, acrescento que tais movimentos de caráter centrípeto, que geraram expansão de manifestações religiosas para outros lugares de vivência das pessoas, estão para além das demarcações simbólicas das religiões afro-brasileiras, ocorrendo entre outras práticas religiosas. Além das ações religiosas daqueles adeptos das religiões afro-brasileiras,

foi possível perceber tais movimentos entre evangélicos, católicos e adeptos de práticas esotéricas. Os indivíduos, no interior de seus comércios, estabelecem toda uma gama de relações religiosas e mágicas, com uma diversidade de elementos simbólicos. Por sua vez, essas relações podem ser traduzidas como ritos que se estabelecem fora dos lugares vistos como convencionais de ação religiosa. A fixação de um santo, de uma entidade afro-brasileira, de um *kauri*, a prática de uma oração, a presença de uma oferenda, planta ou patuá, fazem parte dessa ritualização presente nesses ambientes. A questão, nesse caso, está em ver a manifestação do sagrado em lugares, *a priori*, profanos, como eventos complementares (CARNEIRO, 2009).

Van Gennep (2011) afirma que o que separa ou une o sagrado ao profano é o próprio rito, e não a estrutura estabelecida. Ou seja, a relação religiosa com a divindade ou com o santo, pautada no rito, traduz o específico da manifestação do sagrado para lugares que, na verdade, não corresponde ao *locus* convencionalmente delimitado. Sendo assim, o rito, nas palavras de Carneiro (2009, p. 57): “é a própria economia simbólica; é ele que produz o sagrado”. Nesse sentido, a proposta, neste trabalho, posicionou-se, igualmente, na tentativa de:

[...] desmanchar [...] a rígida distinção entre espaço sagrado e espaço profano e a compreensão de uma *démarche* entre essas perspectivas espaciais que não se excluem, mas se integram; que não se separam, mas que se complementam. [...] A nossa proposta é o entendimento de uma classificação mais dinâmica e relacional sobre o sagrado e o profano. [...] Distinguimos uma possível essência dos lugares – ou do espaço – da essência da vivência, do momento, que depende dos olhos de quem os vê (CARNEIRO, 2009, p. 57-58).

Dessa maneira, o fato de esses comerciantes terem executado o traslado e fixado os objetos religiosos e de saberes populares, em suas lojas, já indica, tomando como base o rito como produtor do sagrado, uma ação religiosa. Ou seja, trasladar e fixar as imagens religiosas, dentro de seus ambientes de trabalho, já revela a prefiguração de uma ação que não está descolada da prática religiosa, em si. Os processos de transterritorialização permitem, por sua vez, a circulação disseminada de objetos religiosos e de saberes populares entre os muitos espaços, que compõem a realidade plural das áreas urbanas, e, desse modo, pode-se observar as materializações ritualísticas, produtoras do sagrado.

O Sr. Helder afirmou, com convicção religiosa, que as suas imagens passaram a constar, no seu recinto comercial, desde o primeiro dia de funcionamento. “Muita Fé No Que Faz” dirige-se, em oração, a Santo Antônio, pedindo proteção e iluminação dos seus caminhos, demonstrando, em seus depoimentos, a força de sua fé. O Sr. Adilson relatou que a

presença dos santos, em seu estabelecimento, faz enorme diferença para o andamento de seus negócios. As orações, desejando que o dia transcorra bem, marcam uma conduta ritualizada na relação entre o comerciante, seu ambiente de trabalho e os mediadores de sua devoção. Nesse sentido, da mesma maneira que os fiéis, no Brasil colonial, encerravam suas imagens santas em oratórios, com o fim especial de render-lhes devoção, dentro de seus lares (RUSSO, 2010), os comerciantes praticam atividade similar. Entre estes, encerrar imagens de divindades diversas, em seus locais de trabalho, demonstra que há, em suas ações, uma dimensão que não pode ser vista como um ato não religioso, e que aponta para uma não cisão entre o lugar do sagrado e o lugar do profano.

O Sr. Helder, por exemplo, relaciona-se com entidades que estão diretamente ligadas às falanges de Ogum. Dessa maneira, no seu estabelecimento, pode-se encontrar uma estátua de São Jorge. O Sr. José Geraldo possui uma profunda relação devocional com Nossa Senhora Aparecida, e, igualmente, no seu ambiente de trabalho, estão presentes estátuas da santa que, segundo ele, fazem com se sinta amparado e protegido. Carlyle, por sua vez, percebe-se um bem-aventurado, por nunca ter passado por qualquer problema, que não pudesse ser resolvido por intermédio dos inúmeros santos dos quais ele gosta e é devoto. Inclusive, segundo o mesmo, sua loja está protegida de assaltos. Já Isabel revela que os elementos religiosos e mágicos que manipula conferem-lhe inspiração no seu ofício e, de igual forma, canalizam boas energias para trazer-lhe clientes. “Muita Fé No Que Faz” afirmou que os *manekinekos* e as estátuas dos Budas propiciam sorte para o seu comércio, e que Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida têm auxiliado a alcançar seus sonhos, além de mais prosperidade econômica. Ou seja, essas representações religiosas fazem a diferença, de alguma forma, para esses comerciantes. Tais ações correspondem a atos religiosos fora dos lugares convencionalmente vistos como sagrados.



Figura 44: Objetos religiosos ao lado de objetos de carnaval, *Casas Chic*
 Fonte: O autor (2015)

As evidências encontradas em campo levaram-me, portanto, a um esforço de desmonte dessa concepção de lugares cingidos. Tendo em vista tal realidade, não seria possível encampar visões extremamente repartidas entre o sagrado e o profano. Até porque, o olhar qualitativo lançado sobre essas ações sociais específicas, acaba por denunciar a própria limitação do olhar distanciado. Os liames dessas ações religiosas revelam, nesse caso, expressões do lugar do sagrado e do lugar do profano, que se interpenetram, profundamente. Nesse sentido, a realidade encontrada converge muito com o que afirma Leila Amaral (2003), quando toca na expressão das realidades religiosas contemporâneas:

Com isto, estou querendo chamar a atenção para um aspecto central relativo aos estudos de religião na sociedade contemporânea. É na moderna cultura popular de consumo que os diferentes discursos se cruzam e as diversas áreas da vida se misturam, nas experiências cotidianas de homens comuns, ocorrendo não apenas a interpenetração dos diferentes campos religiosos entre si. É nela, também, que as coisas religiosas e não religiosas se misturam muito; quando a religião se apresenta em todos os lugares. É nela que uma mistura sem licença se dá, podendo-se presenciar o que Roger Caillois descreveu como “o pronto derramar-se do sagrado para o exterior, a escapar-se como um líquido, a descarregar-se como eletricidade” (AMARAL, 2003, p. 9, grifo da autora).

3.2 Práticas religiosas privatizadas

O Sr. José Geraldo, em nossas conversas, falou sobre como conseguiu várias graças em sua vida. Nossa Senhora Aparecida foi chamada em suas preces, para resolver seu problema de aposentadoria e para mudar de ponto comercial. “Muita Fé No Que Faz”, por sua

vez, passou a aprofundar sua devoção a Santo Antônio, na medida em que ia conseguindo realizar suas conquistas. Dona Mounira livrou-se de um acidente de carro, graças à intercessão de São Jorge. O Sr. Carlyle afirmou que, tudo o que quer, ele consegue, graças às suas devoções. O Sr. Adilson demanda diariamente à Nossa Senhora da Guia o aumento de sua freguesia. Ou seja, a dimensão de uma relação pessoalizada com os santos materializou-se, nesses casos. Percebe-se que a relação é intimista: desenrola-se entre o devoto e o santo. Por mais que as demandas por proteção do comerciante espraíem-se para aquilo que está ao seu redor – a sua casa comercial – o sentido protetivo continua atrelado a necessidades pessoais, como saúde, dinheiro, segurança, dentre outras demandas. De acordo com Oliveira (1985), a expressão cültica dedicada aos santos realiza-se, em diversas instâncias: desde uma dimensão de devoção individual, até as grandes manifestações coletivas. Contudo, entre os comerciantes, no interior de seus comércios, é essa dimensão individual que sobressai.

Apesar de essas relações intimistas serem mais visíveis entre aqueles que confessam da fé cristã, a utilização de mediadores, para ultrapassar problemas de ordem pessoal e cotidiana, espraia-se, também, por outras práticas religiosas. Assim sendo, os adeptos das religiões afro-brasileiras relacionam-se com seus orixás e entidades, para a materialização de suas demandas, como no caso do Sr. Edmar, que afirmou que as entidades ajudam-no, no seu dia a dia. De igual maneira, os adeptos das práticas esotéricas utilizam de representações mágicas, para sanar seus problemas de ordens diversas. Apenas alguns estratos do segmento evangélico estão, por questões doutrinárias, isentos de algumas vivências religiosas desse tipo, embora exista uma relação de proximidade religiosa com Deus. Nesse sentido, o tratamento das práticas religiosas privadas refere-se não somente ao mundo das práticas religiosas cristãs, buscando descortinar um quadro ampliado, no que tange às várias pertencas religiosas e seus usos. Contudo, passo a uma pequena contextualização histórica dos processos, que encetaram a formação das práticas religiosas privatizadas.

No período colonial, foi muito comum a presença de oratórios e santos, no interior das residências dos devotos. Isso se dava pelo fato de a malha estrutural da igreja católica, enquanto instituição, ser, à época, incipiente. Ou seja, não existiam igrejas ou capelas distribuídas pelo território da colônia, com abundância. Por isso, muitos crentes, providenciavam a instalação desses oratórios em suas residências, sendo possível, até mesmo, a ocorrência de missas, quando havia capelães ou padres disponíveis para tal (RUSSO, 2010). Tem-se, nesse momento, a instituição de um tipo de catolicismo, que se constrói às margens da institucionalidade da igreja, pautado, muitas vezes, pela ação leiga da organização cultural da devoção aos santos.

De acordo com Pedro Ribeiro de Oliveira (1985), é com a presença dos oratórios familiares que se forma uma instância individualizada de culto, dentro do catolicismo de face popular. Dissemina-se uma religião de caráter doméstico, que se fez materializada, tanto nos interiores das residências senhoriais, quanto no âmbito das choupanas e casebres dos mais despossuídos. Nesse sentido, o autor afirma que: “Em todos os seus níveis, do culto privado e doméstico até as festas coletivas e romarias, o catolicismo popular tem por núcleo e objeto o culto dos santos” (OLIVEIRA, 1985, p. 119). O ambiente doméstico passou, então, a compor um espaço capaz de encerrar a presença de imagens de santos, oriundos do panteão católico, promovendo, assim, desde aquela época, práticas cotidianas de devoção, que passavam ao largo das estruturas de centralização institucional:

Do aspecto privatizado da vivência religiosa católica, o importante objetivo do sacrifício eucarístico recebe como um toque peculiar, suscitado do grande peso da devoção às invocações da Virgem Maria, aos santos e anjos da corte celeste, entidades essas convenientemente dispostas nos oratórios elevados a altares das moradas coloniais. [...] Além de se destacar como expressão da devoção aos santos, os rituais do culto católico, penetrando no cotidiano doméstico, colaboraram para que o sagrado extrapolasse seus limites institucionais e recebesse atenção sobremaneira expressa dos influxos da experiência diária da fé, distinguindo-se como meio de alcançar as graças de Deus (RUSSO, 2010, p. 213-214).

Serviam-se desses santos, para as práticas religiosas, não somente os representantes da casta dominante, mas, de igual maneira, os próprios indígenas e negros escravizados, e o conjunto extenso de agregados da organização social patriarcal da época. Desse modo, deu-se um processo de integração dos indivíduos subalternizados à ordem religiosa existente. As práticas devocionais, a partir da participação cultural expandida, passaram a extrapolar os limites da família consanguínea. As práticas culturais dos escravos e indígenas aos santos católicos acabaram misturando-se às suas práticas religiosas, gerando um imaginário popular dotado de elementos religiosos dos indígenas, africanos e europeus (OLIVEIRA, 1985). A partir desse quadro, consolidaram-se representações imagéticas sincretizadas, como as visualizadas hoje, entre as religiões afro-brasileiras, por exemplo.

Com a finalidade de combater concorrentes religiosos, afirmaram-se as considerações do Concílio de Trento, fazendo emergir um processo de encorajamento das práticas devocionais, da difusão dos santos, das histórias de suas vidas e de suas relíquias, como objetos passíveis de culto, promovendo um aprofundamento das práticas oriundas do catolicismo popular, no Brasil. De acordo com Russo (2010, p. 223), que cita trechos da resolução feita pelo Concílio de Trento, intitulada *O Sacrosanto e Ecumênico Concílio de*

Trento em Latim e Portuguez, ficou especificada, nessa obra, como salutar a relação devocional do fiel com os santos:

[...] Quanto ás imagens de Christo, da Mãe de Deos, e de outros Santos, se devem ter e conservar, e se lhes deve tributar a devida honra, e veneração: não porque se creia, que há nellas alguma divindade, ou virtude, pela qual se hajão de venerar, ou que se lhe deva pedir alguma coisa, ou se dava pôr a confiança nas Imagens, como antigamente os gentios punhão a sua confiança nos Ídolos; mas porque a honra, que se lhes dá, se refere aos originaes, que ellas e se alguma vez acontecer exprimir, e figurar em presença do povo indouto as histórias, e narrações da Sagrada Escritura, quando assim convier; seja instruído o povo, que nem por isso se figure a Divindade com se podesse ver com os olhos, ou exprimir-se com figuras, ou cores algumas. Toda superstição representão: em fôrma que mediante as Imagens que beijamos, e em cuja presença descobrimos a cabeça, e nos prostramos, adoremos a Christo, e veneremos os Santos, cuja semelhança representão: o que está decretado pelos Decretos dos Concílios, principalmente do Niceno segundo contra os impugnadores das Imagens [...]

A partir da proclamação da República, com a separação entre a igreja e o estado, deu-se início a um processo de reforma da igreja católica: a romanização. Disseminaram-se, a partir de então, seminários para a formação de um clero mais efetivo e abrangente. Tendeu-se a um esforço de enfraquecimento das ações religiosas leigas, geralmente organizadas em irmandades. Esse processo caracterizou-se por um exercício institucionalizante, em direção a um maior controle da ação religiosa leiga. Houve uma tendência a uma qualificação negativa do tipo de catolicismo tradicional, exercido pelas massas distantes do disciplinamento religioso institucionalizado:

O catolicismo foi implantado no Brasil desde a chegada dos colonizadores portugueses, sendo a religião oficial do Estado. Ele conserva esse estatuto até a proclamação da República, quando se separam Igreja e Estado. [...] Este processo de reestruturação do aparelho religioso católico tem um duplo aspecto. Por um lado, os bispos brasileiros reforçam seus laços com a Santa Sé e fazem vir da Europa numerosas congregações religiosas, masculinas e femininas, para assumirem escolas, paróquias, hospitais e missões; por outro lado eles pautam sua atividade pastoral pela adaptação do catolicismo brasileiro ao modelo romano, travando acirrado combate contra o catolicismo popular tradicional. As dioceses e paróquias se multiplicam; seminários são criados ou reformados, para formarem um clero diocesano numeroso e disciplinado; os leigos são organizados em novas associações religiosas de âmbito paroquial; a catequese é intensificada; as religiões concorrentes são combatidas (OLIVEIRA, 1985, p. 11-12).

Mesmo com os esforços da institucionalização religiosa, foi muito grande o processo de disseminação desse âmbito de devoção aos santos. Atualmente, Oliveira (1997) fala de um tipo corrente de catolicismo, pautado em uma religiosidade privatizada de massas, que propicia uma ampla possibilidade de arranjos de práticas e usos entre os adeptos, uma vez que o processo de romanização promoveu mudanças no comportamento devocional. De acordo

com o autor, a estratégia da igreja tratou de substituir as devoções tradicionais, as festas comunitárias, os banquetes, dentre outras ações religiosas populares, por outros santos, cuja devoção passou, a partir de então, a adquirir uma tonalidade mais austera e moralizada. Assim, os santos devidamente canonizados pela igreja assumiram o lugar dos antigos santos da devoção popular.

No entanto, tais modificações estruturais não chegaram a desmontar o vigente e capilarizado catolicismo popular (LOPES, 2010). Por volta da década de 1940, como explicitou Thales de Azevedo (2002), era, ainda, perceptível a significativa ausência da igreja e de seus funcionários especializados. Tal fato, desde a situação colonial, manteve uma massa significativa de pessoas afastadas, por longos períodos de tempo, das diretrizes oficiais. Em muitos casos, raros eram os contatos com os padres, com as missas e os sacramentos da igreja. Ainda era visível uma ação devocional popular extremamente voltada para o ambiente doméstico; pouco conectada com o calendário oficial da igreja; pautada, principalmente, no culto aos santos ou aos padroeiros das cidades. Assim, o autor afirma:

De um modo geral e sem descer a detalhes e exceções, a vida religiosa dos católicos brasileiros reduz-se ao culto dos santos, padroeiros das cidades ou freguesias, ou protetores das suas lavouras, de suas profissões ou de suas pessoas, – um culto em grande parte doméstico e que não se conforma muito estritamente com o calendário oficial da Igreja e nem com as prescrições litúrgicas [...] (AZEVEDO, 2002, p. 36).

Com a emergência de uma atuação mais incisiva da institucionalidade eclesial com o combate ao catolicismo popular, e com a reestruturação do aparelho religioso católico, os devotos passaram a processar ressignificações e reinterpretações dos elementos do catolicismo romanizado, resultando, de acordo com Oliveira (1997), em um tipo de catolicismo privatizado, que combina devoção aos santos e práticas sacramentais, tais como comunhão, batismo, casamento, participação de leigos em pastorais, dentre outras práticas. Nesse caso, o próprio catolicismo romano é reapropriado, dentro de uma lógica pautada por uma relação individual de devoção e proteção:

Diferentemente do catolicismo popular tradicional, que constrói uma visão de mundo e ética de relações capaz de unir o céu à terra, o raio de alcance do catolicismo privatizado não ultrapassa o âmbito das biografias individuais. Suas crenças e práticas têm por função justificar os êxitos e fracassos da vida cotidiana, consolar os sofrimentos e legitimar as alegrias, dando a cada pessoa o sentimento de proteção nesse mundo e a segurança de um lugar no céu para a vida após a morte. [...] Os santos e santas têm sua função protetora limitada à dimensão individual [...] prova disso é que na relação do devoto com os santos o que conta é a confiança no santo e a estrita observância ritual (OLIVEIRA, 1997).

A devoção aos santos, entre os colaboradores desta pesquisa, reveste-se desse caráter privatizado: sua preocupação está em garantir proteção para o seu dia a dia; as súplicas, orações e preces, pela intercessão santa, estão ligadas à resolução de problemas pessoais e cotidianos, dentro de uma relação de estrita confiança na eficácia intercessora do santo. Por outro lado, como fruto dos processos de romanização, não se observa mais aquelas massas de fiéis isoladas, pelas grandes distâncias e por longos períodos de tempo, da ação paroquial. Embora exista tal enfraquecimento da religião institucionalizada, com a abertura de espaço para uma maior liberdade de ação religiosa, pode perceber que há, no caso de alguns comerciantes, uma relação próxima com a institucionalidade religiosa. A participação ativa no cotidiano litúrgico e cerimonial da igreja é combinada com suas práticas devocionais privadas. O Sr. José Geraldo, por exemplo, participa ativamente da igreja de seu bairro, na Pastoral da Saúde; Dona Aparecida, também, afirmou ser frequente na igreja do seu bairro; Dona Mounira, por sua vez, é membro do conselho administrativo da Igreja Melquita. Os outros católicos afirmaram ir relativamente pouco às missas, contudo, revelaram certo desconcerto por não frequentarem regularmente.

Dessa maneira, esse tipo de catolicismo privado fez-se presente entre os colaboradores desta pesquisa, em um sentido amplo. “Muita Fé No Que Faz”, que, por exemplo, trouxe objetos religiosos para a sua loja, alimentando muita fé na intercessão divina dos santos com os quais se relaciona, assegurou melhora financeira em sua vida; da mesma forma ocorreu com Dona Mounira, que afirmou ter escapado da morte três vezes, graças à intercessão de São Jorge e Nossa Senhora Aparecida; o Sr. Carlyle alegou gostar de todos os santos e sente-se integralmente protegido; o Sr. José Geraldo recorreu à intercessão de Santo Expedito, para livrar-se de alguém que o seguia pela rua; o Sr. Adilson apelou a Nossa Senhora da Guia, para aumentar sua freguesia, e a São Jorge, para a melhora da saúde de seu irmão. Nesse caso, coloca-se o sagrado, tal como afirma Oliveira (1997), “a serviço de necessidades imediatas”. Essas necessidades imediatas ensejam, por sua vez, uma relação deveras aproximada entre indivíduo religioso e seu mediador:

Os santos são como companheiros dos seus devotos em todos os momentos da vida: no trabalho, na vida de família, na doença, nas viagens, diante dos perigos, nos momentos de festa e de lazer. Em tudo o que acontece o devoto vê a presença do santo, que o protege e encaminha na vida até a felicidade do céu [...] (OLIVEIRA, 1988, p. 118).

Apesar dos esforços da romanização em erradicar aquilo que Pereira (2005) chamou de devoções marginais, encetadas pela face popular da prática do catolicismo, a amplitude das

relações com os santos continuou colocando-se para além daqueles legitimados pela igreja. Em pesquisa realizada acerca das devoções que se colocam, marginalmente, ao devocionário católico central, Oliveira e Araújo (2011) identificaram processos de criação de devoções a pessoas mortas, dentro de um âmbito familiar. Ou seja, surgem devoções a um ente morto, que ficam circunscritas aos membros da própria família. Para os autores, esse é um exemplo extremo de prática privatizada de culto e devoção:

Essa liberdade própria do catolicismo privado de massa, que “é a melhor religião que há: a gente faz o que quer e ninguém toma conta da vida da gente” – como disse certa vez uma mulher que havia passado por diferentes religiões – expressa-se então de modo padronizado, [...] mas fora de qualquer controle eclesiástico (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2011, p. 92).

Essa relação aproximada entre o adepto e o mediador, também, difunde-se entre outras religiões, pois, assim como Oliveira (1988, p. 121) salienta, há “uma relação direta e pessoal entre fiel e santo”. Tal familiaridade relacional pode ser vista entre adeptos das religiões afro-brasileiras: o Sr. Edmar considera as entidades, com as quais trabalha, “soldados” que protegem a sua loja e acompanham-no, livrando-o de perigos; o Sr. Dionísio, por sua vez, reconhece, em Ogum, um guerreiro que está ao seu lado, nas batalhas do dia a dia; Dona Isabel possui, no interior de seu estabelecimento, Ajê Saluga, afirmando que sua presença faz toda a diferença para trazer dinheiro e prosperidade para os negócios; o Sr. Helder sente-se amplamente protegido pela presença do Caboclo Rompe-Mato, em sua loja. Ou seja, nesses casos, igualmente, parece reproduzir-se uma relação aproximada, familiar. Dessa feita, observa-se que as entidades dessas religiões operam como personagens, envolvidos no cotidiano dos adeptos:

A grande difusão da Umbanda deve-se à sua capacidade de oferecer às classes marginalizadas da sociedade burguesa um sistema simbólico no qual elas se reconhecem (os pretos velhos, caboclos, exus e pombagiras são personagens familiares do cotidiano) e onde encontram força e alívio para suportar as durezas do cotidiano (OLIVEIRA, 1988, p. 115).

A presença dos objetos religiosos e oriundos de saberes populares nos estabelecimentos comerciais, de um modo geral, pode revelar outro olhar sobre essas práticas, visto que a condição de devoção e culto aos santos, às entidades e outras divindades transbordaram, em alguns casos, do ambiente doméstico para o ambiente comercial. Esse ambiente, por sua vez, passou a se confundir com o ambiente doméstico, cuja configuração comporta a presença desses objetos religiosos, em ampla escala. A questão é atentar para que

a face mais visível de tais práticas religiosas pode ser encontrada, para além do ambiente residencial, e, mais ainda, do ambiente das igrejas, dos templos, dos terreiros, dos centros e seus altares. Nesse sentido, a presença das imagens, nos ambientes comerciais, pode significar:

[...] um conjunto de valores simbólicos que muitas vezes extrapolam os limites da própria religiosidade, *stricto sensu*, ampliando as referências da experiência espiritual para outros domínios da vida social, seja através de associações com períodos, locais, fatos, pessoas e sentimentos ligados a aquisição das imagens, como que constituindo uma história pessoal passível de ser resgatada em consultas regulares às imagens; seja na utilização de mensagens associadas às imagens, para construir referências analogamente significativas a fatos cotidianos experimentados atualmente pelos sujeitos, que possibilitam atribuir sentidos a sofrimentos, alegrias, perdas e conquistas diárias, entre outros acontecimentos (LOPES, 2010, p. 102).

O Sr. José Geraldo, por exemplo, salientou que havia colocado, em sua loja, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, lembrando fatos, como o período em que necessitou arranjar outro ponto comercial, com certa urgência; São Jorge, para o Sr. Dionísio, remete à lembrança de Ogum, uma das linhas de umbanda em que trabalha; o gongá, na loja do Sr. Edmar, o faz recordar a sua vida religiosa, e a de seu pai falecido; “Muita Fé No Que Faz” ressalta suas conquistas pessoais, pela fé em Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio. Nesse sentido, as experiências religiosas desses comerciantes apresentaram um deslocamento para outros domínios de suas vidas sociais, de forma bastante abrangente. A presença das imagens, no interior de suas lojas, desencadeou a recuperação de fatos, sentimentos, lembranças, períodos difíceis, todas essas imagens constituindo a representação de trajetórias sólidas, muitas vezes marcadas por uma relação profunda de devoção, auxílio e graça, na vida de tais comerciantes.

Inseridos, hoje, em uma realidade pautada por uma modernidade fluída e de intensos fluxos de saberes e tradições diversas (HANNERZ, 1997), observou-se que existem, entre os comerciantes, usos de objetos religiosos e de saberes populares que não estão circunscritos às suas religiões declaradas: “Muita Fé No Que Faz”, por exemplo, deposita crença em elementos religiosos de tradições diferentes, como estátuas do Buda e, também, em *manekinekos*, que, segundo afirma, transmitem boas energias e sorte. O Sr. José Geraldo carrega um trevo-de-quatro-folhas em sua carteira, para lhe trazer dinheiro, saúde e sucesso. Outro caso de acesso e manipulação de elementos múltiplos dá-se com Isabel, que, portadora de conhecimentos esotéricos, trabalha com jogos de cartas de tarô, quiromancia, e, além de sua competência nesses domínios, é iniciada e detém cargo importante no candomblé.

Nesse sentido, por mais que seja possível reconhecer a importância significativa da institucionalidade religiosa na vida das pessoas, outros âmbitos de atuação religiosa têm sido

constantemente abertos. Pierucci (2008) tem percebido isso como um processo contínuo, desde a consolidação da separação entre igreja e estado, de desregulamentação da vida religiosa. As pessoas, então, procuram novos serviços e bens religiosos, de maneira significativamente aberta. Entre os católicos, Oliveira (1997) destaca que esse tipo privado de catolicismo reduz-se de tal forma a um âmbito prático utilitário, que passa a permitir agregação de outras vivências e crenças religiosas. Nesse sentido, recorda-se o que Isabel falou sobre o público, que procura seus serviços:

Porque vêm pessoas aqui, de igreja, para perguntar, por exemplo, se ela deve fazer uma corrente, porque o bispo pediu para vender algo, para fazer uma corrente... E vem, aqui, para saber se vai dar certo. Olha só! E, de repente, vêm outras, aqui, que são evangélicas, e que pedem, assim, para que o filho, que está num vício, alguma coisa, pra fazer um trabalho espiritual, para que ele melhore, porque acha que é uma praga. O pastor, lá, disse que é uma praga. Então, é tudo assim. Você vai na igreja, tem uma rosa não sei do quê, que ajuda; uma essência que... Sabe?! É tudo muito... Então, eu não tenho um público específico. O que mais eu atendo, eu digo, católico. Católico é totalmente livre, né?! A não ser da renovação carismática. Esse povo, assim, que é mais fechado, hermético. O católico, católico mesmo, ele gosta de uma benzedeira, ele gosta de ir num lugar, ele acredita que uma vela ali, para as almas, vai ajudar, também. Assim, eu atendo muito esse público.

Tal realidade revela-se, desse modo, igualmente, pelo fato de, na modernidade, ser possível transitar, consumir e internalizar, abertamente, opções, serviços e bens religiosos. As fronteiras simbólicas interpenetram-se. Uma multiplicidade de correntes e fluxos culturais inter cruzam-se (HANNERZ, 1997). Esse contexto passa a promover, no caso das experiências religiosas plurais, processos de síntese com o novo, objetivando usos ressignificados privados. Ruma-se, então, para um processo individualizante de acesso, trânsito e pertença, a despeito da, ainda forte, influência cristã. Essa configuração relativamente desimpedida de relação com o religioso e o sagrado diversos, culminou, então, em um processo de crescente aprofundamento da privatização da ação religiosa dos indivíduos. Nesse sentido:

[...] estamos vendo um inaudito ativismo a suprir o mercado de novidades religiosas, bens simbólicos retóricos, serviços taumatúrgicos e as mais variadas bugingangas materiais e idéias de consumo religioso privado, provocando em decorrência uma certa elevação do envolvimento confessional em grande número de naturezas individuais com pendor religioso [...] (PIERUCCI, 2008, p. 15).

3.3 Os padrões identificados

Depois de ter realizado todas as observações necessárias para a configuração de uma sistematização da pesquisa, pude, com sucesso, elencar algumas regularidades inerentes ao objeto. Elas foram se revelando, ao longo do próprio processo de observação e aprofundamento em campo. Nos interiores dos estabelecimentos, observei práticas entre os comerciantes e suas imagens, que podem ser classificadas como padrões de uso e de disposição.

Muito se fala sobre as qualidades e especialidades dos santos, no catolicismo. As pessoas religiosas buscam neles a ponte para uma cura, um auxílio, ou, ainda, seguir o exemplo que estes deram, enquanto figuras santas. As pessoas, de acordo com muitos estudiosos do tema, identificam neles “capacidades específicas” para demandas, também específicas. Com base nas suas histórias de vida ou nos milagres perpetrados, surgem as especialidades dos santos. Sendo assim, houve-se falar que São José arranja bons partidos para suas devotas, ou que Santa Edwiges e São Judas são auxiliares dos endividados, ou, além do mais, que São Roque protege as pessoas de doenças, e, assim, sucessivamente (AUGRAS, 2005).

Contudo, na realidade devocional dos comerciantes católicos e seus santos, bem como entre aqueles adeptos que se relacionam com seus orixás, divindades e outras entidades, percebi que os devotos não possuem apego restrito a qualquer especialidade, que determinada divindade possa, *a priori*, deter. Os comerciantes católicos, em minhas observações, não fixaram qualquer de suas imagens, no interior de seus comércios, centrando-se nas especialidades ou especificidades atribuíveis aos santos. Na verdade, existe, nesses casos, uma relação pautada por significativo pragmatismo quanto ao uso, nos âmbitos e necessidades variadas das suas vidas.

“Muita Fé No Que Faz” destacou que gosta muito de Santo Antônio e detém-no, em sua loja, por ter conseguido crescimento econômico; o Sr. Adilson chamou São Jorge para interceder pela melhora da saúde de seu irmão; o Sr. José Geraldo afirmou já ter recebido muitas graças de Nossa Senhora Aparecida, para a resolução de questões referentes ao seu comércio e vida profissional. Ou seja, tais ligações com esses mediadores não se restringem a uma ação intercessora restrita às suas especialidades conhecidas. Percebi que há uma relação, significativamente aproximada e intimizada, despida de preocupação com qualquer qualidade ou especialidade atribuída a um dado santo: Dona Mounira chegou a destacar que não há

proteção específica. Nesse caso, a intercessão divina é para tudo e todos, que estão sob o espectro protetivo dos seus santos. Nesse sentido, Renata Menezes (2009) corrobora que:

Ser devoto implica, portanto, estabelecer relações – ou, do ponto de vista “nativo”, perceber as ligações existentes – entre um santo e a própria vida. Se a devoção frequentemente envolve um certo pragmatismo, isto é, o atendimento de pedidos que se quer alcançar, ela envolve também um processo de identificação do devoto com o santo, ou seja, a consideração de que a vida do santo e a vida dele estão “relacionadas”, no sentido de haver entre elas elementos de identidade, vínculos significativos (MENEZES, 2009, p. 126).

No caso dos comerciantes entrevistados, essas ligações existentes remeteram, em alguns casos, a problemas imediatos, porventura resolvidos, com sucesso, pela intercessão de um determinado santo; em outros casos, o devoto aprendeu a devoção com a própria mãe ou a tia, dentro daquilo que Menezes (2009) identificou como um patrimônio devocional acumulado pela família do devoto. Não identifiquei relações que remetessem a uma preocupação com a especialidade do santo. Nesse caso, os vários santos “adquirem a incumbência” de tornarem-se protetores, auxiliares e intercessores, para além de suas especialidades reconhecidas. Ou seja, os santos intercedem nos múltiplos problemas da vida de seus devotos. Na verdade, se a necessidade de apego a um santo devesse-se à sua especialidade reconhecida, nos comércios de católicos devotos, ver-se-ia, majoritariamente, imagens de Santa Edwiges, que, de acordo com Augras (2005), é uma santa que chega a ser homenageada, com missas “especializadas”, para que possa interceder por diversas categorias profissionais, principalmente, a classe do comércio e da indústria.

Além da utilização, pelos comerciantes, de um ou vários santos, para a aquisição de proteção abrangente, os orixás e entidades diversas do campo religioso afro-brasileiro, de igual modo, apareceram partilhando de uma função protetiva, em sentido amplo. O Sr. Edmar afirmou que as entidades seriam como soldados, que protegem a ele e a loja; já o Sr. Helder, por sua vez, destacou que o caboclo Rompe-Mato está ali, sincretizado na figura de São Jorge, com a finalidade de proteger a ele mesmo, sua loja e sua família, que também trabalha no comércio. O sentido protetivo ultrapassa o âmbito dos adeptos e passa a abranger os locais, onde os mesmos permanecem. Como são comerciantes, tais entidades passam a proteger, igualmente, os recintos comerciais, locais de sua atuação diária.

Dentro da seara evangélica, a presença e a leitura da bíblia, para a Sra. Poliana, provoca uma influência positiva na vida que leva dentro de sua loja. Afirmou que se sente bem de tê-la ali. Para ela, tal presença faz muita diferença. Para o Sr. Edmar Machado, a leitura da bíblia inspira-o a agir com retidão, perante as outras pessoas, em qualquer lugar que

esteja. No entanto, o caráter da presença religiosa, em seus estabelecimentos, parece comunicar, além da expressão de uma fé, a questão relativa à evangelização ativa.

Já Dona Isabel manipula diversos elementos mágicos e religiosos, com o fim de garantir, além de um melhor afluxo de clientes, inspiração e diligência, no seu ofício. Todas as representações das ciganas, bruxas, orixás e das santas possuem, segundo ela, uma funcionalidade dentro de sua loja. Os patuás, igualmente, são utilizados para sua proteção pessoal e do estabelecimento.

Nesse sentido, os usos remetem aos domínios de uma subjetividade, que reconhece nesses objetos a representação de entidades, que podem interceder de alguma forma, para melhorar suas vidas, nos vários âmbitos de sua atuação. Os padrões de uso identificam, portanto, um sentido abrangente de proteção. Além disso, os comerciantes não possuem um determinado santo, entidade ou orixá, em seu estabelecimento, com foco em uma especialidade determinada. Corrobora-se, dessa maneira, a hipótese inicial, que sugeriu que os comerciantes não se dariam o trabalho de alocar objetos religiosos e do saber popular, em seus comércios, por somente uma questão de proteção local, tal como parece evocar, a partir de uma observação superficial. O que ocorre é que esses comerciantes possuem uma relação intensa, muitas vezes pautada por uma longa duração, com seus orixás, entidades, santos e outras divindades. Essa profunda relação é marcada por um histórico religioso de frequentes auxílios e graças, adicionalmente amparada, em alguns casos, por aprendizados intergeracionais. Nesse sentido, os usos de objetos religiosos de caráter protetivo destinam-se a conferir um sentido amplo de proteção. O próprio traslado e a fixação desses objetos, em seus recintos comerciais, evidenciam isso, pois a questão enquadra-se em um comportamento de perene ampliação do sentido de proteção.

Outra regularidade percebida, por mim, durante o processo de campo foi a localização desses objetos. À medida que eu caminhava pelas lojas, em busca da aparição de objetos e práticas religiosas, ia percebendo que estes não ficavam dispostos, em qualquer lugar do recinto. Existe todo um contexto de alocação pautado não por uma preocupação estética, mas por uma questão de respeito religioso pela imagem em questão. Em alguns casos, percebi, até mesmo, a existência de um ambiente específico da loja preparado para a recepção das imagens. Esse é o caso da *Casa do Caboclo* e da *Casa da Jurema*. Naquela, configurou-se um lugar específico e de teor tradicional, para o posicionamento de Pai Tomás e Mãe Benedita, como afirmou Dona Aparecida; nesta, o grande gongá, assentado pelo próprio pai do Sr. Edmar, nunca saiu daquele mesmo lugar. No entanto, o fato de existirem locais específicos para a alocação desses objetos de caráter sagrado não cinge o espaço comercial com

demarcadores ou fronteiras entre o lugar do sagrado e o lugar do profano. Nesse caso, um e outro permanecem entrelaçados. Na verdade, os objetos sagrados estão, nos interiores das lojas, para conferir proteção irrestrita, ampliando, assim, a atuação do sagrado, que abençoa o ambiente, o comerciante e aqueles que nele permanecem para o trabalho.

Praticamente todos os santos do panteão católico, dentro dos recintos comerciais, foram visualizados em lugares de destaque, no alto de paredes ou sobre as vigas, postos em cima de prateleiras ou em receptáculos específicos para a sua presença. A presença de prateleiras construídas e pequenos oratórios exemplificam o tratamento diferenciado dado às imagens. Tendo em vista que os objetos religiosos não são somente observáveis em lugares específicos de uma institucionalidade religiosa, pode-se, desse modo, perceber que porções do sagrado transbordaram para outros ambientes, e, transterritorializados, continuam sendo tratados com distinção religiosa.

Em muitos casos, a alocação do objeto parece ser feita de maneira a expor aos passantes, na calçada, e aos clientes, a sua presença. Nesse sentido, muitas imagens foram colocadas o mais visíveis possível: em paredes frontais à porta da loja, atrás do balcão, no alto de prateleiras, na entrada da loja. Pai Tomás e Mãe Benedita, os pretos velhos guardiães da loja de Dona Aparecida, estão posicionados, exatamente, na porta do estabelecimento; o Santo Expedito e os outros santos, no interior do oratório da loja do Sr. Helder, encontram-se no alto da parede, de frente para os transeuntes; os *manekinekos* de “Muita Fé No Que Faz” são visíveis, já nas vitrines; as estátuas de Nossa Senhora Aparecida do Sr. José Geraldo estão no alto do biombo de madeirite, de frente para quem passa no corredor da galeria; a Nossa Senhora Aparecida, o São Jorge e o Santo Expedito do Sr. Adilson estão, também, alocados de frente para o balcão, ou seja, qualquer passante ou freguês depara-se, imediatamente, com as imagens. O mesmo dá-se com muitas das lojas de comerciantes, que não entraram como contribuintes diretos desta pesquisa.

Dessa maneira, parece existir um aspecto de amplo respeito religioso, bem como de evidenciação dos objetos. Mesmo que a presença desses objetos figure-se como uma pronta demonstração de pertença religiosa, é, também, a dimensão de um aspecto ritualístico, voltado para interesses ligados à proteção e ao auxílio, em caráter abrangente. Tais santos, orixás, entidades e outras divindades possuem uma relação profunda com os comerciantes, que lhes rendem devoção e culto, e, portanto, acompanham-nos aonde quer que possamos ir e permanecer.

Neste capítulo, contemplei a discussão acerca do que mais revelou o campo de pesquisa. Evidenciou-se que a realidade da presença dos objetos religiosos e oriundos de saberes populares, no interior dos comércios, não pode ser interpretada, a partir de concepções estanques entre o que é considerado lugar do sagrado e lugar do profano. Nesse caso, procurei afastar-me de visões cingidas, por uma leitura que favorece o imbricamento e a complementaridade entre um e outro. Tal caráter imbricado entre o sagrado e o profano pode ser observado, devido aos múltiplos fluxos de práticas e comportamentos religiosos, no cotidiano dos comerciantes. Ou seja, as vivências religiosas transbordam o âmbito de lugares sagrados convencionais, ensejando transterritorializações do sagrado, para outros espaços da vida cotidiana. Observei, ainda, que as relações que são travadas entre os adeptos e seus mediadores, constituem-se por uma significativa aproximação, no que tange à garantia da resolução de problemas de caráter pessoal do adepto. Destacou-se que as relações religiosas entre adepto e mediador, nos tipos encontrados neste estudo, possuem um caráter individualizante e privatizado. Por fim, tratei de esboçar, a partir das minhas observações e conversas com os comerciantes, duas práticas religiosas, que podem ser consideradas regulares: por um lado, os comerciantes dirigem suas súplicas e preces a um determinado mediador, para garantir um sentido de proteção ampliado. Ou seja, um determinado santo, por exemplo, não está presente com o simples intuito de proteção do ambiente comercial, mas para auxiliar e proteger o próprio comerciante, em seus problemas cotidianos, no andamento dos negócios, e, também, para conferir proteção àqueles que partilham o ofício, no estabelecimento comercial. Por outro lado, pode-se observar que os comerciantes não fixam seus objetos religiosos e de saberes populares em qualquer lugar de suas lojas. Há uma demonstração de respeito pelas suas imagens, que são, geralmente, alocadas em lugares especiais e de destaque da loja, embora tais disposições não signifiquem o rompimento do imbricamento entre a presença do sagrado e do profano. Em suma, o fato de essas imagens serem alocadas, em lugares distintos de um estabelecimento, não rompe com a complementaridade, pois tais representações possuem o poder de conferir proteção abrangente.

CONCLUSÃO

A percepção da significativa presença de objetos religiosos e originários de saberes populares, no interior das casas comerciais, levou-me a um reconhecimento diferente do mundo do comércio. Se parecia apresentar-se como um âmbito, a princípio, destituído de qualquer sentido religioso, hoje, percebo toda a riqueza iconográfica e de práticas religiosas, que se materializa, nesses recintos. Tamanha é a diversidade que compõe o campo das relações com o sagrado, em meio ao mundo regido pelo domínio das vitrines e mercadorias, do dinheiro e da racionalidade administrativa. O comerciante, por sua vez, revela-se como o promotor dessa realidade colorida de sentidos religiosos.

Esta etnografia, por seu turno, esforçou-se por descortinar, da melhor maneira possível, essa realidade marcada pela pluralidade religiosa, buscando prospectar dos comerciantes seus sentimentos, aflições, lembranças, saberes, esperanças e práticas religiosas, para responder por que eles alocam objetos religiosos e oriundos de saberes populares, no interior de seus estabelecimentos. Por meio das experiências vividas e das subjetividades religiosas externadas dos comerciantes, nas suas relações com os santos, orixás, entidades e divindades diversas, cheguei ao resultado de que eles não fixam objetos religiosos e de saberes populares, no interior de seus recintos comerciais, apenas com uma finalidade de proteção do ambiente, mas porque a presença de tais objetos marca uma relação atravessada por muitas bênçãos, auxílios e graças recebidas. Essas relações, em alguns casos, são intensas, pautadas por aprendizados familiares e por profundas e longas histórias de devoção e culto. Configurou-se, portanto, a comprovação com a hipótese inicial.

No que tange à apresentação da realidade religiosa dos comerciantes em seus ambientes de trabalho, a imagem fotográfica revelou-se um importante recurso. Seria difícil descortinar essa realidade ao(à) leitor(a), sem a utilização da fotografia. Tal realidade, considerada a sua riqueza imagética, foi exposta, neste trabalho, por meio da janela da fotografia, que, por sua vez, viabilizou enriquecimento, complementação do discurso textual e uma melhor apreciação do(a) leitor(a), de toda essa diversidade.

No primeiro capítulo, esbocei, minuciosamente, os processos de sistematização da pesquisa, para viabilizar a abordagem à pluralidade existente no campo religioso local. Foi necessária a confecção de listagens, contagens, classificações, tabelas, a partir de uma observação atenciosa da pluralidade existente, nesse campo de pesquisa. Este foi desenvolvido em duas fases. Na primeira, materializei os processos de observação às lojas,

nas três ruas e no Mercado Municipal. Na segunda, passei aos processos de entrevista e registro fotográfico dos objetos religiosos e de saberes populares, encontrados nos ambientes comerciais. Tal sistematização resultou no conjunto das nove práticas religiosas e de saberes populares, tratadas no segundo capítulo, que me permitiu estruturar a abordagem aos comerciantes, de maneira que pudesse compreender suas subjetividades religiosas e seus usos, no interior dos estabelecimentos comerciais. Por meio de nossas conversas, pude aprofundar meus conhecimentos sobre as trajetórias religiosas e as subjetividades ativadas, nas relações com as representações religiosas encontradas em seus comércios.

No segundo capítulo, apresentei as realidades religiosas dos comerciantes natos; de outras regiões do país, residentes na cidade; estrangeiros e, também, aqueles oriundos da região do entorno, que fazem a sua vida em Juiz de Fora. A partir das conversas que tive com eles, por meio das entrevistas, foi possível captar suas subjetividades religiosas e suas experiências vividas. Observei relações de devoção a vários santos do panteão católico; relações religiosas com orixás e entidades da umbanda; a presença de versos bíblicos em fachadas, letreiros e *banners*, como uma demonstração da fé dos comerciantes evangélicos; práticas esotéricas; a materialização da prática de culto, por intermédio do depósito de oferendas aos pés dos santos e orixás, como flores, velas, aguardente, dentre outras; manipulações mágicas e superstições, como a utilização de patuás, amuletos, escapulários, trevos-de-quatro-folhas e outros objetos propiciadores de proteção, sorte, dinheiro, saúde, sucesso etc.; a utilização de plantas “protetoras”, como comigo-ninguém-pode, pimenteira e espada-de-são-jorge, como fator de proteção e retenção de energias negativas; a extensiva utilização das orações, para a obtenção de um bom expediente, para trazer mais fregueses, para chegar ao trabalho e voltar para casa em paz, bem como para agradecer; além da presença das Religiosidades Mínimas Brasileiras, com sua linguagem religiosa cotidiana. Ao longo do reconhecimento de toda essa diversidade, foi possível discernir práticas devocionais, cúlticas, mágicas, supersticiosas, e, igualmente, a presença de objetos religiosos e de saberes populares dada pela influência de familiares e amigos.

No decurso das conversas que tive com os comerciantes, percebi que as idiossincrasias religiosas externadas revelaram, em alguns casos, um intenso trânsito religioso. Pôde-se perceber um processo de significativa circulação por entre as alternativas existentes no campo religioso local, ensejando aprendizados, apropriações e ressignificações de conteúdos simbólicos religiosos. Alguns comerciantes revelaram-se bastante experimentados, no tocante à passagem por várias religiões, como no caso da Sra. Isabel, que circulou desde a seara evangélica, passando pelo aprendizado de variadas práticas esotéricas, pelo seminário,

culminando na adoção do candomblé, como sua religião. O caso do Sr. Edmar Machado, que transitou por algumas denominações evangélicas até batizar-se na igreja batista Unindo Vidas. De igual modo, o caso do Sr. Dionísio, que já passou pelo espiritismo kardecista, por algumas igrejas pentecostais, e, atualmente, é umbandista. Essas experiências de circulação pelas diversas alternativas religiosas disponíveis revelam um fenômeno de intenso trânsito religioso.

Foi observada a presença de práticas sincréticas. Os usos que os comerciantes fazem de objetos de religiões, tradições e saberes populares antigos e novos, nativos e estrangeiros, indicaram sua inserção em um mundo moderno, cujos fluxos de culturas variadas intercruzam-se, permitindo-os entrar em contato com elementos culturais diversos. Nesse sentido, foi possível observar toda a pluralidade sincrética das pertencas religiosas afro-brasileiras. Contemplou-se o caso da relação do Sr. Dionísio com o orixá Ogum, sincretizado na figura de São Jorge. Também, a relação do Sr. Helder com o Caboclo Rompe-Mato, pertencente à linha de Ogum e sincretizado na figura de São Jorge, presente em sua loja. Observou-se, igualmente, no caso de “Muita Fé No Que Faz”, a mistura de elementos religiosos do budismo e de saberes populares japoneses, com a devoção aos santos. Todos esses casos refletem a riqueza sincrética dos usos e o entrelaçamento com o desejo de garantir proteção para si mesmos e para os ambientes em que trabalham.

No terceiro capítulo, tratei das relações entre o lugar do sagrado e o lugar do profano, bem como da materialização de práticas religiosas de caráter privado, e das regularidades encontradas. Ao longo dos trabalhos de campo, outras questões foram surgindo acerca dos usos e condutas religiosas dos comerciantes. Tais condutas ultrapassaram a circunscrição convencional do sagrado, para se derramar sobre outros âmbitos de suas vidas. No caso da atuação religiosa dos comerciantes, porções do sagrado têm sido encontradas no interior de seus estabelecimentos, ensejando uma relação transterritorializada entre o sagrado e o profano. Esse aspecto imbricado entre um e outro inviabilizou, nesta pesquisa, uma visão compartimentada. Portanto, coube compreender a existência de uma realidade de complementaridade entre o lugar do sagrado e o lugar do profano, para dar conta de uma realidade marcada pelo imbricamento de um no outro. Ou seja, a conduta religiosa não se circunscreve aos domínios da institucionalidade religiosa convencional. O traslado e a fixação de objetos religiosos, no interior dos recintos comerciais, ensejam processos de transterritorialização do sagrado, revelando a realidade ritualística da formação do sagrado no cotidiano dos comerciantes, por meio da execução das orações, das devoções, dos cultos, das

oferendas, bem como da portabilidade de crucifixos, patuás, guias, escapulários, santinhos, dentre outros.

Ao longo das relações que travei com os comerciantes, por meio das conversas sobre suas práticas religiosas, foi possível visualizar uma relação muito aproximada entre mediador e religioso. Entre os comerciantes católicos, a relação entre o fiel e o santo, geralmente, foi marcada por uma relação direta e pragmática, voltada para o atendimento de necessidades imediatas e individualizadas. Todavia, entre as práticas religiosas de matriz afro-brasileira, de igual maneira, pude evidenciar uma relação de intensa proximidade entre o comerciante e seus orixás e/ou entidades, no interior dos estabelecimentos comerciais. Adicionalmente, a adepta das práticas esotéricas revelou instrumentalizar múltiplos símbolos, em uma relação de aproximação entre objetos, elementos religiosos e energias, para alcançar seus objetivos. Os evangélicos, por sua vez, não utilizam representações imagéticas. Não obstante, revelaram-se portadores de uma religiosidade constante, levando suas crenças, para seus estabelecimentos comerciais, em uma relação de intimidade com Deus. Essas relações aproximadas revelaram a demarcação de práticas religiosas de caráter privado, uma vez que tais comerciantes recorrem às suas divindades, muitas vezes, para a resolução de problemas, que variam de desemprego até questões graves de saúde.

A observação sistematizada do campo, bem como o aprofundamento dos meus conhecimentos acerca dos usos dos comerciantes, também me rendeu o reconhecimento de duas regularidades: uma acerca dos usos religiosos e outra concernente às disposições desses objetos, no interior dos recintos comerciais. Quanto aos usos, percebi que tais comerciantes não se valem dos seus santos, orixás e outras divindades, considerando, estritamente, as qualidades específicas que estes possam deter, para o atendimento de suas demandas. Ou seja, o sentido de intercessão e proteção não está atrelado à qualidade específica de um santo, orixá ou entidade. São, contudo, pautados por lógicas que dizem mais respeito à subjetividade religiosa do comerciante, que é marcada por relações ou pertencas religiosas, muitas vezes, antigas ou oriundas de aprendizados familiares. As imagens dos santos, das entidades e de outras divindades demarcam a representação de mediadores capazes de atender a demandas quase irrestritas. Desse modo, os usos podem fazer-se bastante amplos e pragmáticos: a obtenção de crescimento econômico, por exemplo, justificou o fato da presença de Santo Antônio, no comércio de “Muita Fé No Que Faz”; a proteção do Sr. Helder, da sua família e do estabelecimento comercial justificou a presença do Caboclo Rompe-Mato; a obtenção da melhora da saúde do ente querido do Sr. Adilson justificou a presença de São Jorge, e, assim, sucessivamente. No caso das disposições, observou-se que os comerciantes, muitas vezes,

procuram posicionar tais objetos religiosos de maneira que fiquem visíveis aos passantes e aos fregueses. Quase sempre no alto dos recintos, tais objetos parecem estar sempre a proteger o ambiente. Mas isso não significa qualquer realidade seccionada entre o sagrado e o profano. Pelo contrário, o sagrado imbrica-se em um âmbito profano, com fins que remetem ao atendimento de necessidades múltiplas dos próprios comerciantes.

Quando comecei a relacionar-me com esse tema, percebi que outras pesquisas podem vir a ser materializadas a partir de outros segmentos de comerciantes. Uns porque ficaram de fora do recorte do presente trabalho; e outros, por problemas de dificuldade de inserção mais aprofundada. No caso dos ambulantes, por mais que pareça que suas barraquinhas não possuem, permanentemente, objetos de natureza religiosa e/ou de saberes populares, ainda existe a possibilidade de se fazer estudos com tais grupos. Outro enfoque pode dar-se, de forma mais aprofundada, a partir de grupos de imigrantes na cidade, como o caso dos chineses, que, apesar de eu ter encontrado certa dificuldade na abordagem, possuem suas divindades e seus saberes populares, no interior dos seus estabelecimentos comerciais, sendo necessário romper a barreira da inserção, para uma perscrutação mais aprofundada de suas subjetividades religiosas, no interior de seus estabelecimentos comerciais.

Nesta pesquisa, a presença dos objetos religiosos e do saber popular, no interior dos recintos comerciais, indicou que o comerciante que os fixou está compreendido em uma relação com o sagrado de forma ampla, estendida a outros aspectos de sua vida. A presença de um santo, de um orixá, de um egum ou de um elemento mágico, em um comércio, representa a fonte de um rito que materializou o sagrado. Em direção a tal fonte, o comerciante eleva suas demandas do dia a dia, de forma irrestrita. Dessa maneira, tal presença do sagrado não diz respeito a uma simples demanda por proteção local, mas para que o dia corra melhor, para que o comerciante tenha saúde, dinheiro, sorte, diligência administrativa, mais fregueses, paz, segurança, dentre outros aspectos necessários para uma vida de sucesso e plenitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de; MOTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *Rev. São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n 3, p. 92-101, jul. 2001.

AMARAL, Leila. Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo. In: SIEPIERSKI, Paulo D.; GIL, Benedito M. (Orgs.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*. Salvador: EDUFBA, 2002.

BASTOS, Wilson de Lima. *Os sírios em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed. Paraibuna, 1988.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. O Deus cristão: mistério, compaixão e relação. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro; DE MORI, Geraldo (Orgs.). *Deus na sociedade plural: fé, símbolos, narrativa*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA LEITE, Míriam L. (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio. In: ISER (Org.). *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: ISER; Ed. Marco Zero, 1985.

CAMURÇA, Marcelo. O Brasil religioso que emerge do Censo 2010. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo, 2000.

CARNEIRO, Leonardo de Oliveira, *A metrópole sagrada: geograficidades afro-brasileiras no Rio de Janeiro*. 2009. 285 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CARNEIRO, Leandro P.; MARIZ, Cecília; MAFRA, Clara. Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política. In: FERNANDES, Rubem C. (Org.). In: *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

CAROZZI, María Julia. Nova era: autonomia como religião. In: _____ (Org.). *A nova era no mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, Giuliano O. Marques de. O centro de Juiz de Fora (MG) e os “novos” centros: paradoxos da urbanidade. *Rev. Oculum Ensaios*, São Paulo, n. 3, p. 96-109, 2005.

CARVALHO, José Jorge de. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria Clara L. (Org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, René (Orgs.). *Misticismo e novas religiões*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DROOGERS, André. A religiosidade mínima brasileira. *Rev. Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 64-86, set. 1987.

DUTRA, Rogéria C. A.; RIBEIRO, Nádia O. V. A antropologia urbana no Brasil. *Rev. Teoria e Cultura*. Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 127-138, jun. 2013.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, Rubem Cesar. *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. Brasília: Brasiliense, 1982.

_____. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3-26, 1984.

FERRETTI, Sérgio F. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: EDUSP, 1995; São Luís: FAPEMA, 1995.

_____. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. *Rev. Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Rev. Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 14, n 28, p. 139-152, ago. 2004.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. 2. ed. Salvador: Editora Pontocom, 2012.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMES, Núbia P. M.; PEREIRA, Edimilson A. Rosário de muitas fés: mediações do sincretismo nas religiões populares. *Rev. de filosofia e teologia do Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio*, São Paulo, v. 4, n. 16, p. 113-124, 1998.

GONÇALVES, Ricardo Mário. As flores do dharma desabrocham sobre o cruzeiro do sul: aspectos dos vários “budismos” no Brasil. *Rev. USP*, São Paulo, n. 67, p. 198-207, set./out. 2005.

GURAN, Milton. *Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões*. XII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/edital/xii-premio-funarte-marc-ferrez-de-fotografia-2012/>>. Acesso em: 25 set. 2016.

_____. *Linguagem fotográfica e informação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2002.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Rev. Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, abr. 1997.

HAUCK, João Fagundes. *Igreja na emancipação: 1808-1840*. História da igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

HERVIEU-LÈGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

IZUMI, Patrícia Tamiko. *Envelhecimento e etnicidade: o processo de aculturação dos imigrantes japoneses*. 2010. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LIGIÉRO, Zeca; DANDARA. *Umbanda: paz, liberdade e cura*. Rio de Janeiro: Ed. Record; Nova Era, 1998.

LOPES, José Rogério. *A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____. Os “santos da crise” e as formações de sistemas de proteção social populares. Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-066/1802.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

MAGGIE, Yvonne. *O medo do feitiço: é crime trabalhar no santo? Verdades e mentiras sobre a repressão às religiões mediúnicas*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1985.

MAGNANI, José Guilherme C. M. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. RBCS*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 12-29, jun. 2002.

_____. *Mystica urbe*: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil. In: MACIEL AUGUSTO, Adailton (Org.). *Ainda o sagrado selvagem*. São Paulo: Paulinas, 2010.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.

MENEZES, Renata de Castro. Saber pedir: a etiqueta do pedido aos santos. *Rev. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 24, n 1, p. 46-64, 2004.

_____. Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Catolicismo plural*: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIRANDA, Janira Sodrê. Deuses d'África, devoções do Brasil. In: RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro A.; DE MORI, Geraldo (Orgs.). *Deus na sociedade plural*: fé, símbolos, narrativas. São Paulo: Paulinas, 2013.

MONTERO, Paula. *Da doença à desordem*: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

_____. *Magia e pensamento mágico*. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. Somos os deuses que nunca se foram: somos encantados ou desencantados? In: MACIEL AUGUSTO, Adailton (Org.). *Ainda o sagrado selvagem*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. Trajetórias do sagrado. *Rev. Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n 2, p. 115-132, 2008.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Juiz de Fora: vivendo a história*. Juiz de Fora: UFJF, 1994.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. As funções políticas do catolicismo popular. Simposio Religión y Política: una relación de mutua implicación. Juiz de Fora, abr. 1997. Disponível em: <<http://www.equiponaya.com.ar/congresos/contenido/49CAI/Oliveira.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

_____. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Religiões populares. In: BEOZZO, Oscar (Org.). *Curso de Verão II*. São Paulo: Paulinas, 1988.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de; ARAÚJO, Maria das Graças F. de. “Pequenos santos”: uma devoção familiar. *Rev. Plura*, v. 2, n. 1, p. 80-100, 2011.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Rev. Debates do NER*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 10-36, nov. 1997.

PEREIRA, José Carlos. *Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre: Zouk, 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. De olho na modernidade religiosa. *Rev. Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 9-16, nov. 2008.

ROLIM, Francisco C. Condicionamentos sociais do catolicismo popular. *Rev. Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 142-170, mar. 1976.

ROSENDAHL, Zeny. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. *Rev. Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 9-25, 2014.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. *Espaço doméstico, devoção e arte: a construção histórica do acervo de oratórios brasileiro*. 2010. 528 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RUMSTAIN, Ariana; ALMEIDA, Ronaldo de. Os católicos no trânsito religioso. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STAEL, Carlos Alberto (Orgs.). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos. Consumindo o candomblé: estudo sobre a comunicação dos objetos dessacralizados e trocas sógnicas na pós-modernidade. *Rev. E-Compós*, v. 6, p. 1-21, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/87/87>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: EDUSC, 2007.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura teológica do imaginário religioso brasileiro. In: BOBSIN, Oneide; LINK, Rogério S.; NÚÑEZ DE LA PAZ, Nívia; REBLIN, Iuri A. (Orgs.). *Uma*

religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 3. ed. São Paulo: Sol Negro, 2005.

_____. Entre a Gira da Fé e Jesus e Nazaré: relações socioestruturais entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo, EDUSP, 2007.

SOARES, Marcio de Souza. Médicos e mezinheiros na corte imperial: uma herança colonial. *Rev. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 407-438, ago. 2001.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor V (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata de Castro. Catolicismo plural: uma introdução. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

USARSKI, Frank. O dharma verde amarelo mal-sucedido: um esboço da acanhada situação do budismo. *Rev. Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 303-320, dez. 2004.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WACHHOLZ, Wilhelm. *História e teologia da reforma*: introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WEHLING, Arno. *Formação do Brasil colonial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ANEXO A

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAS

a) Para comerciantes católicos:

- Fale um pouco da sua vida, enquanto comerciante, e sobre outros aspectos da mesma.
- Você pertence a qual(is) religião(ões)?
- Já transitou por outras?
- Se sim, quais?
- Por que transitou por elas?
- Se católico, é devoto de algum santo?
- Por que é devoto desta determinada imagem?
- É devoto de outras imagens de santos?
- Já recebeu alguma graça delas?
- Por que colocou aquela(s) imagem(ns), no interior da sua loja?
- Se a loja tiver nome de santo, perguntar: por que a loja leva o nome de um santo?
- Foi o(a) senhor(a) que trouxe a(s) imagem(s), para dentro do seu comércio?
- Caso forem mais de uma, perguntar: ganhou algumas delas de alguém?
- Se ganhou, ganhou de quem?
- Alguém, em especial, te ensinou a ser devoto?
- O que as imagens significam para você, enquanto comerciante?
- Possui práticas imateriais, no âmbito de seu comércio, como orações, preces, sinais, rituais etc.?
- Você carrega consigo crucifixo, escapulário, guia, terço, patuá, amuleto, algo no corpo, na bolsa ou na carteira?
- Se sim, por quê?
- Possui alguma espécie de superstição ou simpatia?
- Se sim, quais?
- Por que coloca (caso tenha) flores, velas ou um copo d'água, ao lado das imagens?

- Coloca espadas-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode ou outra planta, com significado mágico-religioso, na porta de sua loja?

- Se sim, por quê?

b) Para comerciantes adeptos das religiões de matriz africana:

- Fale um pouco sobre sua vida, enquanto comerciante, e sobre outros aspectos da mesma.

- Você pertence a qual(is) religião(ões)?

- Você possui algum cargo específico, dentro da sua religião?

- Já transitou por outras em sua vida?

- Se sim, quais?

- Por que transitou por elas?

- Quais as entidades do candomblé ou da umbanda você mantém contato espiritual?

- Já recebeu alguma espécie de proteção ou auxílio espiritual das entidades com as quais você se relaciona?

- Se sim, que tipo de auxílio ou proteção?

- Você, além do contato que possui com seus guias, possui alguma devoção a algum santo?

- Por que colocou aquela(s) imagem(ns) ou gongá, no interior da sua loja?

- O que as imagens ou o gongá significam para você, enquanto comerciante?

- Você possui algum assentamento na sua loja?

- Caso for imagem católica, perguntar: existe alguma relação específica entre os guias que você mantém contato espiritual e a imagem do santo na sua loja?

- Se sim, qual?

- Foi o(a) senhor(a) que trouxe a(s) imagem(s), para dentro do seu comércio?

- Caso forem mais de uma, perguntar: ganhou alguma delas de alguém?

- Se ganhou, ganhou de quem?

- Se a loja tiver nome de santo, perguntar: por que a loja leva o nome de um santo?

- Possui práticas imateriais, no âmbito de seu comércio, como orações, preces, sinais, rituais etc.?

- Você carrega consigo crucifixo, escapulário, guia, terço, patuá, amuleto, algo no corpo, na bolsa ou na carteira?

- Se sim, por quê?

- Possui alguma espécie de superstição ou simpatia?
- Se sim, quais?
- Por que coloca (caso tenha) flores, velas ou um copo d'água, ao lado das imagens ou do gongá?
- Coloca espadas-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode ou outra planta com significado mágico-religioso, na porta de sua loja?
- Se sim, por quê?

c) Para comerciantes evangélicos:

- Fale um pouco da sua vida, enquanto comerciante, e sobre outros aspectos da mesma.
- Você pertence a qual(is) religião(ões)?
- Já transitou por outras?
- Se sim, quais?
- Por que transitou por elas?
- Sua família, também, é da mesma religião?
- Você nasceu nessa religião?
- Se não, você se recorda de quando batizou?
- Por que você quis batizar-se?
- Você traz aspectos de sua religião ou espiritualidade, para o interior de seu estabelecimento?
- Por que você colocou este verso bíblico, em sua loja?
- Você mantém uma bíblia, no interior de seu comércio?
- Se sim, por quê?
- Você lê a bíblia, no seu comércio?
- Você acha que a presença ou não da bíblia, dentro de seu comércio faz alguma diferença?
- Por que não existem imagens em seu estabelecimento?
- Possui práticas imateriais, no âmbito de seu comércio, como orações, preces, sinais, rituais etc.?
- Se sim, qual(is)?
- O que significa a prática da oração, para você?
- Você carrega consigo crucifixo, escapulário, guia, terço, patuás, amuletos, algo no corpo, na bolsa ou na carteira?

- Se sim, por quê?
- Possui alguma espécie de superstição ou simpatia?
- Se sim, quais?
- Coloca espadas-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode ou outra planta com significado mágico-religioso, na porta de sua loja?
- Se sim, por quê?

d) Para comerciantes adeptos das práticas esotéricas:

- Fale um pouco sobre sua vida, enquanto comerciante, e sobre outros aspectos da mesma.
- Você pertence a algum tipo de religião, tradição, filosofia oriental ou ocidental, ou grupo esotérico, em especial?
- Se sim, qual(is)?
- Já transitou por algumas dessas muitas práticas esotéricas?
- Se sim, qual(is)?
- Já transitou por outras religiões?
- Se sim, qual(is)?
- Possui, dentro de seu recinto comercial, algum objeto religioso, ou de filosofia, tradição, prática, disciplina ou técnica esotérica, que seja especial ou sagrada, para você?
- Se sim, por quê?
- Possui práticas imateriais, no âmbito de seu comércio, como orações, preces, sinais, rituais, mantras etc.?
- Se sim, qual(is)?
- O que significa tal prática, para você?
- Você carrega consigo crucifixo, escapulário, guia, terço, patuá, amuleto, algo no corpo, na bolsa ou na carteira?
- Se sim, por quê?
- Possui alguma espécie de superstição ou simpatia?
- Se sim, quais?
- Coloca espadas-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode ou outra planta com significado mágico-religioso, na porta de sua loja?
- Se sim, por quê?

ANEXO B

TABELA DE ESTABELECIMENTOS

Rua/Galeria	Nome do estabelecimento	Proprietário(a)	Objetos encontrados
Marechal Deodoro	Loja Agêpê		Crucifixo
	Fábrica Affonso Moraes		Crucifixo
	Loja Alberto Lonato		Crucifixo
	Loja Alcebíades Barcelos		Crucifixo
	Lojas Alcione		Crucifixo e sagrado coração de Jesus
	Loja Aldo Bueno		Nossa Sra. Aparecida e Nossa Sra. De Fátima
	Loja Alessandro Penezzi		Guan Gong.
	Loja Aluísio dias		Crucifixo
	Loja Luizinho Andanças		RMB
	Loja Anescarzinho do Salgueiro		Oratório: Nossa Sra. Aparecida, Menino Jesus de Praga e terço
	Casas Chic, nº 196	Dona Mounira Haddad Rahme	Nossa Sra. Aparecida, São Jorge, São Charbel, Nossa Sra. Do Líbano
	Loja Aniceto do Império		Quadro de Jesus Cristo e Sagrado coração de Jesus
	Loja Aniceto da Portela		Nossa Sra. Aparecida e rosa vermelha
	Loja Aurélio Gomes		Nossa Sra. Aparecida, crucifixo e Santa Filomena
	Loja Baiaco		São Jorge e imagem de Jesus sendo retirado da cruz

	Loja Batatinha		Crucifixo e terço
	Loja Beth Carvalho		Quadro da Santa Ceia, orações, oratório com Jesus, Maria e José, santinho de Nossa Sra. Aparecida, terço, fitas do Senhor do Bonfim
	Loja Beto Sem Braço		Oração para São Jorge
Gal. Centro Comercial Manchester	Loja Antoninho Lopes		Santa Edwiges
Gal. Antônio Alexandre Ahouagi	Loja Antônio Rufino		Nossa Sra. Aparecida
	Loja Antônio Sabino Marques		Crucifixo
	Loja Araci Cortes		Nome fantasia religioso
	Loja Argemiro da Portela		Nossa Sra. Aparecida e crucifixo
	Loja Ari Cordovil		Crucifixo
	Loja Arlindo Cruz		Sagrado Coração de Jesus
	Carimbos Goebel, nº 01	Sr. José Geraldo Gonçalves	Nossa Sra. Aparecida, santinho de Santo Expedito
	Loja Aroldo Melodia		Santinho de Nossa Sra. Aparecida e vaso com rosa vermelha
	Loja Assis Valente		Santo Expedito, Santa Bárbara e crucifixo
	Loja Ataulfo Alves		São Jorge
	Loja Áurea Martins		Sagrado Coração de Jesus
Rua Batista de Oliveira.	Loja Bezerra da Silva		Crucifixo
	Loja Brancura		Crucifixo
	Loja Bruno Ribas		Crucifixo
	Loja Buci Moreira		Nossa Sra. Aparecida e santinhos de São Charbel
	Loja Cacá Pereira		Crucifixo
	Loja Clovis Pê		Planta espada-de-são-jorge
	Loja Candeia		Santinho de Nossa Sra. Aparecida e

			Nossa Sra. de Montserrat
	Loja Caninha		Crucifixo e São Judas
	Loja Cao Guimarães		Cartaz de missa em homenagem a Nossa Sra. De Montserrat
	Loja Carlinho Pretinho		Oratório Nossa Sra. Aparecida
	Calçados Araújo, nº 317	Sra. Poliana Araújo	RMB: “Deus é Fiel”
	Casa da Jurema, nº 342	Sr. Edmar Neiva Daniel	Gongá: Zé Pelintra, Pombagira, Cosme e Damião, Oxalá (sincretizado com a estátua de Jesus Cristo), Pretos Velhos, Exu, Cigana e Nossa Sra. Aparecida
	Loja Carlos Senna		Nossa Sra. Aparecida
	Loja Cartola		Crucifixo
	Loja Darcy Maravilha		Nossa Sra. Aparecida e crucifixo
	Loja Darlan Alves		Nossa Sra. Aparecida com Menino Jesus no colo
	Loja Dedé da Portela		Quadro de Nossa Sra. de Fátima
	Loja Dicro		RMB
	Loja Chico Santana		Nome fantasia religioso
	Loja Chico da Silva		Bíblia
	Loja Ciganerey		Santinho de São Jorge
	Loja Ciro de Souza		Cartaz de show religioso.
	Loja Clara Nunes		Cartaz de show religioso
	Loja Claudio Camuguelo		Crucifixo
Gal. Bellini	Loja Clementina de Jesus		São Jorge e vela apagada do lado
	Loja Colombo Costa Pinto		<i>Manekineko</i>
	Barber Unity Style	Sr. Edmar Machado	Bíblia
	Loja Cristina Buarque		Nossa Sra. Aparecida
	Loja Daniel Collête		Crucifixo

	Loja Darcy da Mangueira		Quadro com Nossa Sra. de Fátima
Gal. Antônio Salim Arbex	Loja Celino Dias		Crucifixo
	Loja Casquinha da Portela		São Pedro, Nossa Sra. Aparecida
Gal. Shopping Juiz de Fora	Loja Diogo Nogueira		São Pedro, Nossa Sra. Aparecida
	Loja Djavan		Nome fantasia religioso
Rua Getúlio Vargas	Loja Dominginhos do Estácio		Crucifixo, Nossa Sra. Aparecida e Santo Antônio
	Loja Dona Ivone Lara		Nossa Sra. Aparecida e Santo Antônio
	Loja Dona Neuma		Crucifixo, espada-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode
	Loja Dona Zica		São Jorge e São Geraldo
	Farmácia São Jorge, nº 890	Sr. Dionísio Jansen Rodrigues	São Jorge, pimenteira, coqueiro, copo com água ao lado do santo
	Loja Donga		Nossa Sra. Aparecida
	Loja Dorina		RMB
	Loja Dorival Caymmi		Nossa Sra. Aparecida, Santa Clara e Santa Bárbara
	Loja Ederaldo Gentil		Santinho de Jesus Cristo
	Casa do Caboclo, nº 812	Dona Aparecida Lopes Furtado	Pai Tomás e Mãe Benedita
	Loja Edil Pacheco		Nome fantasia religioso
	Loja Mano Edgar		Nossa Sra. Aparecida
	Loja Ernesto Teixeira		Nossa Sra. Aparecida, com vela branca apagada do lado, espada-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode
	Loja Geraldo Pereira		Sagrado Coração de Jesus
	Loja Getúlio Marinho		Nossa Sra. Aparecida com vaso de flores vermelhas
		Muita Fé No Que	Santo Antônio,

		Faz	Nossa Sra. Aparecida, São Jorge, imagem colada em vela de Jesus, Maria e José, estátuas do Buda e <i>manekinekos</i>
	Loja Gilsinho		Oração a São Francisco
	Loja Graça Braga		Crucifixo
	Loja Gracia do Salgueiro		Nossa Sra. Aparecida e crucifixo
	Loja Heitor dos Prazeres		<i>Manekineko</i>
	Loja Hélio Bagunça		Nossa Sra. Aparecida e santinhos de São Jorge
	Loja Homero Ferreira		Nossa Senhora Aparecida
	Loja Igor Viana		Estátua de Jesus, Nossa Sra. Aparecida, Santa Edwiges e <i>manekineko</i>
	Loja Ismael Silva		Santa Edwiges e Santa Rita
	Loja Ivo Meireles		Pôster da catedral de Aparecida do Norte
	Loja João Nogueira		Sagrado Coração de Jesus, Nossa Sra. De Fátima e cartazes com eventos religiosos
	Loja J. Piedade		Nossa Sra. Aparecida e Santa Filomena
	Loja Jackson do Pandeiro		Crucifixo e RMB
	Loja Jair do Cavaquinho		São Jorge e copo de água ao seu lado
	Loja Jamelão		Crucifixo e Nossa Sra. Aparecida
	Loja João da Baiana		Crucifixo
	Loja Jorge Aragão		<i>Manekineko</i>
	Loja Jorge Veiga		Cruz do Tau
Mercado Municipal, 1º andar	Loja Jorginho do Império		Crucifixo e pôster de Nossa Sra. de Fátima
	Loja Jovelina Pérola Negra		Crucifixo e Nossa Sra. Aparecida
	Box Sabor de Minas	Sr. Adilson Antenor	Nossa Sra.

		Canêdo Dalpra	Aparecida, São Jorge, Santo Expedito, oração para Nossa Sra. Da Guia, sagrado coração de Jesus e sagrado coração de Maria
	Box São Francisco	Sr. Carlyle Francisco Lopes Barros	Imagens do Papa Francisco, Rosa Mística, Nossa Sra. de Fátima, Jesus, Maria e José, Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria
	Loja Leci Brandão		“Oração para purificar o ambiente”
	Loja Leo Russo		Oração “A loja de Deus”
	Loja Luiz Carlos da Vila		Pôster de Nossa Sra. de Fátima.
	Laticínios Café	Sr. Helder Lessa	Santo Expedito, São Jorge, Nossa Sra. Aparecida, terço, bíblia, RMB.
	Loja Manacéia		São Jorge, Nossa Sra. Aparecida, RMB.
	Loja Mano Décio da Viola		Pôster com imagem de Jesus Cristo
	Loja Mano Elói		Pôster com oração
Mercado Municipal, 2º andar	Quiron, nº 52	Dona Isabel	Assentamento de Oxóssi, bruxa, cigana, Nossa Sra. Aparecida, elementos de uso esotérico
	Loja Martinho da Vila		Santa Edwiges e São Jorge
	Loja Mestre Marçal		Oratório: Nossa Sra. Aparecida, Jesus, Maria e José, Santa Rita e crucifixo
	Loja Moacyr Luz		Quadro com imagem de Jesus
	Loja Moreira da Silva		Pôster de Nossa Sra. de Fátima